



Hospitalidade

Ano 86 | n.º 337 | Julho - Setembro 2022 | Trimestral | 5,50 €

A Revista da Província Portuguesa da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus

SOBRE K

Loucura do Amor

ENTREVISTA

Ir. Graça Guedes

CENAS E CENÁRIOS

O Homem Intemporal



450 ANOS

Ordem Hospitaleira

FICHA TÉCNICA

DIRETOR

José Paulo Simões Pereira
jose.paulo@isjd.pt

COORDENADORA

Susana Queiroga
susana.queiroga@isjd.pt

CONSELHO EDITORIAL

Diana Chaves
Margarida Cordo
Rui Ferreira Amaral
Sónia André

CONSELHO CIENTÍFICO

Vítor Viegas Cotovio
Presidente | vitor.cotovio@isjd.pt

Adelino Manteigas
Aires Gameiro
Ana Sofia Carvalho
António Leuschner
Caldas de Almeida
D. Jorge Ortiga
D. Manuel Clemente
David Padeiro
Eduardo Lemos
Fátima Carvalho
Fernando Pinho

Isabel Galriça Neto
Isabel Lima
Isabel Varanda
João Paulo Abreu
João Paulo Vidal
José Castelhão
José Manuel Jara
José Raimundo Costa
Luís Daniel Fernandes
Luís Filipe Fernandes
Luís Gamito

Luís Sá e Melo
Luísa Figueira
Margarida G. Neto
Michel Renaud
Nuno Lopes
Pacheco Palha
Paulo Braga
Ricardo Campos
Rocha Almeida
Rute Alves
Zeferino Venade Ribeiro

PROPRIEDADE

Provincia Portuguesa da Ordem
Hospitaleira de S. João de Deus
Contribuinte nº 500 224 269

EDITOR & SEDE DE REDAÇÃO

Instituto S. João de Deus
Rua S. Tomás de Aquino, 20
1600 – 871 Lisboa
Tel.: 217 213 300
E-mail: hospitalidade@isjd.pt
Contribuinte nº 500 927 731

REDAÇÃO

Diana Chaves
Susana Queiroga

FOTOGRAFIA E SELEÇÃO DE IMAGENS

Susana Queiroga

REVISÃO DE TEXTOS

Daniela Costa

ESTATUTO EDITORIAL

www.isjd.pt



INSTRUÇÕES AOS AUTORES

www.isjd.pt



IMAGEM DE CAPA
Museu S. João de Deus

DESIGN GRÁFICO E PAGINAÇÃO

Typeworks – Design,
Comunicação e Marketing

IMPRESSÃO

Jorge Fernandes, Artes Gráficas
Rua Quinta Conde de Mascarenhas
N9 Vale Fetal
2825 – 259 Charneca da Caparica

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL
2 750 Exemplares

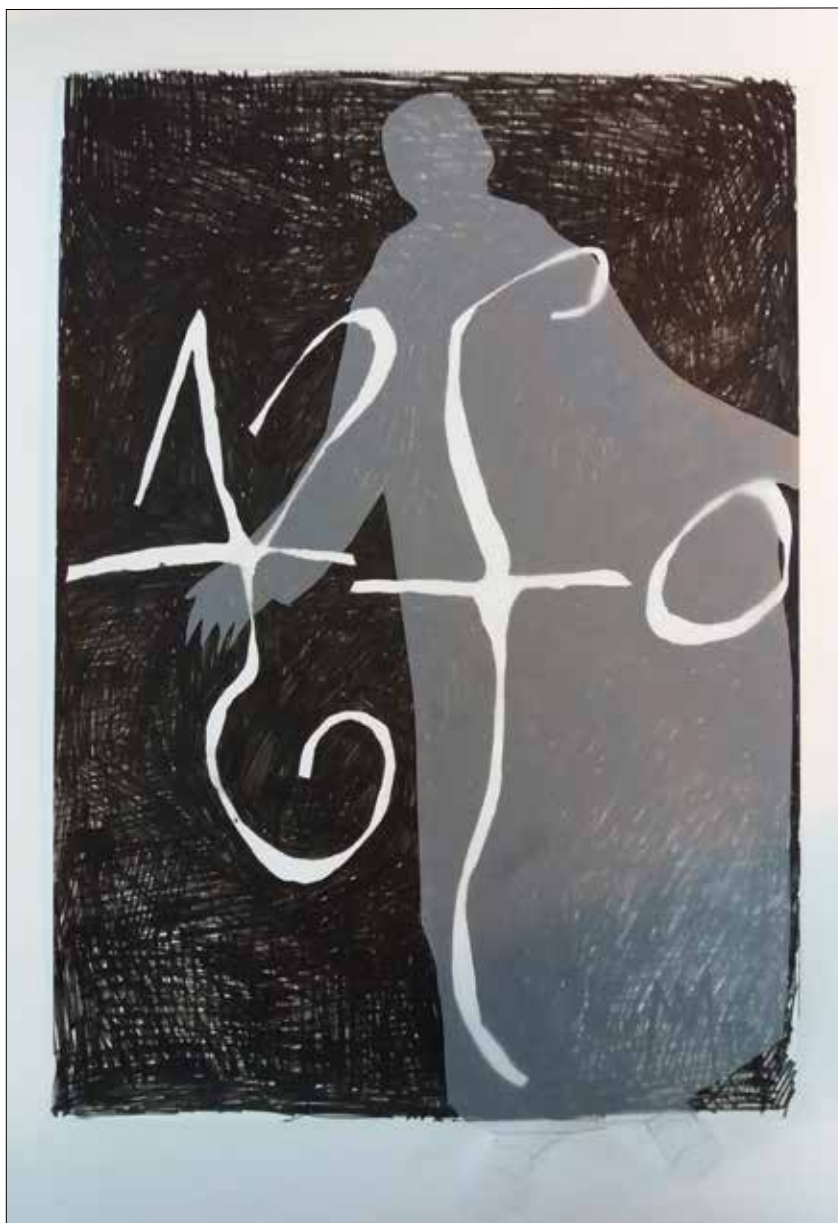
ASSINATURA ANUAL
20,00 Euro

DEPÓSITO LEGAL: 86985/95
REGISTO E.R.C.: 104805
ISSN: 0871-0090



SAUDAR-TE

A ARTE PELOS UTENTES DO ISJD



*Assinatura de S. João de Deus e Silhueta por Nelson Dente; Fotografia de Pedro Coelho.
Utentes do Instituto S. João de Deus –Télhal.*

EDITORIAL

A Ordem Hospitaleira, durante este ano de 2022, celebra 450 anos de existência e reconhecimento pela Igreja. Este é um número comemorativo da efeméride que tem um significado muito especial e é vivida em uníssono em todos os locais onde a Ordem está presente.

Por ser um número comemorativo, foi sujeito a um tratamento especial! Em primeiro lugar, pedimos aos cronistas residentes, com exceção do post-it, cujo formato obriga a uma composição diferente por parte do seu autor, que escrevessem sem limitações de caracteres. Confesso que foi um exercício que deu bom resultado e espero que a leitura do Sobre K ou Cenas & Cenários seja do agrado do leitor. Também o Pensamento Livre, que neste número foi escrito pela responsável do Museu S. João de Deus Psiquiatria e História, Dra. Carmina Montezuma (que colaborou na organização deste número), saiu do formato normal de duas páginas. É um texto pelo qual o leitor pode iniciar a imersão neste número e saber do que estamos a celebrar.

Os artigos apresentados são dedicados a dois aspetos presentes na certificação papal: um diz respeito à recolha de esmolas e o segundo fala-nos da importância do ministério sacerdotal (há 450 anos e hoje em dia) numa ordem religiosa laical. Não são artigos científicos como os que costumamos publicar, mas num número que se quer diferente e especial, fazem todo o sentido.

Os entrevistados foram três. Estivemos à conversa com a Irmã Graça Guedes, presidente da Conferência dos Institutos Religiosos Portugueses, cuja entrevista permitirá conhecer um pouco desta organização e como enfrenta os desafios colocados à vida consagrada. Não poderíamos deixar de escutar o Superior Geral, que nos exortou a comemorar a efeméride dos 450 anos, numa entrevista que promove uma leitura atual dos pressupostos do passado. E a entrevista realizada à Arquivista da Biblioteca da Cúria Geral, Chiara Donati (que, aqui entre nós, nos confessou ser a primeira entrevista que deu em toda

a sua vida), que nos mostra uma paixão imensa pela hospitalidade, vivida através de uma atividade de retaguarda face à missão da Ordem.

A arte dos Utentes vem com dose dupla, também ela celebrativa da missão. E, como a missão tem vida, o Suplemento revela ao leitor os últimos três meses de atividades nos Centros Hospitaleiros.

Fica ainda o convite para a leitura do conto vencedor do Concurso Literário – Conto Infantil sobre S. João de Deus, promovido pelo Município de Montemor-o-Novo e ao qual a Ordem Hospitaleira também se associou. Este conto abre o Suplemento dos Irmãos. Partilhamos também, ao longo da revista, as três menções honrosas. São conteúdos diferentes e publicamo-los tal como foram escritos pelos autores. E acrescentamos que foram submetidos a este concurso 127 contos sobre S. João de Deus, o que mostra o significado que este montemorense do século XV e XIV tem para tantas e tantas pessoas.

Este número da revista serve também para que o leitor se deixe tocar pela hospitalidade iniciada por S. João de Deus e assegurada por inúmeros Irmãos e Colaboradores durante os últimos 450 anos da Ordem Hospitaleira, reconhecida pela bula papal *Licet ex Debito*, emitida por S. Pio V, que da Ordem disse ser “a flor que faltava no jardim da Igreja”.



Susana Queiroga

SUMÁRIO

ANO 86 | N.º 337 | JULHO – SETEMBRO 2022

Hospitalidade

A Revista da Província Portuguesa da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus

EDITORIAL	04
POST-IT	06
NO QUADRO	07
ACONTECEU	08
SOBRE K	11

ARTIGO ESPECIAL

AUTORIZADOS A PEDIR: A MENDICÂNCIA DE CABEÇA LEVANTADA	14
--	----

ENTREVISTA

IRMÃ MARIA DA GRAÇA ALVES GUEDES	21
----------------------------------	----

CONTO

A CEGONHA DE JOÃO CIDADE	25
--------------------------	----

ARTIGO ESPECIAL

BULAS, BREVES, JUBILEU E MISSÃO	27
---------------------------------	----

CONTO

UM, DOIS, TRÊS... GRÃOS DE ROMÃ	33
---------------------------------	----

EXPOSIÇÃO

HOSPITALIDADE: CARIDADE & ASSISTÊNCIA	35
---------------------------------------	----

CONTO

JOÃO DE DEUS, UM HOMEM SANTO	37
------------------------------	----

ESCUTAR&AUSCULTAR

JESÚS ETAYO	39
-------------	----

ASSINATURAS	42
-------------	----

PENSAMENTO LIVRE	43
------------------	----

SUGESTÕES	46
-----------	----

SAUDARTE ESPECIAL	47
-------------------	----

CENAS&CENÁRIOS	48
----------------	----

CONTACTOS	51
-----------	----

SUPLEMENTO

IRMÃOS DE S. JOÃO DE DEUS	I – XX
---------------------------	--------



POST-IT

MÉSICLES HELIN BERENGUEL | PSICÓLOGO E SONOPLASTA



TANTO LUTO, MEU DEUS



É certo que cada um é livre de fazer o luto que quiser ou mesmo de não o fazer. Um luto não se faz por decreto. Mas, ditar três dias de luto nacional pela morte da Rainha, ainda que seja “a” Rainha, parece excessivo. Outros grandes nomes da história de

Portugal, que nos são bem mais próximos, não tiveram essa honra de Estado. Para outros nomes de portugueses que atualmente estão a escrever a história do mundo – é escusado nomeá-los – no desporto, na política e nas artes, quantos dias de luto serão decretados quando chegar o seu dia? Fico na expectativa de poder vir a saber. 

POLÍCIA DA MORALIDADE



Que mundo é este que precisa de ter uma força especial da polícia para fiscalizar a moralidade? Ser diferente no respeito pela liberdade própria e do outro é cultura. Onde é que começa e acaba a flexibilidade e o entendimento da diferença entre

entre pessoas e civilizações? Não fará parte da moralidade o humanismo? O que se percebeu no Irão foi que a polícia da moralidade não protege, mata. Policiar é – ou melhor seria – civilizar. Onde está a civilização quando atrás de uma morte vêm mais umas tantas? Em vez de civilizar, está o bestializar, animalizar e estupificar o Homem. 

A GENEROSIDADE ENGANOSA



O rendimento básico individual (RBI) pretende substituir os apoios sociais em vigor nos países da UE, como o subsídio de desemprego, o rendimento mínimo garantido e ainda os benefícios na saúde e educação. É uma medida cega e universal e não considera as especificidades das famílias

nem das comunidades. Pode agravar o desemprego e promover a desidentidade profissional. Dizem outros que alivia algumas famílias da aflição em garantir as suas necessidades básicas. O debate é aceso porque ainda faltam os resultados de projetos-

-piloto que estão a ser desenvolvidos. Vai-se criar mais riqueza ou acentuar o desemprego? A saúde mental vai beneficiar com esta garantia de todos terem algum dinheiro para pôr pão na mesa? Da política, chega a ideia de que o RBI é ensinar a pessoa a fazer nada e o insucesso do projeto da Irlanda que, segundo a leitura dos decisores, apenas serviu para aliviar o Estado Irlandês do subsídio de desemprego. O que dirão os pensionistas e os trabalhadores quando se virem desprovidos do que até agora descontaram a bem de uma garantia financeira na velhice? Em suma, o que pretende ser a revolução absoluta do Estado Social, mais parece adivinhar-se como o colapso de uma sociedade. 

OS REFERENDOS DE NINGUÉM



O processo de anexação das quatro regiões ucranianas pela Rússia é considerado absolutamente ilegal pelos especialistas em direito internacional. Os referendos não são válidos e a festa encenada no Kremlin foi para o Ocidente

ouvir. O presidente ucraniano cai na jogada do xadrez de Putin ao insurgir-se imediatamente com o pedido de inclusão da Ucrânia nas Nações Unidas. Por sua vez, a ONU não pode incorporar a Ucrânia no grupo porque as fronteiras que definem o país não estão definidas. Putin baralha o jogo e volta a dar no sentido de incomodar o Ocidente.

A verdade é a escalada de tom que esta manipulação vem provocando nos diferentes países. Não é de menor importância que o Brasil, a China, o Gabão e a Índia se mantenham neutros em todo este processo, o que é verdadeiramente inquietante. **H**

SEMANA DE TRABALHO MAIS CURTA



Antes de pensar em reduzir a semana de trabalho para quatro dias, seria bom reformar a cultura do trabalhador. Portugal é dos países europeus com o mais baixo rendimento de trabalho por pessoa. Ora, para reduzir a se-

mana de trabalho para quatro dias, será necessário aumentar o índice de produtividade em 20 por cento - uma meta muito longe de ser alcançada pelo trabalhador português comum. Para outros setores, pode ser a oportunidade de arranjam duplos trabalhos, tão comum em muitas profissões atuais. É uma forma de compor melhor as contas ao fim do mês, dizem. Mas, nem tudo tem que ser mau. A pandemia veio demonstrar que este modo de funcionar não encaixa em todas as pessoas nem em todas as áreas profissionais. Com o bom exemplo de lugares de trabalho saudáveis, pode ser que se consiga a educação para o profissionalismo e para a saúde mental dos portugueses. **H**

UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE



Tal como as fake news, os políticos com cadastro de corrupção fazem parte dos nossos dias. Temos que aprender a viver com eles e nesta realidade.

Lidar com uma sociedade corrupta tem três consequências

possíveis: 1) a revolta com um sentimento de inconformismo e injustiça; 2) a alienação da política visível no resultado da abstenção em eleições (presidenciais, assembleias...); 3) a conversão ao perfil de corrupto tido como comportamento esperto e adaptativo - "se não os podes vencer, junta-te a eles."

A alegria vivida pelas ruas do Brasil, e por muitos outros lugares no mundo, com a eleição do novo presidente - o nome pouco importa para o assunto deste post-it - diz-nos que depois da alienação o provérbio ganhou. Junte-se a eles. **H**

NO QUADRO

Violência e uso de força contra pessoas não resolve qualquer problema e, sob qualquer forma, não é aceitável.

MEHDI TAREMI,
jogador do FC Porto, sobre o caso de Mahsa Amini,
in *Sic Notícias*

A paz é uma urgência e uma necessidade.
JOSÉ FERNANDES E FERNANDES,
in *Público*

*Quanto mais servimos,
mais sentimos a presença de Deus.*
PAPA FRANCISCO,
in *Agência Ecclesia*

ISJD PARCEIRO DA EUROPEAN ASSOCIATION FOR PALLIATIVE CARE

O ISJD constituiu-se parceiro da European Association for Palliative Care – EAPC (Associação Europeia de Cuidados Paliativos), acolhendo a reunião do Board of Directors da EAPC, realizada nos dias 24 e 25 de setembro de 2022.

A EAPC é a maior associação de cuidados paliativos a nível mundial, sendo uma organização sem fins lucrativos dedicada à promoção e ao desenvolvimento de cuidados paliativos na Europa. A sua missão é promover o desenvolvimento de cuidados paliativos para todas as pessoas que deles necessitem, através de todo o ciclo vital, mediante iniciativas de educação, investigação, políticas e uma prática de cuidados baseada na evidência.

A EAPC tem como visão “uma só voz, uma só visão: um mundo sem sofrimento evitável, onde aqueles que sofrem duma doença ameaçadora da vida e seus familiares tenham acesso atempado a cuidados paliativos de elevada qualidade como parte integrante do sistema de saúde”.

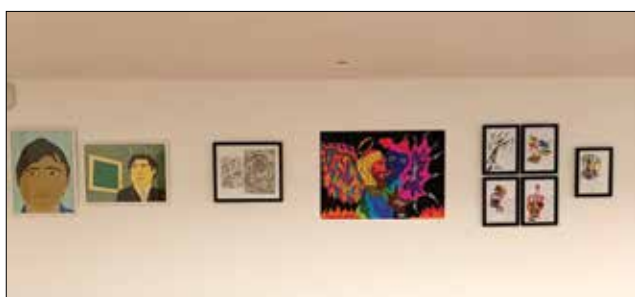
O Board of Directors da EAPC é composto por treze membros oriundos de diversos países europeus, Portugal é representado por Sandra Martins Pereira (Investigadora Principal FCT no CEGE, Centro de Estudos em Gestão e Economia, da Universidade Católica Portuguesa), que assume a vice-presidência do mesmo. Desta forma, pela primeira vez, Portugal passou a estar representado na direção da EAPC.



A realização do X Congresso Nacional e I Internacional da Associação Portuguesa de Cuidados Paliativos (APCP) em Lisboa em setembro de 2022 pareceu, pois, ser uma oportunidade relevante para que o Board of Directors da EAPC aí realizasse a sua reunião. Esta decisão possibilitou que o congresso da APCP contasse com palestrantes de renome internacional, o que enriqueceu, de forma inquestionável, a qualidade científica do congresso.

Para o Board of Directors da EAPC, a hospitalidade que caracteriza o ISJD foi notória e permitiu que os seus membros ficassem a conhecer a realidade desta instituição de forma mais próxima. 📍

ARTE PACIENTE



Esteve patente, entre 15 de julho e 28 de agosto, na Sala da Claraboia do Museu das Artes de Sintra (MU.SA), a mostra coletiva do Estúdio de Arte (atelier do Serviço de Reabilitação Psicossocial do Telhal) intitulada Arte Paciente. Esta exposição reuniu uma grande variedade de registos que vão desde a pintura ao desenho, passando pela instalação, fotografia, entre outros. Foram mais de 20 os autores participantes e foram exibidos trabalhos recentes e outros pertencentes ao acervo.

A origem do título desta mostra coletiva baseia-se na palavra Paciente como termo associado ao Utente, mas na verdade é aquele que tem paciência, a paciência que se procura treinar no atelier e a que nos ensina que a arte leva tempo. O objetivo era provocar espanto e, com isto, melhorar a perceção do público sobre a doença mental.

A Ordem Hospitaleira, onde se insere o centro assistencial

do Telhal, sempre valorizou as artes visuais e a escrita em contexto terapêutico, tendo sido criado, em 1920, o Museu da Loucura, mais tarde Museu Ergoterápico, que expunha trabalhos artísticos e jornais da autoria dos Utentes. Estas coleções encontram-se atualmente no Museu de São João de Deus – Psiquiatria e História e podem ser visitadas pelo público interessado.

Participaram nesta exposição:

Alfredo Mineiro; António Aleixo; António Estrela; António Xaínho; Eduardo Carvalho; Fernando Guilherme Azevedo; Francisco Gueifão; Hugo Dias; Jorge Neves; Jorge Silva; Joaquim Pacheco; José Carlos Pereira; José Alegria; José Mateus; Luís Raposo; Luís Sousa; Nelson Dente; Paulo Gomes; Pedro Cruz; Pedro Coelho; Pedro Nunes; Pedro Pico; Ricardo Oliveira; Rúben Teixeira; Tiago Silva e Vítor Teixeira. 📷

DIREÇÕES DOS CENTROS ASSISTENCIAIS TOMAM POSSE

Na sequência do XXX Capítulo Provincial, que se concluiu a 1 de abril de 2022, foram designados os novos membros dos Conselhos de Direção dos Centros do Instituto S. João de Deus (ISJD) para o desenvolvimento da missão da Ordem Hospitaleira em Portugal, no quadriénio 2022-2026.

As tomadas de posse aconteceram entre 4 e 12 de agosto para sete dos oito Centros, decorrendo a oitava no dia 9 de setembro. O Presidente do ISJD, o Ir. José Paulo Simões

Pereira, esteve presente em todos os momentos, nos quais foi entregue a cada membro da Direção uma patente para simbolizar o momento. Este ciclo de quatro anos desenvolver-se-á sob o lema do Capítulo, “Sair com paixão para promover a Hospitalidade”.

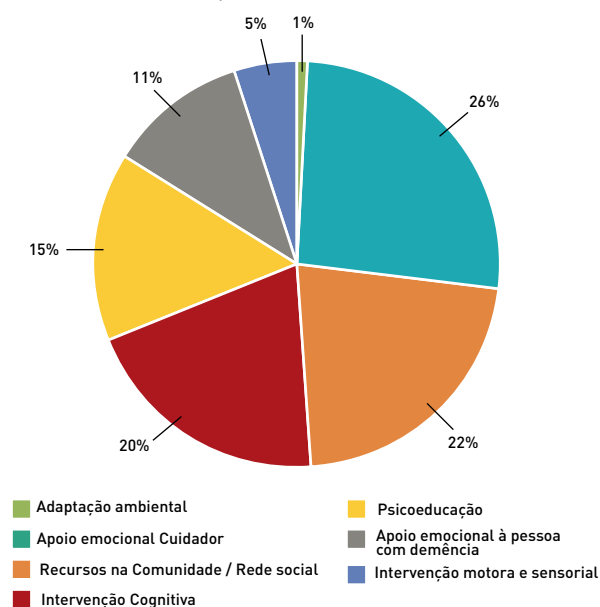
Conheça as novas equipas do Telhal, Funchal, Angra do Heroísmo, Barcelos, Ponta Delgada, Montemor-o-Novo, Areias de Vilar e Lisboa no site www.isjd.pt. 

CORREÇÃO DO ARTIGO INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA EM DEMÊNCIA

No número 335, dedicado ao tema “Viver com demência, compromisso coletivo”, publicámos um artigo acerca da resposta comunitária especializada em demências, Home 360, com um gráfico que apresentava dados errados. Como tal, aproveitamos este espaço para partilhar o gráfico corrigido, apresentando as maiores desculpas aos autores e aos leitores e convidando o leitor a revisitar este artigo!

Na página 17, o leitor deve considerar o “Gráfico 2: Domínios das Intervenções Realizadas” conforme aqui se apresenta. 

Gráfico 2: Domínios das Intervenções Realizadas





450 ANOS A TESTEMUNHAR A LOUCURA DO AMOR

EUGÊNIO FONSECA | PRESIDENTE DA CONFEDERAÇÃO PORTUGUESA DO VOLUNTARIADO

João Cidade, hoje conhecido como S. João Deus, foi o fundador da Ordem dos Irmãos Hospitaleiros. O seu nome de batismo e o que escolheu para se identificar, como religioso, espelham, por inteiro, a meu ver, a identidade da Ordem Religiosa que criou.

João é um dos nomes marcantes da história salvífica de Deus até aos nossos dias. Recordo três: João Baptista, que optou por uma vida austera, fez a transição da Antiga para a Nova Aliança ao ser o primeiro a anunciar, com muita convicção, que Jesus era o verdadeiro Messias. A sua opção de vida, ao vestir, comer e habitar de forma austera, levou a que tivesse um grupo restrito de seguidores; João, o discípulo amado, o único dos doze a ficar aos pés da cruz, nessa difícil situação, recebeu o mandato de cuidar da Mãe de Jesus e, em nome de todos nós, ficou a saber que Maria também é nossa Mãe. Escreveu o quarto evangelho, com uma marca muito direcionada para a preocupação de afirmar, inequivocamente, a filiação divina de Jesus e que veio habitar entre nós (cfr. Jo 1, 14) para anunciar a Boa Nova do Reino para que tenhamos vida e vida em abundância (cfr Jo 10, 10). São-lhe atribuídas três epístolas. Na primeira, ele centra-se no amor a Deus e ao próximo como condições indelévels para seguir a Jesus. Diz mesmo que o Amor é o nome de Deus (cfr. 1 João 4,8) e que não se pode dizer que se ama a Deus sem amar os irmãos, pois, se assim for, é-se mentiroso (cfr. 1 Jo, 4, 20); João XXIII, o Papa bom, que apesar de uma idade avançada aceitou o desafio enormíssimo, que o Espírito San-

to lhe lançou, de convocar um Concílio para que a Igreja se repensasse de modo a estar habilitada a responder aos sinais dos tempos. Muitos tentaram demovê-lo, mas ele sabia que a opção não era sua, mas de Deus. Não chegou a assistir, fisicamente, ao final da maior instância do governo da Igreja Católica. Já na presença de Deus, alegrou-se, decerto, com os bons frutos do que se veio a chamar Concílio Ecuménico Vaticano II; já não me parece que esteja, com Deus, feliz com a utilização dada aos bons frutos produzidos pelos participantes no Concílio. Estou convicto que já abraçou todas e todos que se esforçaram por colocar em prática as orientações conciliares e continua a interceder por quem continua a sonhar com uma Igreja que seja “Povo de Deus”, caminhando juntos, lado a lado, a construir um mundo novo em direção ao Reino de Deus.

João Cidade – S. João de Deus – tem, na sua identidade, algo da personalidade dos três personagens que procurei descrever, como sejam: O nome de João que, em hebraico, se diz *Yehokhanan* e significa, entre outros atributos, “a graça, a misericórdia de Deus”; João Cidade, nascido em Montemor-o-Novo, no ano de 1495, foi um bom cidadão, desempenhando com fidelidade as missões que lhe foram confiadas, realçando a de pastor, de militar na sua terra natal e de construtor civil, em Ceuta. Nestas e na missão maior da sua vida que foi dedicar-se aos pobres e aos doentes, fundamentalmente, os com pouca ou nenhuma sanidade mental, tornou-se um defensor da “*polis*” (cidade); João

de Deus tornou-se um discípulo autêntico de Jesus, vivendo com austeridade, testemunhando que Deus é amor e Ele é amado nos irmãos, principalmente, nos mais fragilizados. Foi tão ousado que o consideraram e trataram como um louco. Com a graça de Deus, viu a desumanidade com que eram tratados os deficientes mentais e aproximou-se deles para que, mesmo com as graves limitações que tinham, vivessem envolvidos na misericórdia que dá mais abundância à vida. De facto, João de Deus foi um louco, mas do amor de Deus pelos considerados “ninguém”. Fê-lo com a coragem e a convicção de ser essa a vontade de Deus. Contrariamente aos loucos, porque destituídos de capacidades psíquicas, a loucura gerada pelo amor, a graça e a misericórdia de Deus é contagiante. Isso prova-o a miríade de cristãos que decidiram seguir Jesus, entregando a sua vida, por inteiro, ao caminho trilhado por João de Deus. Incontável é o número dos doentes mentais, mesmo sem muitos deles terem consciência disso, que foram e são tratados como pessoas e assim viveram e vivem com a garantia do respeito incondicional pela sua dignidade como filhas e filhos amados por Deus. Os Irmãos de S. João de Deus estão espalhados por vários países. A todos, através dos Irmãos estão em Portugal, felicito os 450 anos da Ordem Hospitaleira ao serviço dos mais excluídos da sociedade, com a manifestação do meu grato reconhecimento pelo testemunho que dão de como se pratica a caridade verdadeira.

Durante os anos que lecionei Educação Moral e Religiosa nos Ensinos Básico e Secundário, uma das visitas de estu-

do obrigatórias era à Casa de Saúde do Telhal. Esta visita marcava a sensibilidade dos alunos. Também fui, a título pessoal, visitar alguns amigos, entre eles um padre que foi um cristão missionário em Setúbal.

A criação da Confederação Portuguesa do Voluntariado e o apoio prestado, desde a primeira hora, pelos Irmãos de S. João de Deus, proporcionou-me uma aproximação ao Instituto e levou-me a ter maior conhecimento dos seus dinamismos e ações. Em tempos celebrativos, é de bom tom dizer bem dos protagonistas dessas circunstâncias. O meu testemunho não tem uma matriz de mera urbanidade, mas é a expressão de um sentir, em que não se esgota toda a verdade, mas é feito com total sinceridade. Os Irmãos de S. João de Deus, bem como as Irmãs Hospitaleiras imbuídas do mesmo carisma, são uma fonte inesgotável de graça e misericórdia para as pessoas portadoras de deficiências psíquicas ou com dependências como a do álcool. Abertos à graça de Deus, têm sido capazes de discernir as necessidades de cada tempo e fazer as renovações que, iluminados pelo Espírito Santo, consideram incontornáveis. Assinalo duas que me parecem de grande relevância e podem servir de exemplo para outras instituições eclesiais.

A primeira, a primazia dada aos cuidados de saúde, apoiados por técnicos de saúde mental de reconhecida competência, introduziram novas tecnologias e terapêuticas, que permitiram melhores resultados no bem-estar dos doentes, mesmo daqueles a quem se pode aplicar a profecia de Isaías a respeito do Servo sofredor ao escrever: “*sem figura nem beleza, vimo-lo sem aspecto atraente, desprezado e abandonado pelos homens, como*

alguém cheio de dores, habi-



tuado ao sofrimento, diante do qual se tapa o rosto, menosprezado e desconsiderado” (Is 53, 2-3). A capacitação que marca a diferença do valor que se dá à dignidade humana, nas Casas de Saúde dos Irmãos de S. João de Deus, pois estes “servos sofredores” são tratados como pessoas. Todavia, não é só a qualidade de serviços terapêuticos que marca essa diferença, mas o cuidado que demonstram em dar primazia à relação humana. Mesmo que existam contrangimentos de comunicabilidade, eles são ultrapassados pela expressão bem direcionada dos afetos. Os Irmãos e os restantes Colaboradores do Instituto sabem que o deficit mental em nada afeta a força do amor que, demonstrado num simples abraço, faz tocar o mais íntimo do paciente, pois penetra num espaço que só o próprio e Deus conseguem alcançar. Nas Casas de Saúde de S. João de Deus, as tecnologias e as tecnocracias não esmagam o humano. Este é um caminho do qual não se podem desviar as instituições sociais e caritativas da Igreja católica. Em muitas delas já não é um risco, mas um perigo.

A segunda é para mim a prova de como não é possível existir uma Igreja sinodal, sem negar os aspetos perenes da sua Tradição, cuja essencialidade não está nos ritos e preceitos, mas na adaptação que deve ser feita segundo os sinais de cada tempo. É importante não esquecer que Jesus já viveu esta tensão com a hierarquia da sua religião: *“Hipócritas! Não solta cada um de vós do estábulo o seu boi ou o seu jumento ao sábado, para o levar a beber?”* (Lc 13, 10-17; *“Se um filho vosso ou um boi cair num poço, qual de vós não irá logo retirá-lo em dia de sábado?”* (Lc 14, 1-6). Os Irmãos de S. João de Deus, numa lúcida consciência de que a sua missão seria enriquecida, fazendo caminho lado-a-lado com as leigas e os leigos que com eles colaboram, não dispensam a reflexão e a tomada de decisões conjunta. O laicado que coopera com os Irmãos de S. João de Deus não é apenas ouvido para dar conselhos, mas participa nas decisões, sem desvirtuar a Regra deixada pelo fundador. Por ser assim, sou testemunha de como as mulheres e os homens, com mais idade ou mais novos, irradiam pelos seus olhos o espírito de quem é louco do amor que Deus coloca nos corações disponíveis e humildes.

Por último, deixo algumas interpelações. Como seria a si-

tução da saúde mental, em Portugal, se não existissem os Irmãos de S. João de Deus e as Irmãs Hospitaleiras? Seria um país ainda mais desumano no que diz respeito ao trato das pessoas limitadas na sua autoconsciência e as suas famílias viveriam em maior desespero. Mas, mesmo assim, persistem lacunas graves, no que diz respeito a esta patologia, no Sistema Nacional de Saúde. Existe um Plano Estratégico para este setor. Que resultados relevantes têm tido? A perceção que tenho é a de mais um repositório de boas intenções. Qual a dificuldade que impede que esse plano harmonize a dimensão clínica com a social? Num determinado período da minha vida, fiz várias interpelações a entidades competentes nesta área, mas sem nunca ter obtido justificações satisfatórias. As políticas relativas à Saúde Mental são vítimas de uma crónica deficiência na criação de políticas públicas que são construídas sem qualquer cuidado de implementar metodologias eficazes de articulação entre todas. Que razões existem para a não concessão de apoios financeiros para que instituições como a dos Irmãos de S. João de Deus possam responder a inúmeríssimas solicitações que têm? Que respostas sociais estão a ser planeadas, em número suficiente, que tranquilizem os pais com filhos portadores de doença mental da enorme angústia em que vivem, sem saberem o que poderá acontecer aos seus filhos após a morte dos pais?

A civilização hodierna não dá garantias de diminuir as graves perturbações psíquicas, desde as mais leves às mais graves. Basta pensar no recrudescimento das demências. O Papa Francisco assume uma preocupação que também deveria ser a de cada ser humano, ao dizer que *“estamos todos muito concentrados nas nossas necessidades, ver alguém que está mal incomoda-nos, perturba-nos, porque não queremos perder tempo por culpa dos problemas alheios. São sintomas de uma sociedade enferma, pois procura construir-se de costas para o sofrimento.”*¹

Desta maneira se recusam a viver os Irmãos de S. João de Deus, porque amam loucamente os seus irmãos, fundamentalmente os mais fragilizados. Bendita loucura! ☒

¹ Cf. FRANCISCO, *Fratelli Tutti*, n.º 65.

AUTORIZADOS A PEDIR: A MENDICÂNCIA DE CABEÇA LEVANTADA

RUI FERREIRA AMARAL, PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO S. JOÃO DE DEUS



Para angariar bens escassos (independentemente do benefício que se pretende obter e do subsequente uso), é preciso usar da capacidade de concretizar uma ação muito simples: pedir. Nenhum doador¹, por mais arrebatado, abnegado e altruísta, fará uma doação grande ou pequena, pontual ou frequente, sem que uma qualquer entrega lhe seja pedida. E, se a fizer, dificilmente irá ao encontro das reais necessidades da causa. Dará, sem porquê nem para quê e até sem saber se a doação que confia – em numerário ou em espécie²

– nesse ato, ficará aquém ou em demasia, face à eventual necessidade.

Na sua dedicação à nobre busca de bens escassos para suprir as carências da causa que defende, o espírito intrépido do angariador (ou *fundraiser*, designação anglicizada que, hodiernamente, tem vindo a receber maior aceitação – e até prestígio) tende a ser o ponto de envolvimento entre a necessidade que pretende colmatar e o desejo do (potencial)

A MENDICÂNCIA DE CABEÇA LEVANTADA

doador em atendê-la, obtendo um retorno, mais ou menos, esperado. Portanto, com suficiente frequência, o *fundraiser* encontra situações que o desafiam a procurar instrumentos de sucesso na complexa tarefa de encontrar, onde parece não existir, aquilo que procura: doadores para as causas ou, menos frequentemente, o reverso.

As mais recentes orientações (anglosaxônicas) na relação direta com o potencial doador propõem sete passos (que se enumeram, traduzem e adaptam livremente, para o propósito desta reflexão) a fim de alcançar a desejada esmola³:

1. *greet and build report* / saudação e informação sobre causa e consequências;
2. *update about the programme* / atualização (à data) da resposta dada à causa;
3. *ask for questions and feedback* / pedido de dúvidas e comentários;
4. *ask for the gift* / pedido de doação/contributo;
5. *secure the commitment* / garantia da concretização da doação;
6. *(or determine next steps)* / ou (sem doação) determinação de novas ações;
7. *follow-up and thank you* / acompanhamento da causa e agradecimento.

Pedir – seja ou não em causa própria – é sempre visto como um ato difícil e duro. Este suposto ato de humildade tende a ser olhado como um demérito ou retração na dignidade do próprio e que almeja interferir no equilíbrio emocional daquele a quem se pede, levando-o a recrutar uma resposta (entre adesão e repúdio) que lhe porá cobro. Por isso, o *fundraiser* foge deste ambiente “hostil”, de exposição direta da fraqueza, que parece colocar o pedinte sob a altivez e benevolência do seu benfeitor.

Por isso mesmo, o exemplo dos Santos, ícones de humildade e perseverança, é frequentemente usado – ainda nos nossos dias e em qualquer contexto de angariação (sem finalidade lucrativa ou com intuito comercial) – como a fórmula de sucesso, no uso da palavra oral ou escrita, em especial na relação com o doador, seja em ambiente privado ou perante uma assembleia. É nesta ancestralidade que repousa o atual conhecimento da arte. Repetidamente esmiuçado pela

academia e potenciado pelo lucro, é das suas combinações e adaptações que se constrói a prática diária da angariação de fundos.

Daí que se pretenda nesta reflexão, antes de olhar atentamente para o sétimo ponto da *Bulla Pontificallis Licet ex debito*, sobre a entrega do “benefício” a favor da Fraternidade de São João de Deus, detalhar a formulação do hábil pedido (súplica) de Rodrigo de Siguenza, (*fundraiser*) como Irmão Maior e defensor da causa que expõe, com evidente clareza e simplicidade, e que a ela insistentemente se refere no texto que dirige a Pio V, na hipótese de que vejamos plasmadas nas recomendações (ou passos) que abaixo se enumeram as boas práticas do relacionamento (mesmo que fisicamente distante) deste com o potencial doador.

1. SAUDAÇÃO E INFORMAÇÃO SOBRE CAUSA E CONSEQUÊNCIAS

Qualquer *fundraiser* sabe que cada doador é especial e único. O especial trato pelo nome, distinções e reconhecimentos é prática reveladora do cuidado com “aquele” doador em particular (inclusive o uso da carta manuscrita está a ressurgir pela evidente dedicação temporal à sua redação) e dispõe o destinatário a acolher o que lhe é dirigido. Atente-se ainda que, no aprofundamento da relação entre o angariador e o doador, o requinte na linguagem liberta-se das amarras da formalidade e absorve o calor da intimidade, onde já se admite maior proximidade e dedicação à causa e, por isso, também maior compromisso. Logo no início da sua missiva, Rodrigo declara não o nome do pontífice, mas querendo ser ainda mais revelador da intimidade relacional que pretendia, remata a primeira linha com a clara simplicidade em “*San-tíssimo Padre*” (aludindo não apenas à sua superior sacra condição, mas também à proximidade e intimidade que só um (respeitoso e dedicado) filho poderá ter com o seu pai (padre, pater). Dispensa-se o nome. Não haverá melhor saudação nem maior sinal da intimidade pretendida.

O seguimento do curto parágrafo dará ao Sumo Pontífice os dados informativos relativos à importância da causa que o suplicante pretende preservar e que este necessita a fim de se colocar “a par” da situação. Revela-lhe então a relevância da localização da causa (“*À cidade de Granada, onde está*»

A MENDICÂNCIA DE CABEÇA LEVANTADA



localizada a Real Chancelaria”) e a importância dos que a ela afluem (“é costume chegarem todos os anos numerosos estrangeiros que vêm tratar dos seus negócios”) evidenciando as (boas) possibilidades de “angariação de fundos” nas carteiras que circulavam. A ousadia de Rodrigo de Sigüenza é ainda maior quando declara ali haver “um hospital denominado São João de Deus”, tomando a veleidade do epíteto (apenas) pela fama de santidade que João Cidade havia adquirido aquando da sua morte⁴, dando ainda a entender ao leitor – e futuro doador – a legitimidade por eles adquirida, enquanto comunidade religiosa organizada, junto do povo (“onde vivem um Irmão chamado “Maior”, e outros dezoito que lhe prestam obediência”) para a continuidade da missão que desenvolviam (“e com as esmolas que o próprio hospital recebe, muitos cristãos pobres – incuráveis, velhos, doentes mentais, com doenças corporais – até ao número de mais de quatrocentos, são alimentados, tratados continuamente de mil maneiras) e como, graças a esta e ao esforço abnegado, de serviço e dedicado dos Irmãos, as constantes benfeitorias que permitiam a sua continuidade (“e todos os anos são gastos mais de 16.000 ducados, provenientes das esmolas dos bons cristãos, dadas aos irmãos que as pedem com so-

litude e se consomem com o seu espírito de caridade”). Ficará, supostamente, bem clara a discreta ligação entre os “que vêm tratar dos seus negócios” e “os bons cristãos” que financiam a obra de caridade que ali se presta.

2. ATUALIZAÇÃO (À DATA) DA RESPOSTA DADA À CAUSA

Depois do sintético prólogo que evidencia “quem somos” e “o que fazemos”, Rodrigo de Sigüenza anota o status quo que implica Pio V na problemática da luta contra os muçulmanos e das decorrentes consequências, que é bem assumido que a Santa Sé seja plena conhecedora (“Embora o número de pobres se tenha multiplicado devido à guerra combatida no ano anterior contra os Mouros, no reino de Granada) - a existência de maior número de carenciados e, pelo desvio de esforço financeiro para a guerra, da menor disponibilidade dos habituais contribuintes – para doar (“e as esmolas sejam menos do que eram antes,”). Dir-se-ia que “contra ventos e marés”, os corajosos irmãos continuadores da obra da Hospitalidade, “com grande esforço, não se afastaram minimamente da obra piedosa que iniciaram, mas com grande fervor, prosseguem a sua atividade de uma forma louvável e

A MENDICÂNCIA DE CABEÇA LEVANTADA

assídua". Sublinhe-se a importância de que, a esta altura, o *fundraiser* Rodrigo não coloca ainda a necessidade: estamos ainda a sentir o pulsar da vivacidade da causa e a revelar como a resposta que é dada é fundamental para bem daqueles que procuram e necessitam dos cuidados dos irmãos. Isso ele deixa para o parágrafo seguinte, permitindo que, na curta – mas bastante – pausa, o pequeno nó se instale no espírito do sacro leitor, deixando que este já antecipe a chegada do problema e deseje fazer parte da solução.

Uma vez mais, o intrépido emissor não dispensa aliviar a tensão com a evidente pausa, mas antes revelar ao potencial doador o verdadeiro problema – que inclusive “toca” o *core business* de Pio V – e que necessita urgentemente da sua intervenção, a fim de ser resolvido.

Rodrigo de Sigüenza identifica os elementos ativos da problemática (“*No entanto, homens de malícia indomável, ou seja, alguns leigos, indivíduos movidos pela ganância, desprovidos do temor de Deus, vestindo um manto que naquelas terras é chamado “Capote” e, normalmente “sayal” (feito de burel), que é também usado pelos irmãos, tomaram falsamente o nome do próprio hospital,*”), localiza geograficamente o centro da ação (“*tanto em Granada, como na cidade de Madrid, diocese de Toledo, na cidade de Córdoba, em Lucena, diocese de Córdoba, e dos hospitais fundados à semelhança do referido hospital de Granada, onde são praticadas obras de caridade análogas às dos irmãos do referido hospital,*”) e, por fim, entrega, no clímax da descrição, os motivadores da existência da carência que urge terminar, sob pena de ocorrerem consequências catastróficas (“*e atrevem-se a pedir insistentemente esmolas e a utilizá-las em usos malvados e condenáveis, com graves prejuízos para os fiéis pobres que se encontram nos hospitais para receber os cuidados necessários, ou para sobreviver.*”).

Instruída a problemática ao ilustre recebedor, e estando este já imbuído da factual perspectiva dos requerentes, restaria, portanto, proceder à formalização do pedido. No entanto, Rodrigo de Sigüenza permite-se, novamente, uma nova pausa, que prepara a mudança na “melodia” e que se consubstancia no momento tratado em seguida.

3. PEDIDO DE DÚVIDAS E COMENTÁRIOS

A falta de presença física do Irmão Maior junto do distinto (ainda potencial) doador foi certamente resolvida de forma

muito perspicaz. O encargo da entrega, em mãos, da súplica dirigida ao Sumo Pontífice pelos Irmãos Pedro Soriano e Sebastián Árias, deixava evidente a relevância do assunto nela vertido. Não houve terceiros mensageiros ou emissários, foram os próprios, implicados na missão e descritos na ação (permita-se repetir uma parte do excerto acima: “com grande esforço, não se afastaram minimamente da obra piedosa que iniciaram, mas, com grande fervor, prosseguem a sua atividade de uma forma louvável e assídua”) que, ao disporem-se em figura presente frente a Pio V certamente dele ouviram questões às quais era forçoso que facilmente respondessem em virtude da práxis que exerciam quotidianamente. O Irmão Maior, encarregado certamente de tarefas de administração – com toda a certeza semelhantes às de qualquer Abade seu contemporâneo – estaria dispensado do permanente e mendicante ordálio, recebendo a caridade de muitos, mas recolhendo também todo o tipo de resposta de repúdio e afronta. Os dois Irmãos enviados deverão ter também ouvido atentamente os, piedosos ou críticos, comentários do Pontífice, que Rodrigo deverá ter querido ouvir, aquando do regresso dos seus Irmãos, a fim de que toda a futura conduta dos empossados trouxesse ao magnífico doador o brio na causa que havia desejado ter também como sua.

4. PEDIDO DE DOAÇÃO/CONTRIBUTO

Chegados ao fastígio da missiva, atente-se à fórmula escolhida por Rodrigo de Sigüenza: pessoalizada, enaltecedora das abençoadas qualidades do destinatário, mas que não deixa de descrever as suas (insignificantes) responsabilidades do requisitante frente à magnânima personagem (“*Por isso, Rodrigo de Sigüenza, devoto de Sua Santidade, atual Irmão Maior do mesmo hospital de Granada, de Madrid, Córdoba e Lucena*”) de Pio V, antes de lhe requerer a confirmação da legitimidade procedimental e o reconhecimento dos homens ao serviço do Santo João de Deus e da sua missão ao serviço da igreja.

Na atualidade, a prática de construção de ações de angariação de fundos faz uso bastante da expressão “*call to action*”, no que respeita ao modelo de apelo ao qual se pretende que o doador reaja: intima, por isso, o destinatário, consciente da problemática em questão, a tomar uma ação concreta, despida de redundâncias ou prorrogações, e que dê mostra »

A MENDICÂNCIA DE CABEÇA LEVANTADA

inequívoca da plena vontade da sua intervenção e compromisso com a causa. Na prática, impele o potencial doador, confrontado com a clareza e assunção pessoal do pedido, a agir, na primeira pessoa.

O Irmão Rodrigo, lembrando a justa causa que apresentou, (*“a fim de mais facilmente se pôr termo aos factos acima referidos, para si próprio e para os outros irmãos dos hospitais de Granada, Madrid, Córdova, Lucena, e dos outros que devem ser erigidos da mesma forma, deseja firmemente que, agora e no futuro, (...)”*) inicia aqui o seu pedido a Pio V, repartindo-o pelas diferentes pretensões, de modo a que não se perca nenhum dos seus pedidos, e “permitindo” assim que o dador dê, a cada um, a firme resposta, tornando-o no “herói” e decisivo solucionador das consequências que afligiam a causa.

No tema da esmola, para o que emprestamos esta reflexão, propõe-se a redobrada atenção centrada apenas no pedido que a ela é relativo.

Pio V está suficientemente distante de Granada para que o assunto das esmolas não lhe seja relevante ou, alguma vez, necessite sequer da sua atenção. Contudo, como já vimos, Rodrigo de Sigüenza envolve o Sumo Pontífice como especial interessado para que aqueles seus súbditos ao serviço da Igreja e os fiéis que lhes prestam apoio não sejam ludibriados por mal-intencionados que manchariam o bom nome da Instituição. Por isso, não dispensa do doador nem a expressão do pleno mandato e permissão para o exercício dedicado da atividade de *fundraising* (*“Solicita igualmente a faculdade e a licença para pedir e receber esmolas, e que tudo seja realizado com o maior empenho”*) nem a do conhecimento do destino a que os bens recolhidos estariam obrigados (*“em prol dos hospitais e dos pobres”*). Ainda, numa fórmula estrategicamente bem construída, inscreve os locais onde almeja que tais autorizações vigorem (*“não só nos lugares onde se encontram os próprios hospitais”*) e deixa implícita a vontade de fazer crescer geograficamente a missão da hospitalidade (*“mas em todo o território das dioceses e províncias”*) respeitando os normativos, regras e hierarquias existentes (*“com autorização do Ordinário do lugar”*) e terminando, novamente, com a “vénia” indicativa do poder absoluto do doador sobre o benefício que está prestes a conceder (*“através da faculdade concedida por Vossa Santidade”*).

Exposta a necessidade da obtenção da legitimidade preten-

dida (causa) para a recolha das esmolas, havia que exortar o doador a concretizar a sua contribuição.

5. GARANTIA DA CONCRETIZAÇÃO DA DOAÇÃO...

São três os aspetos que se pretende dar nota neste ponto.

O primeiro é alusivo à requerida intemporalidade da doação (recorda-se novamente um excerto já usado (*“deseja firmemente que, agora e no futuro, (...)”*)). A entrega que está prestes a ser confiada reveste-se de uma importância tal que Rodrigo de Sigüenza não está disposto a que o tempo ou a memória (curta) dos homens lhe obliterasse o benefício que Pio V lhes poderia atribuir. Assim, aspira a que o Santo Padre se envolva na doação de benfeitorias, que correspondam às ambições (necessidades) descritas e que estas sejam concedidas, sem qualquer dúvida, em perenidade.

Quanto ao segundo ponto, atentando à consentaneidade da datação dos documentos (a Súplica com a referência *“Dado em Roma, em São Pedro, a 1 de janeiro, Ano sexto”* e a *Bulla Pontificallis Licet ex debito, assinada com a mesma data, “Dado em Roma, em São Pedro, no ano da Encarnação de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1571⁵, no primeiro dia de janeiro, sexto ano do nosso Pontificado. Laus Deo.*), não será pretensioso inferir quer da imediata comisseração que a missiva causou no seu destinatário, quer do expedito (e visível) sucesso obtido: os Irmãos Sebastián e Pedro saem de Roma com o documento nas mãos, redigido em solene aceitação dos factos descritos (alguns até textualmente plasmados), sendo os primitivos privilegiados conhecedores da boa nova que, dias mais tarde, iria chegar a Granada. No tema que tratamos, importa finalmente inscrever o texto correspondente ao resultado pretendido.

«7. mesmo modo [concedemos e outorgamos perpetuamente] que os irmãos possam pedir e receber esmolas de todos os fiéis cristãos em favor dos referidos hospitais e para os seus pobres, não só nas cidades e nas aldeias onde se encontram os referidos hospitais, como já se disse, como também em todos os seus distritos, dioceses e províncias, e que possam livre e licitamente converter essas esmolas para o serviço e o sustento dos referidos hospitais e dos seus pobres.»

Por último, e a fechar com a primeira referência, não é demais assinalar a vontade do caridoso doador de proteger a

A MENDICÂNCIA DE CABEÇA LEVANTADA



© UNSPLASH

inviolabilidade futura do documento emitido, precaução expressamente requerida pelo requerente (“13. Ninguém, pois, e de forma alguma, se atreva de modo imprudente a violar e transgredir este Nosso documento: faculdade, estatuto, ordenamento, mandato, preceito, concessão, indulto, declaração, vontade, decreto e inibição. Se alguém tiver a ousadia de atentar contra ele, saiba que incorrerá na indignação de Deus onipotente e dos seus Bem-aventurados apóstolos S. Pedro e S. Paulo”). Note-se também, nos últimos pontos do documento (ver o extenso ponto 10 e em especial as cláusulas derogatórias), a constante afirmação do alinhamento de tudo o que é concedido com todos os sacros documentos legais da Santa Sé, mas (ainda assim) deixando clara a sua autoridade mandando tornar pública a concessão (“ordenamos, pela nossa referida autoridade, aos nossos Veneráveis confrades: o arcebispo de Granada, e os bispos de Amerina e de Córdoba, que ambos, ou um deles, ou em seu nome uma outra pessoa, publiquem solenemente as presentes cartas, com quanto elas contêm, onde e quando for necessário, e todas as vezes que lhes for solicitado (...)”) e determinando sentenças e condenações para quem não as respeitasse integralmente (“e detenham quaisquer opositores e dissidentes

que não obedeçam às presentes cartas, com censuras e penas eclesiásticas e outras medidas legais apropriadas, sem direito de apelo, e declarando que eles, com legítimos procedimentos legais reservados a esta matéria, incorrerão nas referidas penas e censuras, agravando-as aliás várias vezes, recorrendo também, se necessário, ao braço secular”). Obtida a doação, o ponto seguinte parece perder a necessidade.

6. ...OU (SEM DOAÇÃO) DETERMINAÇÃO DE NOVAS AÇÕES

Quem opta por recusar ou adiar a doação não deve ser abandonado. São diversos os motivos que podem levar um potencial doador a não conceder o benefício pretendido, mas o sabe que o esforço despendido não pode ser simplesmente descartado. Fará, por isso, em concordância com o pretensão doador, a marcação de um novo encontro assim que tenha novas informações ou consequências da causa que se encontra por solucionar. Se ocorreu a desejada concessão do benefício, o doador ficará atento ao respeito que o recetor teve pela vontade que lhe foi expressa do destino a dar ao mesmo. Assim, é determinante o estabelecimento de um plano para entrega de informação relevante sobre a causa »

A MENDICÂNCIA DE CABEÇA LEVANTADA

ao doador, (“... se possa ulteriormente expor e esclarecer nas cartas e num Breve de Vossa Santidade ou de qualquer outra forma que pareça melhor, mais oportuna e mais conveniente para aqueles que repõem a ordem, desde que os irmãos estejam unidos sob a Regra de Santo Agostinho.”), tenha ele doado uma única vez ou pretenda agraciar a causa com novas contribuições, como acabou por ser o caso, com o Sumo Pontífice doador.

7. ACOMPANHAMENTO DA CAUSA E AGRADECIMENTO.

Pouco mais deve ser acrescentado ao tema que não a expressão da gratidão.

Certamente sincero, respeitoso e comedido, o agradecimento de Pedro Soriano e Sebastián Árias a Pio V trouxe à tradição hospitaleira a expressão com que o Sumo Pontífice coroaria a missão da nova congregação instituída, “*Esta é a flor que faltava no jardim da Igreja*”. Adite-se apenas o enaltecimento público que os Irmãos deixam na memória da Igreja e emprestam à História dos Homens, e que os Pontífices subsequentes puderam atestar na perseverança e exemplar continuidade da sua ação, dedicando-lhes um outro documento, “*Salvatoris Nostrí*”, onde reconhece e abençoa a causa que passou a admirar, a missão do hospital de João de Deus e os seus doentes, a precisar de constantes cuidados. Talvez tenha sido pela conjugação do evidente benefício (e prestígio) para a Igreja com a extrema dedicação e cuidado na atenção às necessidades dos doentes que cresceram tanto quanto a congregação se expandia no território, que tenha determinado que Sisto V emitisse o Breve “*Etsi pro debito*”, a 1 de outubro de 1586, reconhecendo-a como Ordem religiosa. Diríamos, a terminar, “missão cumprida”, mas na verdade bem sabemos que a missão do é contínua.

ÚLTIMA NOTA

A criação de uma relação positiva entre o angariador e o doador é o alicerce que conduz ao segredo da atividade de *fundraising*: a segunda doação. É nesta (e nas subsequentes) que reside o segredo da continuidade do suporte que o doador concede à (sua) causa. Por isso, a causa deve ser honesta, esmiuçada, coerente e justificada e exposta ao potencial doador com especial cuidado e empenho. Foi essa a exímia maestria revelada por Rodrigo de Sigüenza não apenas na

redação da Súplica, mas também na escolha dos mensageiros que e como a entregaram.

Hoje é máxima indissociável da atividade em que “People give to people”. É o slogan mais conhecido por quem desempenha funções nesta área. A súplica do Irmão Maior Rodrigo de Sigüenza (repare-se que não pede para comprar terras, edifícios, construir muros, mas sim melhorar o cuidado aos doentes - certamente algumas doações recebidas iriam para restauro, manutenção de estruturas e equipamentos, ou aquisição de roupas, mas o foco são as pessoas e a melhoria da atenção que lhes é dedicada). O pregão de S. João de Deus nas ruas de Granada (“Irmãos, fazei o bem a vós mesmos dando aos pobres”) para recolher doações (em espécie?) é o exemplo maior do contínuo cuidado aos necessitados que atendiam desde a primeira casa de hospitalidade na rua Lucena até ao “hospital” na encuesta de Gomez e que terá certamente sido aprendida e depois ensinada aos que a ele se juntavam no serviço da Hospitalidade. As pessoas dão para (ajudar) pessoas.

As diferentes abordagens que a cultura e o tempo estabelecem na práxis das atividades de angariação sempre apontaram “a relação” como o maior fator de sucesso nas campanhas. Todas as doações são diferentes, com diferentes propósitos e por isso, tal como cada doador que as concede, devem ser tratadas como únicas, isto é, requerem que o as valorize corretamente, mas cada uma merece (sempre) atenção e o correspondente agradecimento. Não deveria haver doação sem causa (genuína e com necessidades para resolver) como não deveriam acontecer doações sem agradecimentos. Retenha-se: sem relação não há doação. ■

¹ Agrega-se a esta designação, e para o propósito estrito desta reflexão, também a de benfeitor, destriça que se exerce na práxis da Fundação S. João de Deus, embora diversas publicações sugiram que as duas não se devam distinguir.

² Consulte-se o “Estatuto dos Benefícios Fiscais - Capítulo X, artigo 61º e 62º em <https://dre.pt/dre/legislacao-consolidada/decreto-lei/1989-34554075-106387815>.

³ Permita-se o seu significado “Favor de que não se espera retribuição; benefício”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/esmola> [consultado em 11-09-2022].

⁴ João de Deus, foi beatificado em 1630 e canonizado em 1690.

⁵ Atente-se à nota referente à justificação para o aparente erro de datação.

IRMÃ MARIA DA GRAÇA ALVES GUEDES

“O Carisma não é um património exclusivo dos religiosos”

SUSANA QUEIROGA, DIANA CHAVES



QUAL O PAPEL DA CONFERÊNCIA DOS INSTITUTOS RELIGIOSOS DE PORTUGAL NA IGREJA E NA SOCIEDADE?

A Conferência dos Institutos Religiosos de Portugal (CIRP) tem um papel relevante de comunhão entre os vários Institutos, com a Igreja, através da Conferência Episcopal, e também na sociedade em que vive, no contexto português. Internacionalmente, fazemos também ligação com conferências análogas.

O nosso papel passa por promover um melhor conhecimento da vida consagrada, tanto no contexto de Igreja como na sociedade, tentamos também ajudar cada instituto religioso na resolução de algumas questões que possam surgir e, por fim, estamos atentos aos desafios da atualidade que interpelam a nossa presença como religiosos no mundo e ver como responder a esses desafios com sentido profético. Em traços gerais, é isso que nós queremos e procuramos fazer. »

A PRESENTE DIREÇÃO DA CIRP TERMINARÁ O MANDATO EM 2023. ATINGIRAM TODAS AS METAS A QUE SE PROPUSERAM NESTE MANDATO?

De facto, na assembleia eletiva, procuramos definir logo alguns desafios ou linhas de ação para o triénio para qual somos eleitos, embora na nossa atuação não nos foquemos só no que foi ali definido. Ao longo dos três anos, surgem questões que nos obrigam a mudar a nossa direção. Foi o caso deste triénio. Quando pensámos nos objetivos, não pensámos, por exemplo, na preparação para o Sínodo, foi algo que surgiu entretanto e que acabámos por trabalhar muito no contexto da CIRP. Fizemos duas assembleias focados neste contributo que, como consagrados, queríamos levar e deixar ao Sínodo. Pensámos, no entanto, nalgumas coisas, como seja a atenção aos sinais dos tempos, que de certa forma até está colocada na questão da sinodalidade. Mas sim, concretizámos já alguns desafios, por exemplo a comunhão com a Igreja, a Jornada Mundial da Juventude. Nas nossas assembleias, procurámos responder a este desafio, criando um conhecimento mais próximo e ver como os nossos institutos também podem ser uma ajuda para que os jovens possam viver uma Jornada com a participação de todos, nomeadamente a presença dos diferentes carismas, das especificidades de cada instituto. Claro que não chegámos ainda ao fim do mandato, temos uma preocupação com a formação inicial dos candidatos à vida consagrada, existe na CIRP uma comissão que se ocupa especificamente deste tema da formação inicial. Por outro lado, fizemos algum trabalho no âmbito da Ecologia Integral. De certa forma, no conjunto das metas e dos objetivos, posso dizer que estamos a fazer caminho e a conseguir concretizar aquilo a que nos propusemos.

COMO VÊ E COMO SE VIVE A QUESTÃO DA PARIDADE NO CONTEXTO DA CIRP?

Esta é uma questão pacífica e muito assumida. Assume-se com tranquilidade e responsabilidade. Desde o seu

"Temos que fazer um maior investimento numa Pastoral do Testemunho, da presença"

início que a CIRP teve presente esta questão e considero-a muito oportuna e atual. Quem iniciou este processo de junção das conferências dos religiosos e das religiosas numa só, e esta junção não acontece em vários países da Europa, considerou desde logo esta modalidade de a cada triénio, alternadamente, ora preside um homem, ora, no triénio seguinte, preside uma mulher. Portanto, de

início ficou assim preparado e não há questões, há um caminho feito e assumido por todos. Depois, quando é uma mulher a presidir, ficam três mulheres na equipa, quando é um homem a presidir, ficam três homens. Nunca senti, e estive na anterior equipa como vice-presidente, nenhum constrangimento. Está assumido, é um caminho bem feito, já com 17 anos, e espero que não se perca.

QUAIS SÃO OS MAIORES DESAFIOS QUE SE APRESENTAM HOJE NO CONTEXTO DA VIDA RELIGIOSA?

Um deles é a questão do envelhecimento na vida consagrada, o envelhecimento dos seus membros. Outro, que para mim é importante, é a questão da diminuição das vocações. Um outro desafio é a vivência da fraternidade e a nossa capacidade de sermos um testemunho para o mundo, para que a vida religiosa, que eu considero essencial na Igreja, não deixe de luzir, não deixe de estar presente, isso implica, da nossa parte, que não se cruze os braços perante este momento a que chamamos de "Inverno da vida consagrada". Também é muito importante o caminho que se tem feito de abertura da vida consagrada aos leigos, ou seja, de não considerar que o nosso carisma não é um património exclusivo dos religiosos, mas também que os leigos, que estão connosco em missão, vivam este carisma. Isto também é muito importante.

DENTRO DESTES CONTEXTO DOS DESAFIOS, SOB O PONTO DE VISTA DA CIRP, QUE PAPEL ASSUMEM HOJE OS SUPERIORES MAIORES?

Penso que um papel importante é o cuidado dos seus Ir-

IRMÃ MARIA DA GRAÇA ALVES GUEDES

mãos. É muito importante a humanidade do Superior Maior, promover, em todos os sentidos, os Irmãos, seja humanamente, seja nas qualidades de cada um. No fundo, para além da gestão de todo o instituto, é importante a humanidade com aqueles de quem se é Irmão e com quem se vive a fraternidade e a forma como se cultiva isto no instituto. Isto inclui a parte humana, como dizia, a parte intelectual, a missão que é confiada ao Irmão. É uma tarefa difícil.

HÁ JÁ ALGUM TEMPO QUE SE VERIFICA UMA DIMINUIÇÃO DO NÚMERO DE VOCAÇÕES, TRANSVERSAL A CONGREGAÇÕES MASCULINAS E FEMININAS. COMO PODE A VIDA RELIGIOSA SER VISTA COMO UMA OPÇÃO PARA OS JOVENS?

(Risos) Não tenho uma fórmula, porque se calhar não é de fórmula, mas sim de testemunho e de vida e mesmo assim não é fácil. Esta é hoje uma tarefa complicada porque a vida religiosa não atrai, como dizem, de imediato. Embora haja alguns, os jovens já não nos buscam como antes, espontaneamente. Não encontram, no imediato, respostas para eles na vida religiosa. Nós hoje, se calhar, temos que fazer um maior investimento numa Pastoral do testemunho, de presença, temos de ser nós a sair do nosso conforto. O Papa diz aos jovens para saírem do conforto, mas eu também digo que nós temos de sair do nosso conforto para ir ao encontro dos sítios onde eles se encontram. Isso implica alguma ousadia, alguma descomplicação de vida. A minha experiência atual passa pela Pastoral Universitária e vejo que estou como um peixe fora da água, gosto do que faço, mas sinto-me fora. É um desafio, se nós não formos, eles não nos conhecem, embora investiguem muito, pela internet. Mas, se não estivermos onde eles estão, serão muito poucos aqueles que nos procuram. Depois, é a nossa vida e as nossas casas: temos de ser uma família. Este é um aspeto que todos procuramos e a vida religiosa também é uma família, mas uma família de escolha, eu escolhi esta vida e esta família. Não é uma família carnal, mas é tecida de relações humanas.

ATUALMENTE, É INCONTORNÁVEL O TEMA DOS ABUSOS SEXUAIS POR PARTE DA IGREJA. NA SUA PERSPETIVA, QUE DANOS CAUSA ESTE TEMA À VIVÊNCIA DA FÉ E À OPÇÃO PELA VIDA RELIGIOSA?



Este é um tema complexo e que nos causa muita perplexidade. Na vivência da fé, pode criar dúvidas, sobretudo nas pessoas que têm na Igreja um testemunho de santidade, de não ir por estes caminhos. Eu confesso que não conheço nenhuma situação em que se esteja a viver assim, mas acredito que possa causar estas dúvidas, principalmente a jovens e adultos. Quanto à opção pela vida religiosa, no discernimento até pode ter estas dúvidas, mas pode superá-las e encontrar um caminho que corresponda às suas expectativas, embora isso também dependa muito da pessoa que encontre e com quem esteja a fazer esse caminho de aproximação e discernimento da vocação. Se não houver um bom acompanhamento, pode cair tudo por terra. Com os jovens com quem tenho contactado, não vejo que tenham dúvidas ou receios, mas podem nem expressar o que possam estar a sentir sobre esta questão que é uma face negra na vida da Igreja. »

IRMÃ MARIA DA GRAÇA ALVES GUEDES

A CIRP TEM ALGUM PLANO DE AÇÃO A ESTE RESPEITO?

Temos debatido isso nas assembleias. As congregações têm os seus planos feitos, algumas têm comissões para tratar destes assuntos. Como CIRP, não temos uma comissão específica, é uma decisão que tomámos, porque nos queremos associar ao que está a ser feito pela Conferência Episcopal, e por isso o nosso caminho é conjunto. Temos tido um processo conjunto no qual a comissão que está a tratar o tema com a Conferência Episcopal é a mesma que trabalha connosco. Por conseguinte, estamos a fazer o mesmo caminho que a Igreja, pelo que o que é conhecido pela comunicação social inclui a CIRP e a Conferência Episcopal. É por aqui que temos trabalhado e estamos a aguardar o relatório final. Quando as congregações nos pedem alguma ajuda específica, nós procuramos dar essa ajuda.

O QUE É QUE PODEMOS APRENDER COM AS NARRATIVAS DAS VÍTIMAS?

Vou dar uma opinião que é muito pessoal. Nunca escutei nenhuma vítima, mas pelo que me é dado a conhecer, considero que é preciso ter coragem para partilhar. Quem passa por esta circunstância tem que ter, de facto, muita coragem para partilhar isto que a marcou para a vida toda. Eu aprendi a estar muito mais sensível a estas questões. Por vezes, passamos e não nos apercebemos dos meandros, nem das questões, nem das pessoas. Temos de aprender a estar mais atentos e mais ativos. Quando trabalhamos com crianças e jovens, e eu há muitos anos que o faço, pelo menos até à data nunca ouvi nem percebi nenhuma situação. Aprendi que temos de estar mais atentos. É sermos capazes de estarmos atentos e ativos na nossa realidade, sobretudo com crianças, porque são situações muito dissimuladas, muito complexas.

ENQUANTO IGREJA, COMO PODEMOS SUPERAR O PASSADO, QUAL “O PLANO DE TRATAMENTO”?

Em primeiro lugar, temos que acolher as vítimas, ter a capacidade de as acolher integralmente. O Papa tem pedido perdão, nós também o temos feito, temos esse dever para

"É muito importante a Humanidade do Superior Maior"

com as pessoas que foram maltratadas. Também temos que lhes dar a segurança necessária, não deixar em vão ou passar adiante, temos que ter a coragem de fazer alguma coisa por essas pessoas. Temos ainda que confiar: quanto ao passado, não podemos mudá-

-lo, mas podemos ter uma atitude diferente no presente. Impressiona-me como já estamos a trabalhar nisto há algum tempo e ainda há relatos de situações a acontecer atualmente. É mesmo uma doença. Se há casos com um ano ou dois, isto é mau. Temos que fazer muita coisa, sobretudo denunciar, de acordo com as normas da Igreja e as normas e lei civis. Temos que denunciar.

A ORDEM HOSPITALEIRA ESTÁ A CELEBRAR 450 ANOS COMO INSTITUTO RELIGIOSO. DAMOS A DEVIDA IMPORTÂNCIA AO ESFORÇO DO PASSADO E DOS QUE TORNARAM POSSÍVEL O CONTEXTO EM QUE NOS INSERIMOS?

Não tenho dúvida que sim! Uma instituição que dura tantos anos, só pelo facto de celebrarem esta marca, é um sinal positivo, que vejo com fé. Se não se desse importância a esse esforço do passado, as raízes fundacionais, a renovação do carisma e a atualização da própria missão, não chegaria aos 450 anos. Seria impossível. Penso que sim, ainda que não conheça profundamente o trabalho da Ordem. Aprecio muito o carisma, o foco na misericórdia, próprio do carisma da hospitalidade, olhar para o que sofre, como seja por exemplo o doente mental. Eu sinto que não teria vocação para este carisma, acho que não conseguiria trabalhar, mas aprecio muito e valorizo muito. Efetivamente, tanto a Ordem, como as Irmãs hospitalleiras, têm um papel relevante na nossa sociedade. Desde o seu início, passando por tantas crises e dificuldades, conseguiu sempre atualizar-se e manter-se vivo. Claro que fui conhecer alguma coisa mais e fiquei impressionada com a forma como trabalham a inovação na missão, ou com os leigos. Quando se trabalha o carisma com os leigos da forma como o estão a fazer, é um sinal claro de que há uma aceitação e atualização do carisma. Do pouco que conheço, isto é visível, continua a passar-se a chama sem menosprezar o passado. ■

A CEGONHA DE JOÃO CIDADE

ANA GOUVEIA ROCHA

Pela planície dourada, pintalgada de sobreiros, planam muitas cegonhas que não têm mãos a medir. Como todos sabem, têm dos ofícios mais nobres e de maior responsabilidade no mundo: trazer os bebês.

Do topo duma casa caiada, com janelas emolduradas a azul, uma cegonhita espreita, a medo, do seu ninho.

“Tão alto, brrrrr” – estremece assustada. O pai, sereno, de longo bico alaranjado e asas imponentes, acaba de pousar no ninho e adivinha-lhe o pensamento.

“Nunca vou ser capaz, tenho tanto medo...” – lamenta, escondendo o bico nas penas do pai que a puxa para debaixo da asa.

“Vou contar-te uma história que aconteceu quando ainda não tinhas nascido, queres ouvir?” – e puxou para si a cegonhita que se aconchegou, toda ouvidos.

“Em 1495, ali na rua Verde, esperavam ansiosos a minha chegada. Pendurado no meu bico, embalado no baloiçar do voo, dormitava João, embrulhado num lençol de linho.”

“Quem era João?” – interrompeu, curiosa, a cegonhita.

“Vá, sem interrupções, ouve com atenção... Durante quatro horas, as cegonhas sobrevoaram, em alvoroço, a igreja de Santa Maria do Bispo enquanto os sinos não descansaram e, o padre viu cair do céu um feixe de lume sobre a casa abençoada. Sabia-se que nascera alguém especial e divino. Batizaram-no de João Cidade.” – o pai cegonha narrava a história enquanto apontava a fronteira com Espanha a Este.

“Aos 8 anos, vi João partir ali para Espanha e fui atrás dele, voando pelos campos, vendo-o pastor até ter idade para ser soldado e, depois, vendedor ambulante. Foi por essa altura que assisti aos milagres que começaram a acontecer. João viajante chamava Nossa Senhora que surgia para o ajudar e

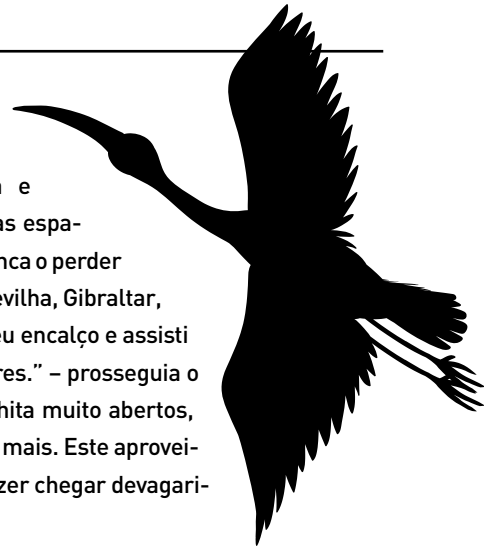
eu, a cegonha protetora, como que um pai do céu, observava e sobrevoava muitas terras espanholas, teimando em nunca o perder de vista. Por Oropesa, Sevilha, Gibraltar, Ceuta mantive-me no seu encalço e assisti a vários dos seus milagres.” – prosseguia o pai e os olhos da cegonhita muito abertos, brilhavam, ansiosos por mais. Este aproveitou-a distraída para a fazer chegar devagariinho ao parapeito.

“Certa vez, ao cruzar-se com um menino pobre, descalço e andrajoso, vi João parar para lhe dar os seus sapatos e levá-lo aos ombros. Quando chegaram a uma fonte, o menino chamou-lhe João de Deus e contou-lhe que a missão da sua vida seria em Granada. E assim João se decidiu a ficar por Granada onde abriu uma livraria.” – avançando, enquanto a cegonhita mergulhava na história, o pai deixava-a oscilar ao sabor da brisa quente.

“Tempos mais tarde, João foi ouvir o Mestre João de Ávila que pregava o sermão, em voz muito alta, num grande largo cheio de gente e as palavras que ouviu mudaram-no para sempre.” continuava o pai, balançando-a, debaixo da sua asa, bico para frente, bico para atrás, bico para a frente, bico para trás...

“Mas como? O que dizia ele? Mudaram-no como?” – interrompia a cegonhita entusiasmada.

“Ouviu palavras de amor, de generosidade, de fazer sempre o bem e isso fez João sentir-se próximo de Deus. Ouvia uma voz doce e forte que o chamava, sabia que tinha uma missão »



A CEGONHA DE JOÃO CIDADE



especial a cumprir. E nesse mesmo momento, comecei a ouvir as pessoas lá em baixo a dizer 'João saiu de si! João saiu de si! João saiu de si! À sua volta, julgavam-no a enlouquecer. Mas eu sabia que não. João estava a encontrar-se. E ouvia o seu coração que palpitava para espalhar a bondade.' – o pai relembrava a história e mantinha a cegonhita empoleirada, à beirinha, no vaivém do vento.

"João acabou por ser internado durante uns meses. E ao ver como tratavam os doentes, sonhava criar um lugar onde pudesse tratar de todos com cuidado e dignidade. Quando saiu do hospital, vagueou durante anos, ajudando, pelas ruas de Granada e deixando em casas de famílias ricas os pobres e doentes que levava ao colo" – prosseguiu a grande cegonha aproveitando para, delicadamente, levantar a cegonhita no ar, segurando-a apenas pelas asitas abertas.

"E o que acontecia quando recuperavam?" – seguia atenta e interessada, enquanto baloiçava e se habituava ao corpo quase solto no ar.

"Juntavam-se a João, ajudavam-no a acolher outros doentes, eram muitos os seus seguidores. Assim surgiu a casa na Rua Lucena e logo que esta casa se tornou pequena, para tantos doentes e necessitados, ajudaram a abrir uma casa maior na Rua de Los Gomeles e anos mais tarde, chegou mesmo a construir um hospital para os seus doentes." – lá ia contando o pai que, cuidadoso e sempre atento, fez uma breve pausa para a largar.

"Ora, o bispo de Tuy, orgulhoso com a generosidade e bondade de João, ordenou que lhe chamassem João de Deus e cedeu-lhe um traje religioso, a que chamam hábito." – acrescentou a sorrir ao ver a cegonhita a dar às asas sem ajuda.



"E aconteceram mais milagres?" – perguntava a cegonhita maravilhada, sem se aperceber que já planava quase sozinha, apenas tocando a ponta da asa do pai.

"Sim. Certo dia, um grande incêndio devorava o Hospital Real de Granada que acolhia tantos doentes e João de Deus conseguiu entrar no Hospital em chamas e salvar muita gente. Todos reconheceram o seu incrível milagre!" – continuava o pai enquanto guiava a cegonhita e sobrevoavam o castelo.

"João continuou a dedicar-se aos doentes com a ajuda de muitos e com as esmolas que juntava nas longas viagens. Esta vida árdua deixou-o aos poucos mais fraco e João foi adoecendo. Comia pouco, nunca descansava, dormia no chão com uma manta velha, andava com pouca roupa e sem sapatos. Esquecia-se de cuidar de si, mas vivia a cuidar de todos." – a grande cegonha encaminhou a cegonhita a pousar, suavemente, na torre do relógio. E olhando a planície em redor seguiu o relato. "Acabou por partir no dia 8 de Março de 1550 e conta-se que as suas roupas emanavam um aroma delicado e encantador que perdurou por muito e muito tempo. E sabes o que aconteceu mais de cem anos depois? Declararam-no Santo." – explicou o pai com um ar terno e devoto, passando a asa pela cabeça da cegonhita.

"É a história de São João de Deus! O nosso protetor! O padroeiro de Montemor-o-Novo, pai!" – interrompeu a cegonhita entusiasmada e de asas abertas, lançando-se da torre, deixando o medo para trás. A grande cegonha juntou-se a ela num longo voo em pirueta.

"Ali está o convento São João de Deus que foi construído onde o Santo nasceu. Que vida incrível!" – a cegonhita, confiante e sem se desequilibrar, apontou com uma das asas.

"Sem dúvida. O nosso Santo viveu para os outros, ajudou a construir um hospital em Espanha e toda a vida se dedicou aos doentes e a todos os que dele precisavam." – concluiu o pai orgulhoso, tanto por ter seguido de perto uma vida tão rica como por olhar a sua cegonhita que crescera e voava segura. Brilhavam os últimos raios do dia e a planície cor de mel preparava-se para adormecer. Lado a lado, as duas cegonhas planavam agora juntas, sem se tocar e o pai fechava os olhos pensativo. "Mal posso esperar para ver quem trará em balardo, no teu bico, no baloiçar do teu voo." ■

PRIMEIRA MENÇÃO HONROSA DO CONCURSO LITERÁRIO – CONTO INFANTIL SOBRE S. JOÃO DE DEUS, PROMOVIDO PELO MUNICÍPIO DE MONTEMOR-O-NOVO.



O LOUCO DE DEUS

POR ZEFERINO VENADE RIBEIRO



Um dia, há mais de 500 anos, na Vila de Montemor-o-Novo, os sinos da Igreja do Castelo tocaram misteriosamente sem parar, como se estivessem a cantar: hoje nasceu o João, dlim, dlão. Hoje nasceu o João, dlim, dlão...

Quando viram o Rei Dom João II passar, a caminho de Évora, os pais do bebé tinham decidido que o filho haveria de ter o nome do Rei.

– O nosso menino há de ser também um Príncipe Perfeito! - disse Teresa, a mãe. O pai, André Cidade, concordou. O menino chamou-se-ia João Cidade.

Pouco tempo depois, o rei D. João II morreu. Foi escolhido para governar um seu primo, D. Manuel, que logo reuniu com os conselheiros em Montemor-o-Novo e ordenou:

– No mesmo mar sem fundo em que mandou El-Rei D. João Segundo, descobriremos o caminho para a Índia e chegaremos ao fim do mundo!

Assim foi e, em menos de três anos, as naus, comandadas por Vasco da Gama, chegaram à Índia. O menino João gostava de ouvir os vendedores ambulantes contar histórias das terras e povos do Oriente. João não tinha dinheiro para comprar o que quer que fosse, mas as histórias eram de graça e ele sonhava com aventuras nos oceanos.

Aos 8 anos de idade, para surpresa de todos, até porque era um bom rapazinho, João fugiu para Espanha na companhia de um padre e de uns saltimbancos. Caminharam muitos dias e, com os pés cheios de gretas e de sangue, chegaram ao planalto de La Mancha. João estava exausto e ficou com um homem bom chamado Francisco Cid.

Por não saber quem eram os pais dele, sabendo-o apenas filho de Deus, Francisco terá sido o primeiro a chamar-lhe João de Deus. Deu-lhe o pão, a educação e uma profissão. João trabalhou como pastor até ser homem e decidir que não queria mais guardar ovelhas, mas o seu benfeitor avisou-o de que tinha outros planos:

– Quero que cases com a minha única filha, a herdeira das terras e do gado.

Ao João não apetecia e, numa tarde de Verão, quando se refrescava à sombra de um moinho, planeou escapar. Jovem e cheio de energia, resolveu ser soldado. Receberia pouco em troca: caldo duas vezes ao dia, uma esteira de palha e a possibilidade de viajar. Desde aí, peregrinou muito. Foi soldado em duas ocasiões e durante pouco tempo. Nessa altura, andou a cavalo, o mais das vezes a pé, fazendo grandes distâncias, descalço, sem destino - “como um barco sem remos”, diria ele numa das suas cartas. Quando voltou a Portugal, soube que os pais tinham morrido. Apesar de estafado, João recusou o convite de um tio para ficar em Montemor. Dessa vez, fugiu da tristeza.

João animava-se quando lia. Os livros são como as viagens, pode-

mos conhecer coisas novas e ter satisfação sem sair do lugar, por isso, para dar alegria aos outros e ganhar algum dinheiro para o sustento, João decidiu vender livros. Granada, no Sul de Espanha, era um lugar cheio de movimento e oportunidades de negócio. Lá assentou, junto à porta da cidade, onde muita gente ia à feira, uma manta velha com os seus livros.

No dia de S. Sebastião, quando tinha 42 anos, foi à missa e as palavras poderosas do Padre João de Ávila sacudiram-lhe o pensamento. Saiu da igreja desatinado, correndo pela cidade, chorando, rasgando os livros de cavalaria, despiando-se para dar a roupa aos pobres e, arrancando os cabelos, gritava:

– Misericórdia Senhor, Misericórdia Senhor para este grande pecador! Alguns rapazes agrediram-no, dando-lhe empurrões e ofendendo-o:

– O vendedor de livros está doido por Deus! Tirem daqui o maluco! Levaram-no à força para o grande Hospital Real e fecharam-no numa pequeno quarto. Deram-lhe os tratamentos que eram habituais na época, açoites e banhos de água fria para acalmar os nervos. João sofreu muito. Quando soube do seu padecimento, o seu Mestre, João de Ávila, decidiu protegê-lo e João, ao ver como tratavam os doentes, informou-o:

– Nesta cela escura, encontrei o meu caminho. Com o auxílio de Jesus, hei de ter um hospital para tratar de outra maneira aqueles a quem falta o juízo e os desgraçados.

Depois de sair curado, de uma casa pequenina fez um hospital: a casa de Deus. Para arranjar dinheiro, andava pelas ruas pedindo esmola, levando ao ombro uma sacola de serapilheira, a capacha, onde tanto cabiam pedaços de pão como fios de ouro.

– Fazei o bem a vós mesmos, dando aos pobres! - apregoava.

Ao vê-lo com o cabelo rapado, vestido com um tecido grosso e áspero, um jovem, por coincidência chamado João de Ávila, pediu para colaborar com ele. Respondeu-lhe:

– Vem! Para evitar confusões com o nome do Mestre, chamar-te-ei Angulo.

Daí por diante, Angulo, não obstante estar enamorado por Beatriz de Ayvar, foi o seu mais fiel companheiro. Outros o seguiram, porque João tinha boas falas. Conseguiu que Antão Martín e Pedro Velasco, zangados, fizessem as pazes e, emocionados com o que lhes disse, deitassem tudo para trás das costas, o seu ódio e até o seu modo de viver.

– João, estamos arrependidos. Queremos agasalhar os doentes, limpar-lhes as feridas, alimentá-los e escutá-los como

tu fazes - disse Antão, o mais velho dos dois.

– Irmãos, a pousada está aberta, mas, se vierdes aqui, haveis de trabalhar como o Angulo, muito mais do que tendes trabalhado, e obedecereis. Fareis tudo pela cura dos pobres, como se fosseis à Índia em busca de riquezas, porque essa é a vontade de Deus.

Juntos, davam força uns aos outros, mas tiveram de mudar para uma casa maior, porque eram muitos os miseráveis e a todos queriam tratar como se fossem hóspedes.

Certa ocasião, no Hospital Real, fizeram uma fogueira tão grande, para assar perdizes e coelhos inteiros, que o fogo chegou ao teto. A madeira incendiou e as chamas depressa alastraram ao edifício inteiro. Ao ouvir os gritos de socorro, João, que conhecia bem todas as enfermarias, os pátios e as escadarias, entrou sem medo por entre uma nuvem de fumo. Foi tão espantosa a sua coragem e força, carregando às costas os doentes por entre as labaredas, que, muitos daqueles que o julgaram louco, exclamavam agora:

– Milagroso! Milagroso! É Santo! É Santo! S. João de Deus!

Marqueses, duquesas, arcebispos e o povo foram ajudando a crescer a fama da sua hospitalidade. Todavia, nada quis para ele, manteve sempre grande humildade e mais depressa cuidava dos outros do que de si. Morreu fraco, febril e desgostoso, depois de entrar no rio gelado, para tentar, sem conseguir, salvar um moço que lá tinha caído.

A chefia do seu hospital passou para o Irmão Antão. Angulo continuou a cooperar, mas casara entretanto com Beatriz. Desde há cinco séculos, milhares se juntaram à sua missão, frades, os Irmãos de S. João de Deus, e colaboradores leais, todos inspirados pela sua “loucura” de fazer o bem. Há hospitais modernos, ao seu estilo, espalhados em mais de 50 países e, claro, em Montemor-o-Novo. Protetor da cidade, o dia 8 de março, que foi o dia em que ele poderá ter nascido e, com certeza, o dia em que morreu, é até feriado.

Duplamente louco de Deus, apaixonado por Deus e abençoado por Ele, jamais acabará a história do irrequeto menino montemorense que, sem embarcar nas caravelas, encontrou fortuna na alma dos pobres e chegou aos quatro cantos do mundo. ■

VENCEDOR DO CONCURSO LITERÁRIO – CONTO INFANTIL SOBRE S. JOÃO DE DEUS, PROMOVIDO PELO MUNÍCIO DE MONTOMOR-O-NOVO.

CHIARA DONATI

SUSANA QUEIROGA E CARMINA MONTEZUMA



TEM 56 ANOS E É FORMADA EM LITERATURA ANTIGA, CATALOGAÇÃO DE PATRIMÓNIO CULTURAL E, PELA ESCOLA DO VATICANO, FORMADA COMO ARQUIVISTA. ESTAGIOU NO ÂMBITO DO RESTAURO E CONSERVAÇÃO DE OBRAS DE PAPEL. INICIOU A SUA ATIVIDADE PROFISSIONAL EM FLORENÇA HÁ QUASE 20 ANOS. ATUALMENTE, VIVE E TRABALHA EM ROMA COMO ARQUIVISTA DA CÚRIA GERAL DA ORDEM HOSPITALEIRA DE S. JOÃO DE DEUS.

A CHIARA É RESPONSÁVEL PELO ARQUIVO E BIBLIOTECA DA CÚRIA GERAL DA ORDEM HOSPITALEIRA. COMO É VIVER A HOSPITALIDADE NUMA ÁREA CULTURAL?

Boa pergunta e é uma questão que me faço muitas vezes: como viver a hospitalidade no contexto do Arquivo Geral e da Biblio-

teca? O meu modo de viver a hospitalidade é através do acolhimento das pessoas que me enviam pedidos de investigação, que se colocam em contacto connosco para poderem consultar os documentos do arquivo. Exprimo, portanto, a hospitalidade neste sentido de acolhimento destas pessoas, ajudando-as a concretizar a sua investigação ou a resolver, uma vez ou outra, qualquer problema de conhecimento, contando-lhes a nossa história. Muitas pessoas que aqui acorrem, algumas já formadas, outras a terminar a sua formação, por vezes não conhecem nada da história da Ordem ou de S. João de Deus. Por conseguinte, estes momentos são, para mim, muito edificantes porque eu sou responsável por transmitir e contar a vida de S. João de Deus e da Ordem, não só através de um ponto de vista histórico, mas também transmitir os valores da Ordem e sobretudo, os valores que nos transmitiu S. João de Deus. Por isso, quando as pessoas aqui vêm pergunto logo: “conhecem S. João de Deus? conhecem a Ordem?”, porque não se pode começar uma pesquisa sem se conhecer bem estes dois aspetos. E o que me deixa muito feliz é que as pessoas ficam muito impressionadas, porque conhecem a Ordem através da existência do Hospital da Ilha Tiberina, mas não têm um conhecimento mais profundo da obra de S. João de Deus e da dimensão da Ordem em todo o mundo. Efetivamente, para mim é um momento de grande emoção e tenho tanta vontade de transmitir aos outros o que foi a Ordem, o que é hoje e o que, espero, continuará a ser no futuro. E que anotem que tudo isto existe, porque existiu S. João de Deus e existiram os seus seguidores. É isto para mim a hospitalidade, uma vez que o meu trabalho não é o de estar junto aos doentes, mas é, seguramente o de acolher o melhor possível os que nos procuram, ainda que, para mim, o estudo dos documentos sobre a assistência hospitaleira nos tempos idos, também me permita estar, de certo modo,

junto aos doentes. Contacto com o modo como eram cuidados, ao estilo e valores de S. João de Deus, e que hoje se podem encontrar em toda a atividade de saúde da Ordem nos cinco continentes. Portanto, viver a hospitalidade é transmitir culturalmente a história da Ordem e de S. João de Deus, da melhor forma e de modo a que as pessoas se sintam à vontade, e sobretudo que eu esteja totalmente disponível para responder às suas dúvidas e às necessidades que tenham na sua pesquisa.

QUAIS SÃO AS ATIVIDADES PRINCIPAIS A QUE SE DEDICA?

Eu sou arquivista, mas também me ocupo da Biblioteca e trabalho na Secretaria-geral, sendo que é esta última a atividade que me toma mais tempo, na gestão do arquivo corrente. Por conseguinte, divido-me entre estas três funções. A Secretaria-geral pressupõe o contacto com a Ordem nos cinco continentes e isso implica recuperar os documentos do arquivo corrente para poder ajudar a resolver algum problema que possa chegar de qualquer lugar onde a Ordem está presente. Depois, a Biblioteca, que é um espaço que implica a gestão de todos os livros e sua catalogação e arrumação no sítio próprio, é fundamentalmente um trabalho de arquivo, neste caso, arquivo histórico. Claro que a Biblioteca e o Arquivo são duas estruturas ligadas entre si, mas que nascem de um modo diferente: o Arquivo nasce espontaneamente quando é instituído um ente, foi instituída a Ordem e nascem todos os documentos que se associam a este acontecimento, é automático, é uma necessidade que decorre de algo que começa; a Biblioteca nasce por uma questão cultural com um fundamento de coleção, de agregação, portanto, um contexto diferente do arquivo.

PORQUE É QUE É IMPORTANTE PRESERVAR TODOS ESTES DOCUMENTOS E EM QUE MEDIDA ELES PODEM CONTRIBUIR PARA A CONSTRUÇÃO DE UM FUTURO EM HOSPITALIDADE?

A necessidade de conservar, preservar e tutelar os documentos, sejam os de arquivo, sejam os que constituem uma biblioteca, documentos que se tornam parte da história da Ordem, é a de conferir uma identidade à Ordem. Neste caso, tutelamos a identidade da Ordem: sem arquivo, perde-se a identidade e um ente. Por exemplo, quando ocorreram as invasões napoleónicas, uma das coisas que fizeram foi confiscar todos os arquivos e levá-los

para França. Isto tinha uma intenção muito concreta que era a de apagar a história, apagar a identidade do país conquistado. Daí a importância dos arquivos, aí se encontram as provas que certificam um determinado acontecimento. Há, portanto, a necessidade de conservar os documentos que, neste caso, conferem à Ordem a sua identidade, a sua história, de maneira a que se possa recontar no futuro o que aconteceu. É imprescindível, não podemos considerar que estes documentos se percam, tanto a documentação antiga, como os documentos mais modernos e em suportes que possam ser resistentes ao tempo, sabendo que o papel se pode desfazer e nem os arquivos em discos são eternos, têm uma vida limitada. Os documentos históricos têm de ser defendidos, os documentos atuais são os documentos históricos no futuro. Portanto, são fundamentais para que se possa tutelar a identidade da Ordem e sobretudo para que a história continue no futuro: perdemos os documentos antigos, perdemos a história. Será difícil reconstruir uma história com tantos anos como os que tem a Ordem.

QUE COLABORAÇÃO ENCONTRA ENTRE AS DIFERENTES PROVÍNCIAS E O ARQUIVO E BIBLIOTECA DA CÚRIA GERAL?

Estando aqui no arquivo da Cúria Geral, colaboro, naturalmente, com as diferentes províncias. Uma são mais antigas, outras mais recentes e por conseguinte com um conceito de arquivo um pouco diferente de uma Província mais antiga que por vezes tem um arquivista profissional que tutela todo o arquivo e até o possa abrir ao público. Em geral, temos uma boa relação de colaboração. Por exemplo, o último trabalho que realizei foi o livro dos 450 anos da Bula Licet ex debito, foi um livro que partiu desde o Latim e depois foi traduzido nos sete idiomas, incluindo o pedido ao Papa, que foi o primeiro documento que permitiu que o Papa concedesse a Bula. Ora, todas as imagens que ilustram esse livro foram obtidas com a colaboração das Províncias que responderam ao pedido que que enviassem os documentos e imagens que recordassem e homenageassem este momento de há 450 anos. Devo dizer que gostaria de intensificar as trocas e esta colaboração entre a Cúria Geral e as Províncias. Sei que o tempo é sempre escasso para todos, mas quando há boa vontade e vontade de concretizar, consegue-se arranjar disponibilidade. Até isto é uma forma de hospitalidade, o estar disponível para os que estão nos

arquivos provinciais e eles disponíveis para nós, isto é também viver a hospitalidade.

O ARQUIVO E A BIBLIOTECA ESTÃO ABERTOS AO PÚBLICO DIARIAMENTE? QUE TIPO DE LEITORES FREQUENTAM O ARQUIVO E A BIBLIOTECA?

Antes de tudo, dizer que o Arquivo e a Biblioteca são privados, não estão abertos ao público diariamente, até porque uma parte do meu tempo é dedicado à Secretaria Geral, como referi. São abertos a pedido prévio, que deve ser feito pelos investigadores ao Secretário geral. Apresentam o pedido, explicando o motivo e a natureza da investigação e a necessidade de aceder ao arquivo, no fundo é o mesmo procedimento para consulta deste tipo de arquivos, com uma carta de apresentação e um currículo. Temos correspondido frequentemente a estes pedidos. Para mim, é importante que o arquivo seja vivo, afastado da ideia de um aglomerado de documentos, cobertos de pó. Os arquivos são históricos, mas são vivos porque falam daquilo que era e daquilo que é. As visitas são programadas, este ano tivemos mais de 20 investigadores que solicitaram a consulta e com quem estou em permanente contacto. A investigação acontece, depois necessitam de voltar ou pedem algum dado que eu mesma possa dar, sem terem que voltar até porque alguns são de fora de Roma e facilitamos, portanto, a informação sem precisarem de se deslocar (para mim até isto é hospitalidade). Fico muito contente quando vêm os investigadores, é abrir o cofre da história da Ordem, dá-me muito gozo.

O ARQUIVO TEM DOCUMENTAÇÃO RELATIVA À HISTÓRIA DA PROVÍNCIA PORTUGUESA?

Sendo Cúria Geral, sempre houve comunicação com a Província, portanto sim, temos documentos da Província Portuguesa e de todas as outras Províncias, por conseguinte, qualquer investigador português pode pedir para os consultar. Mas não são informações que chegam diretamente, logo organizadas em dossiers, são por vezes registos de reuniões do definitório geral, desde 1700, uma vez que se perderam muitos documentos que foram saqueados. Mas é um arquivo rico em documentação, pode reconstruir-se a história da Ordem em Portugal ou em qualquer outra Província antiga da Ordem. Há tempos, colaborei com a Província da Alemanha, que celebrou 400 anos, e encontramos muitos documentos que serviram para

fechar algumas interrogações, para preencher alguns aspetos que não tinham por lá. Podem sempre contar, para isto, com a Cúria Geral.

QUAL É O DOCUMENTO PELO QUAL TEM MAIOR ESTIMA E MAIS GOSTA DE DAR A CONHECER AOS QUE VISITAM O ARQUIVO?

Nós temos as cartas de S. João de Deus, são os documentos mais importantes e origem de tudo, são uma fonte de informação preciosa. Não só porque são documentos espirituais de S. João de Deus para toda a Ordem, mas também porque são documentos plenos de informações a nível histórico. Seguramente que são os mais importantes. Temos muita atenção com elas porque não se podem expor muito tempo à luz. Quando há eventos importantes e as mostramos, é um momento emocionante, eu que por vezes tenho de as mostrar, confesso que é muito emocionante. São um testamento, é a sua palavra! Podem não ter sido escritas diretamente por ele, podem ter sido ditadas, mas são S. João de Deus, é a Ordem, somos nós nelas. Também os arquivos relativos à canonização falam de si e da sua obra, é o testemunho de tantos que dele falam e da sua obra.

ESTAMOS A CELEBRAR OS 450 ANOS DA BULA QUE RECONHECEU A ORDEM HOSPITALEIRA E O TRABALHO DOS IRMÃOS DE S. JOÃO DE DEUS. QUAL O CONTRIBUTO QUE O ARQUIVO E A BIBLIOTECA DÃO PARA ESTAS CELEBRAÇÕES?

O contributo foi esta edição do pedido ao Papa e da Bula que ele emitiu, este livro que foi distribuído por todas as Províncias. Foi um grande trabalho porque fizemos as transcrições do Latim e as traduções. Esse trabalho acompanhei-o diretamente, contando com a colaboração das Províncias, conforme referi antes. Descobrimos que quase todas as Províncias tinham uma pintura que retratava a entrega da Bula a Sebastião Arias e Pedro Soriano. Foi um trabalho importante, até de catalogação dos documentos, contando com um belo e generoso contributo da Província Portuguesa, através do Museu e da Carmina. Houve algumas coisas que estavam pensadas, mas não se puderam concretizar por causa da COVID-19. Também houve um aumento das visitas ao longo deste ano, como referi antes, porque estamos a viver um momento especial. Divulgámos dentro do possível este acontecimento. ■

PEÇAS COM HISTÓRIA

DUAS PINTURAS DO BEATO CANUTO FRANCO

O Museu S. João de Deus possui uma importante coleção de pintura, de grande qualidade artística, datada do século XX, da autoria de vários Irmãos de S. João de Deus portugueses e espanhóis que, além da sua consagração religiosa na Hospitalidade, cuidando dos enfermos, tinham um dom artístico e pintavam nos seus tempos livres.

Neste grupo de Irmãos hospitaleiros artistas, encontra-se o Beato Canuto Franco Gómez (23.12.1871- 01.09.1936) que foi mártir da Guerra Civil Espanhola, tendo sido beatificado com outros 70 Irmãos Hospitaleiros, em 1992, pelo Papa João Paulo II.

O Beato Canuto Franco Gómez deixou uma obra pictórica significativa pelo seu valor espiritual, cristão e de cariz histórico para a Ordem Hospitaleira, tendo pintado sobretudo retratos e motivos religiosos.

O Museu S. João de Deus tem em exposição duas pinturas a óleo sobre tela que representam “S. João de Deus, Esmoleiro” e o “Arcanjo S. Rafael”, ambas de sua autoria, estando assinadas “Fr. [Frei] Canuto Franco”.

O retrato de “S. João de Deus, Esmoleiro” foi inspirado na gravura de F. Sanguinetti, datada do século XIX, representando o Santo da Caridade no célebre Hospital “de la Charité” de Paris, conforme vemos na imagem.

Estas duas pinturas são provenientes da centenária Casa de Saúde S. João de Deus no Funchal, Ilha da Madeira.



© MUSEU S.J.D



© MUSEU S.J.D



© MUSEU S.J.D

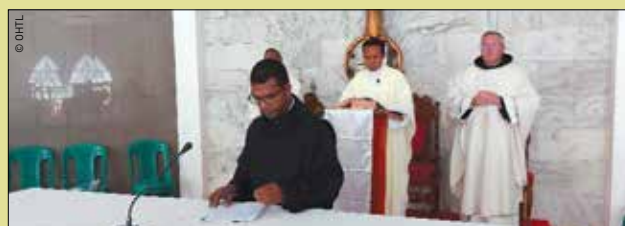
Nota do editor: Repetimos esta publicação do número 336 porque o texto não correspondia nem às imagens, nem ao título. Pelo lapso apresentamos as nossas desculpas. 🙏

NOVICIADO NAS FILIPINAS

No dia 29 de junho, os dois postulantes José Alves Seco e Simão Doutel partiram de Timor para o noviciado nas Filipinas. Foram acompanhados pelo Irmão Elvis do Rosário, Mestre de Postulantes em Timor-Leste. Os dois, neste momento, estão no postulan-

tado filipino para um período de adaptação à cultura, ao ambiente e idioma do país e às relações interpessoais com os postulantes vindos de outros países. Em breve, ingressarão ao noviciado, em Amadeu-Filipinas. 

VISITA DO SUPERIOR PROVINCIAL



Entre dias 19 de agosto e 2 de setembro, realizou-se a visita do Irmão Provincial, José Paulo Simões Pereira, à Missão da Ordem Hospitaleira em Timor-Leste (Dili e Laclubar). Esta visita teve a finalidade de visitar e realizar os encontros individuais e em grupo com os Irmãos e Colaboradores.

No dia 26 de agosto, decorreu a cerimónia de entrega dos Irmãos Domingos da Silva e Adão Soares a Deus à Igreja, na Ordem Hospitaleira de S. João de Deus. Nesta cerimónia, as famílias e os dois Irmãos vestiram-se com os trajes tradicionais. Foram acompanhados pelas autoridades locais, famílias, jovens, adultos, crianças, com danças tradicionais e ritos tradicionais.

No dia 28 de agosto, durante a eucaristia do XXIV domingo do tempo comum, decorreu a Profissão Simples do Irmão Adão Soares e a Profissão Solene do Irmão Domingos da Silva. A Profissão dos dois Irmãos foi recebida pelo Provincial, Irmão José Paulo, como delegado do Superior Geral, Irmão Jesus

Etayo. A celebração eucarística foi presidida pelo Pe. Alípio Pinto Gusmão, Administrador Diocesano da Diocese de Baucau. A visita do Provincial também teve como objetivo avaliar a estrutura física dos quatro edifícios, do Centro de Apoio à Saúde e da Comunidade dos Irmãos de Laclubar e do edifício da Casa da Formação de Dili. No dia 29 de agosto, decorreu uma pré-inauguração da Capela S. João de Deus da Comunidade de Laclubar. A celebração foi presidida pelo Irmão Padre José Manuel. Na homília, o Padre José Manuel aproveitou a oportunidade para agradecer aos benfeitores e à Província pela ajuda e contribuição para a construção do edifício. Por fim, no dia 31 de agosto, o Irmão Provincial foi recebido por uma equipa do Ministério da Solidariedade Social e Inclusão, em Dili. Nesta visita ao Ministério, o Irmão Provincial agradeceu em nome da Ordem Hospitaleira pela ajuda e boa cooperação no serviço social às pessoas com deficiência, de forma particular as pessoas com deficiências mentais. 

LUGAR AOS JOVENS

CAMPO DE FÉRIAS EM AREIAS DE VILAR



Há mais de três décadas que a Juventude Hospitaleira promove Campos de Férias nas Casas de Saúde dos Irmãos Hospitaleiros de S. João de Deus e das Irmãs Hospitalieras do Sagrado Coração de Jesus, só interrompidos pela pandemia nos anos 2020 e 2021. Mas 2022 trouxe de novo a possibilidade da sua realização e foi o que aconteceu na Casa de Saúde de São José, em Areias de Vilar, entre os dias 25 e 31 de julho.

Seis jovens deixaram as suas vidas quotidianas e colocaram-se ao serviço, nas mais diversas tarefas, das mais simples às mais elaboradas. A preocupação durante estes dias foi o não “fazer para”, mas sim o “fazer com”, sempre com vista ao bem-estar dâ Outrâ. Foram dias onde aconteceu de tudo o que se possa esperar das relações humanas e da vivência hospitaleira: muitos sorrisos e gargalhadas, diversão, aprendizagem, oração, empatia, respeito e algumas lágrimas pelo meio. A conclusão a que todâs chegaram é que traziam algumas questões e que no final levavam uma certeza: de que aquilo que importa é o Amor. Apenas, só, e sempre, o Amor.  POR EQUIPA PJV/JHNORTE

AGOSTO EM BARCELOS

Agosto, na Casa de Saúde de S. João de Deus, em Barcelos, nunca é sinónimo de férias.

De 18 a 25, decorreu mais uma edição do «Agosto em Lazer», o Campo de Férias da Juventude Hospitaleira, que contou com 26 Jhovens ao longo dos dias. Uns pela primeira vez, outros já repetentes, mas todâs com o mesmo sentido: o serviço na Hospitalidade, sempre ao jeito de S. João de Deus.

O programa foi diversificado e intenso, ao longo dos dias, mas todâs se sentiam motivadâs e com energia para mais e mais.

«Agosto em Lazer» agora só para 2023, mas até lá a Hospitalidade não para e âs Jhovens também não, certamente!  POR EQUIPA PJV/JHNORTE

“JOVEM, EU TE DIGO: LEVANTA-TE!” – PEREGRINAÇÃO EUROPEIA DE JOVENS 2022



Por onde passei e com quem me cruzei, a palavra de ordem foi partilha: de sorrisos, momentos, histórias e emoções. Nestes dias, encontrei um lugar onde podia sonhar, desligar da azáfama diária e sentir. Valeu a pena cada segundo!

As dores e o cansaço do Caminho de Santiago só me fizeram abrir os olhos para o quão especiais eram as pessoas que me rodeavam e que me fizeram ir sempre mais longe. Entranharam-se as palavras, revi a minha história e o meu caminho até aqui e repensei atitudes. Assim despertei para a presença do Espírito Santo na minha vida e nas minhas decisões e enraizou-se a minha relação com a fé e a necessidade de escutar e respeitar o que vem de dentro de mim.

Encontrei pessoas com hábitos, histórias e formas de vida diferentes, mas com um espírito e objetivo comuns, em quem era fácil confiar. Pessoas raras com quem tive conexões reais.

Conhecer pessoas maravilhosas, que transmitem alegria por onde quer que passam, fez-me crer na possibilidade de um mundo melhor. Senti que a Igreja está viva e que há lugar para os jovens viverem a fé em alegria e liberdade.

Desta experiência trouxe comigo um coração cheio de fé, amor e hospitalidade e maior confiança de que vale a pena um projeto de vida com e para o outro e aventurar-me e ir, sem expectativas, levando apenas um sorriso e o coração aberto!  POR ANA CATARINA SOUSA

LANÇAMENTO DO PROGRAMA SHOT



O Dia da Saúde Mental celebra-se a 10 de outubro e, em Lisboa, é celebrado com o lançamento do Programa SHOT. O “My First SHOT” (Show Hospitality On Tee) é uma iniciativa da Fundação S. João de Deus em parceria com a Federação Portuguesa de Golfe, que para comemorar o dia da saúde mental se alia ao golfe como uma prática desportiva positiva para mente e corpo. O SHOT é um evento sobre saúde mental com golfe e é a oportunidade de poder estar entre parceiros e competidores num clima de cooperação e networking que olha para as PESSOAS e não para as empresas/marcas que representam. Nos eventos SHOT, que se querem em primeiro lugar bem-dispostos, premeia-se a equipa que, após o torneio/provas, obtém melhor resultado numa atividade desportiva que não sabe executar, mas que ainda assim, suportando-se mutuamente os seus membros, como equipa, obtém o melhor resultado. Pretende-se que seja um tempo positivo e descontraído para que a vontade de procurar uma #boasaudemental marque, fique e perdure. 

ESTE NATAL, ENTRE PELA PORTA ELVIRA

A Porta de Elvira, também conhecida como Arco de Elvira, foi, durante muitos séculos, a principal entrada na cidade de Granada, em Espanha. Estávamos em 1538, quando S. João de Deus chegou a Granada e, para ganhar a vida, se tornou vendedor de livros, instalando-se num pequeno espaço na famosa Porta de Elvira. É aí que partilha a felicidade da leitura com os outros. E é este momento que queremos transportar para a PORTA ELVIRA - Montra Solidária. Já há muito que queríamos lançar um projeto onde pudéssemos mostrar ao mundo os trabalhos das pessoas com experiência de doença mental, em especial dos que estão ao cuidado dos Irmãos nos centros assistenciais da Ordem Hospitalreira de S. João de Deus. Onde pudéssemos manter a dignidade de quem está mais vulnerável e mostrar o potencial que todos temos dentro de nós. Onde também pudéssemos partilhar trabalhos criados por mãos mais velhas e ainda com muita vida para doar. E também mostrar os trabalhos mais institucionais e criativos, pelas mãos das equipas que estão no terreno, atentas às necessidades da comunidade. Este Natal, atreva-se a bater à PORTA ELVIRA - Montra Solidária e a entrar num espaço onde partilhamos os produtos feitos por mãos que cuidam e todos os dias vivem a saúde mental. <https://portaelvira.fsjd.pt/> 



JÁ TEM O SEU SACO SOLIDÁRIO?



Chegaram os sacos solidários que contêm muita saúde mental. São sacos de tiracolo e sacos de compras, onde caberá tudo o que necessitar e todos têm um valor solidário: 4 abraços.

Por vezes, ajudar custa tão pouco e chega a tantas pessoas. Escolha e reserve já a sua cor, antes que esgotem: lisboa@fsjd.pt / 217 213 300. 

MEMÓRIAS DA FAMÍLIA HOSPITALEIRA



IR. FRANCISCO DOS SANTOS

Nasceu, a 23.09.1873, em S. Pedro da Cadeira, Torres Vedras, Diocese de Lisboa. Entrou no Postulantado a 15.02.1898 e no Noviciado a 29.06.1900.

...

Fez a Profissão Simples a 28.09.1901 e a Solene a 15.04.1905.

...

Trabalhou no Convento de Santo António do Varatojo, antes de entrar no Postulantado, na Casa de Saúde do Telhal.

...

O Irmão Francisco foi sempre muito cumpridor no culto religioso: “era tal a sua pontualidade nos actos da Comunidade que, já velhinho e acabado como estava, era sempre dos primeiros a chegar ao coro”. Pertenceu ao primeiro grupo de Irmãos de S. João de Deus, após a Restauração da Ordem Hospitaleira em Portugal, em 1890, como recordou um Irmão que ainda o conheceu: “foi um dos Irmãos primitivos e quanto me edificava o ouvi-lo a contar episódios daqueles tempos!”.

...

Nas primeiras décadas do século XX, esteve a dar assistência em Casas de Saúde da Ordem Hospitaleira em Espanha. Entre 1926 e 1927, foi ajudante de enfermagem no Asilo-Hospital de São Rafael, em Madrid, destinado a acolher crianças desamparadas e deficientes pobres. Regressou à Casa de Saúde do Telhal, a 15.09.1927, onde foi chefe da despensa, durante doze anos, economizando “muitos contos de reis”. Durante muito tempo, foi também encarregado do “Pavilhão dos doentes furiosos e imundos”, onde, de tal forma se dedicou a cuidar destes enfermos mentais, que passou a ser chamado de “pavilhão do Irmão Francisco”.

...

Faleceu na Casa de Saúde do Telhal, a 21.02.1941, com 68 anos e 40 anos de consagração religiosa.



Comunidade da Casa de Saúde do Telhal, por ocasião da realização do 1º Capítulo Provincial da Província Portuguesa. Telhal, 14 /06/ 1928.

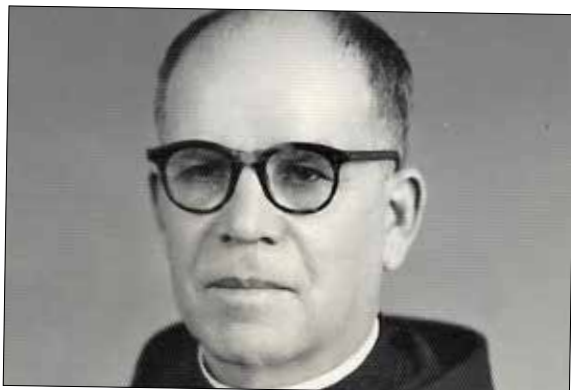


Comunidade da Casa de Saúde do Telhal. Década de 1930.



Comunidade da Casa de Saúde do Telhal após a realização do Capítulo Provincial. Telhal, 1940.

MEMÓRIAS DA FAMÍLIA HOSPITALEIRA



IR. MANUEL MARIA GONÇALVES

Nasceu, a 23.05.1889, em S. Simão de Litém, concelho de Pombal, diocese de Leiria. Entrou no Postulanteado a 23.10.1906 e no Noviciado a 17.06.1907. Fez a Profissão Simples a 16.07.1908, na Casa de Saúde do Telhal, e a Solene a 08.12.1919, em Carabanchel Alto (Espanha).

...

O Irmão Manuel Maria era “baixo, magro, de palavras mansas e discretas [...], olhar circunspecto e acolhedor, [...] as suas convicções íntimas davam-lhe uma energia inquebrantável. Uma vez convencido duma coisa, a sua atitude era coerente e firme, como se diz, de mais fácil quebrar que torcer. Por esta razão, alguns consideravam-no duro. Mas não tardava a revelar-se uma consciência delicada com o sentido de responsabilidade e iniciativa. [...] Uma das coisas em que mais insistia e, muito bem, era na necessidade de espírito de oração”.

...

Foi fundador da Casa de Saúde de S. João de Deus, no Funchal, em 1922, e Superior desta Casa até 1928. Foi também Superior da Casa de Saúde S. João de Deus, em Barcelos, entre 1928-1931 e 1943-1945. Durante dez anos, entre 1931 e 1941, fez parte da Comunidade da Casa de Saúde do Telhal, onde desempenhou os cargos de Mestre de Noviços e de Neoprofessos. Foi 2º Vogal ao Capítulo Geral.

...

Em 1946, foi nomeado Superior do Hospital de S. José, em Ponta Delgada. No ano seguinte, a 9 de janeiro, partiu de avião para o Rio de Janeiro, acompanhado pelos Irmãos António Jorge e Luiz Correia, para aí fundarem a «Casa do Padre», a primeira Comunidade no Brasil, desde a Restauração da Ordem em Portugal.

...

De 1953 a 1956, foi 2º Definidor Provincial e Superior da Clínica de Sta. Teresa, no Rio de Janeiro. A 16.07.1958, celebrou as Bodas de Ouro de consagração religiosa na Casa de Saúde do Telhal, onde, em 1967, se ocupava da administração da revista “Hospitalidade”.

Faleceu nesta Casa de Saúde, a 30.11.1970, com 81 anos de idade e 62 de profissão religiosa.



Dr. João Francisco de Almada, à esquerda, e o Irmão Manuel Maria Gonçalves, à direita, na entrada da Casa de Saúde do Funchal. Década de 1920.



Grupo dos primeiros Irmãos que se formaram em Enfermagem pela escola Artur Ravara. Telhal, novembro de 1936.



À saída de uma audiência com o Papa Pio XII, por ocasião do Capítulo Geral da Ordem Hospitaleira. Roma, 1953.

TELHAL

FUTEBOL E SAÚDE MENTAL



Numa saudável parceria e num gesto de solidariedade e responsabilidade social do C.F. Belenenses, várias dezenas de Utentes da Casa de Saúde do Telhal têm tido oportunidade de assistir, ao longo da época desportiva, a emocionantes encontros de futebol, com a oferta regular e gratuita de 20 convites para todos os jogos que este centenário clube dispute em casa.

No primeiro jogo disputado no Estádio do Restelo e que colocou frente a frente o C.F. Belenenses e a Académica de Coimbra, os Utentes da Casa de Saúde foram mesmo recebidos e acarinhados pelo Presidente do Clube, Patrick Morais de Carvalho, e pelo Presidente da Assembleia Geral, Pedro Pestana Bastos. 

ACAMPAMENTOS DE VERÃO

No radicalismo das férias, a Casa de Saúde do Telhal promoveu dois Acampamentos de verão, que decorreram respetivamente em Elvas (Quinta de S. João) e em Belas (Quinta das Tílias) e que envolveram cerca de 70 Utentes participantes.

Experiências de contacto com a natureza, banhos de tanque, visitas culturais, tempos de reflexão e momentos de partilha relacional, foram preciosos ingredientes presentes nesta atividade. 

450 ANOS DA BULA LICET EX DEBITO

“Esta Comunidade é um dos sítios mais bonitos de Portugal, porque aqui encontramos a beleza da caridade”. Estas foram palavras do Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente, proferidas na Eucaristia celebrada no dia 24 de julho, na Casa de Saúde do Telhal, e na qual se pretendeu assinalar os 450 anos da Bula Licet Ex Debito, que deu origem ao nascimento da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus.

Um dia que, para além da Eucaristia, ficou também marcado, na parte da tarde, por um animado tempo de festa, de convívio e de folclore, com a participação do Rancho Folclórico Florinhas do Alto Minho. 



CASA DE SAÚDE CELEBRA 98º ANIVERSÁRIO



A Casa de Saúde São João de Deus, no contexto da celebração alargada dos 100 anos de presença na Madeira, comemorou no dia 10 de agosto 98 anos de serviço na área da saúde mental, psiquiatria, dependências e outras áreas de assistência na região, desde a sua inauguração oficial em 1924. 

PASSEIO PIQUENIQUE HOSPITALEIRO NOS LAMACEIROS

Teve lugar, no dia 26 de agosto, um convívio de verão da Família Hospitaleira – Irmãos, Colaboradores e Voluntários –, com passeio e piquenique nos Lamaceiros, no concelho de Porto Moniz. Com paragem no centro da Ribeira Brava, seguiu-se o piquenique com espetadas no parque de merendas dos Lamaceiros e passeio pela Levada da Ribeira da Janela. 



IDA À PRAIA DE SANTA CRUZ



No âmbito do programa de atividades de verão, a 3 de agosto um grupo de 14 Utentes acompanhados por 4 Colaboradores foi à praia de S. Pedro, em Santa Cruz, e à Quinta do Santo da Serra. Houve banhos nas piscinas daquela cidade e almoço-piquenique com visita à Quinta do Santo da Serra. Mais tarde, no regresso, fez-se uma paragem na Camacha para um lanche-convívio. 

GRUPO DE FOLCLORE E ETNOGRÁFICO DA BOA NOVA NA CASA DE SAÚDE

A 13 de agosto, o Grupo de Folclore e Etnográfico da Boa Nova atuou de forma solidária nas unidades de internamento, bar e praças da Casa de Saúde, oferecendo música tradicional madeirense, muito apreciada pelos Utentes. Bem-haja pela generosidade. 



ANGRA DO HEROÍSMO

PROJETO “SEI FAZER +”



Com o pioneirismo que a caracteriza, a Casa de Saúde S. Rafael estabeleceu um protocolo com a empresa Iber-sol Madeira e Açores Restauração, S.A., no sentido de promover a colocação de Utentes num programa de ocupação estruturado, na comunidade, neste caso no restaurante KFC de Angra do Heroísmo, permitindo-lhes um treino de acordo com um contexto real de trabalho. O objetivo é desenvolverem rotinas de trabalho e uma maior autonomia que promova a integração socio-laboral e facilite a procura de emprego, aquando da reintegração na Comunidade. Os primeiros dois Utentes iniciaram a sua ocupação no dia 1 de agosto de 2022. [H]

SANRAFAELINAS



No dia 1 e 2 de julho de 2022, realizaram-se as tradicionais e muito aguardadas festas internas da Casa de Saúde S. Rafael, denominadas Sanrafaelinas. Estas festividades que nos permitem viver e reviver a cultura e tradições açorianas, que tanto amamos e respeitamos, servem o propósito de animar todos os Utentes internados e suas famílias. Visam ainda promover a abertura da Instituição à Comunidade, incluindo e quebrando barreiras e preconceitos.

O primeiro dia foi marcado por uma eucaristia festiva e pelo tradicional cortejo etnográfico seguido de bodo de leite. No segundo dia, realizou-se o almoço-convívio no exterior, tendo o final da tarde ficado marcado pelo desfile da marcha da Casa de Saúde S. Rafael e pela atuação da cantora Emily. [H]

PASSEIO ANUAL



O sol brilhava, quando no dia 21 de setembro, pelas 10h30, saía uma grande comitiva de Utentes e Colaboradores para o tão aguardado passeio anual.

Fomos cerca de 120, alegres e confiantes, rumo ao santuário de N. Sr.ª da Serreta, parando em oração. De seguida, dirigimo-nos à cidade da Praia da Vitória, com paragem para a fotografia da praxe, junto ao miradouro do Facho.

O caminho levava-nos à zona balnear e de lazer dos Salgueiros, onde almoçámos, rimos e brincámos, carregando baterias para mais algum tempo. Que bom que foi! [H]

FESTA DE VERÃO 2022

No passado dia 5 de julho, tivemos a habitual Festa de Verão. Utentes, Colaboradores e Voluntários juntaram-se num almoço-convívio animado, com a presença do Grupo de Cordofones da Junta de Freguesia de Arcozelo que proporcionou momentos musicais. Foi um dia bem passado num espírito de família de S. João de Deus. 📷

VERÃO É PRAIA

Quando pensamos no verão vem-nos imediatamente a imagem de praias.

Este ano foram, mais uma vez, promovidas idas à praia aos vários Utentes desta Casa. Mesmo aqueles que não tiveram “coragem” de entrar no mar desfrutaram de uma caminhada junto ao mar, sentindo a sua brisa. 📷

SETEMBRO FOI SINÓNIMO DE PASSEIO

Ao longo do mês de setembro, foram efetuados os passeios anuais das várias unidades de internamento.

Essa atividade envolveu mais de 200 Utentes, que realizaram diversos passeios, desde a ida ao Santuário do monte de Santa Luzia (em Viana do Castelo), à Póvoa do Varzim, à Apúlia ou mesmo ao Jardim Zoológico de Gaia.

Foram dias bem-dispostos com piqueniques, almoços e convívio. 📷

DIA MUNDIAL DA DOENÇA DE ALZHEIMER

A CSSJD-B assinalou o Dia Mundial da Doença de Alzheimer com o arranque da 4ª edição de Grupo de projeto Procuidador, com vista à capacitação e ao suporte de cuidadores informais de Tregosa. 📷



FORMAÇÃO EM SUPORTE BÁSICO DE VIDA



No passado dia 23 de agosto, a CSSJD-B, em colaboração com a Femédica, promoveu uma ação de formação de Suporte Básico de vida com Desfibrilhação Automática Externa (DAE), com vista à integração de sete novos colaboradores na bolsa de operacionais de DAE desta instituição. Esta iniciativa merece destaque pela importância que acarreta no Suporte Básico de Vida aos nossos Utentes. 📷

PONTA DELGADA

ATIVIDADES DE VERÃO

Neste verão, foram realizadas diversas atividades lúdicas e de lazer, de acordo com as propostas apresentadas pelos Utentes nas diversas unidades e serviços.

Realizaram-se passeios pela ilha, almoços no exterior, visitas a monumentos históricos, acantonamentos, idas à praia e piscina, passeios de barco, canoagem, churrascos, entre muitas outras. Foi um tempo de excelência e muito apreciado por todos quantos puderam desfrutar destes momentos convívio, tão apreciados após a vivência de um longo período de confinamento e restrições. 📷



VISITA DO AGRUPAMENTO 997 DA AZUEIRA

No passado dia 6 de setembro, a Casa de Saúde S. Miguel acolheu um grupo de escuteiros do Agrupamento 997 da Azueira, do concelho de Mafra, no âmbito de um intercâmbio com um Agrupamento da nossa ilha.

Após uma visita pelas instalações, este grupo deslocou-se para o Centro Ocupacional Ir. Brás para participar nas dinâmicas e atividades desenvolvidas no âmbito do projeto Mãos Que Criam.

Foi uma experiência muito enriquecedora onde todos os intervenientes, escuteiros e Utentes, tiveram a possibilidade de partilhar as suas experiências e conhecimentos. 📷

TOMADA DE POSSE DO CONSELHO DE DIREÇÃO



Na sequência do XXX Capítulo Provincial, foram designados os novos membros dos Conselhos de Direção dos Centros do Instituto S. João de Deus (ISJD) para o desenvolvimento da missão da Ordem Hospitaleira em Portugal, no quadriénio 2022-2026.

A tomada de posse na nossa Casa decorreu no dia 9 de setembro, com a presença do Superior Provincial e do Ir. Joaquim Ramos.

A cerimónia teve início com Eucaristia, à qual se seguiu a entrega das patentes a cada um dos elementos do Conselho, tendo terminado com o almoço-convívio entre todos os Colaboradores. 📷

FESTA EM HONRA DE NOSSA SENHORA RAINHA DOS ANJOS

Um grupo de Utentes e Colaboradores da nossa Casa, a convite do pároco da Paróquia de Fajã de Baixo, participou na procissão em honra de Nossa Senhora Rainha dos Anjos.

Percorreram diversas artérias da freguesia com o guião de S. João de Deus, nosso patrono e protetor.

Foi um momento de grande alegria e emoção para todos os que participaram e também para muitos dos que estavam a assistir à procissão. 📷

MONTEMOR-O-NOVO

A HOSPITALIDADE DEVE SER, TEM QUE SER, DIFERENCIADORA



O Hospital de S. João de Deus procura ser um centro de cuidados de saúde, com boas práticas e muita Humanidade/Hospitalidade. As boas práticas são um dever de Hospitalidade, mas elas também constituem um direito das pessoas alvo dessa mesma Qualidade técnico-profissional, para receberem cuidados de saúde de qualidade, envoltos em muito humanismo e muita hospitalidade.

Estar internado num hospital não deve ser uma experiência de dor, de tristeza, de solidão ou de sofrimento. O internamento pode ser reabilitador, de ganhos em saúde, e também de solidariedade, de interajuda e de humanidade.

Parece ter sido isso mesmo que uma das pessoas internadas na Unidade de Reabilitação e Manutenção do Hospital viveu durante o seu internamento. Em conversa de amigos com outras pessoas internadas, partilhou estar um bocadinho triste por estar sem fazer nada; e ao mesmo tempo referiu que, se tivesse agulha e linha, poderia fazer umas “bandeirinhas do Senhor Espírito Santo” para dar aos doentes. Acolhida, a ideia avançou. E foi assim que esta senhora, um pouco triste por nada fazer, se tornou útil e admirada pelos seus pares e outras pessoas, ao fazer e oferecer bandeirinhas do Senhor Espírito Santo. E assim num pequeno, muito pequeno gesto, se fez Pastoral da Saúde, em si mesma também sanadora. A autoestima dela e de outros aumentou. O humor dela e de outros também. E a diferença pela Hospitalidade pessoalizada deu bons frutos. 

DAR A CONHECER O ISJD MONTEMOR-O-NOVO

Realiza-se anualmente no Parque de Exposições Municipal da cidade de Montemor-o-Novo uma Feira tradicional, de seu nome Feira da Luz/Expomor.

Desde há alguns anos que o Hospital S. João de Deus tem vindo a aceitar o convite da Câmara Municipal para se responsabilizar por um espaço físico, com o objetivo de dar a conhecer e divulgar aquele que é o Hospital S. João de Deus.

A Feira decorreu de 31 de agosto a 5 de setembro e o Hospital esteve representado, contando com a presença de Irmãos de S. João de Deus, de Colaboradores e de algumas pessoas internadas. Abordando um tema diferente em cada dia, os membros da família hospitaleira de S. João de Deus receberam no espaço de Hospitalidade muitas pessoas que visitaram a feira.

Para todas houve sorrisos, interação genuína, escuta ativa, compreensão e compaixão, para além da partilha de materiais de divulgação do hospital. 

RAMO – RESIDÊNCIA DE APOIO MODERADO DE MONTEMOR-O-NOVO (RNCCI-SN)

O Instituto S. João de Deus – Montemor-o-Novo, único estabelecimento de saúde administrado pela Província Portuguesa da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus, em Portugal, que não se dedicava aos cuidados de saúde mental e psiquiatria, venceu essa barreira. Atualmente, dispõe de uma moderna Residência para homens e mulheres com doença mental.

Para os Irmãos de S. João de Deus, esta é uma área familiar. Já S. João de Deus no século XVI se dedicou a cuidar de homens, mulheres e crianças, com muita Hospitalidade, quando esteve internado na ala dos loucos do Hospital Real de Granada. É da natureza do processo de reabilitação dos indivíduos a programação e realização de inúmeras atividades. A ociosidade é perniciosa para as pessoas e por isso se desenvolvem diversas atividades.

Eis algumas das atividades desenvolvidas regularmente pelos residentes: almoço de “tapas”, Santos Populares; Sardinhada de S. Pedro; Churrasco, Culinária e Visitas. As atividades proporcionam níveis de autonomia, são potenciadoras de vida autónoma, sendo essenciais para as pessoas com problemas de saúde mental. 

VILAR DE FRADES | GELFA | MELGAÇO

SEMANA DO COLABORADOR

Chegou ao fim a Semana do Colaborador 2022!

Um típico arraial minhoto, com música, comida e muita diversão fez as delícias de todos os participantes, culminando da melhor forma uma semana intensa de atividades, partilha e sobretudo enriquecimento pessoal e de fortalecimento dos laços de amizade e de sentido de instituição.

A promoção do bem-estar e de hábitos de vida saudáveis, que vão da prática desportiva à meditação e ao relaxamento, um simples momento de partilha em grupo ou um momento de oração na celebração da eucaristia, deram o mote para uma semana que vem assumindo um papel de extrema importância na dinamização e enriquecimento dos laços da família hospitaleira.

Aproveitando a proximidade das datas, foram igualmente comemorados o 9º e 6º aniversário das Unidades de Saúde da Gelfa e Melgaço, respetivamente.

Fica um enorme agradecimento a todos os que contribuíram para que esta semana fosse uma realidade e um bem-haja a todos os participantes.

A Hospitalidade é muito mais do que saber acolher bem, é também preparar-se para o saber fazer.

A Semana do Colaborador regressa em 2023, com muitas surpresas! Até lá, fica o registo dos bons momentos. H



ENCONTROS NA CASA DO CUIDAR



A Casa do Cuidar, que organizou a iniciativa “Encontros na Casa do Cuidar”, é uma organização sem fins lucrativos, filial da congénere brasileira, fundada pela médica Ana Cláudia Arantes, tem como missão a “excelência da prática e do ensino em Cuidados Paliativos, bem como a divulgação desse conhecimento para a sociedade e aos profissionais de saúde, a fim de que o atendimento eficaz do alívio do sofrimento em todas as suas dimensões, relacionados à experiência de uma doença que ameace a continuidade da vida, sejam tratados de maneira adequada e satisfatória”.

A fundadora da organização e autora do livro “A morte é um dia que vale a pena ser vivido”, esteve presente no auditório da sede do ISJD, no dia 19 de setembro, para realização do evento com o tema “Cuidar da Dor: Os corpos sofrem e as pessoas sofrem”. O ISJD associou-se a esta iniciativa, realizada em formato híbrido, e o Presidente do ISJD e o Superior da Comunidade Lisboa foram representados pela Dra. Patrícia Almeida, Directora-Adjunta da CSJA. Participaram ainda neste debate a Professora Doutora Alexandra Coelho e o Capelão Fernando Sampaio, tendo abordado a importância das perdas e do luto e do acompanhamento espiritual e religioso no decurso do processo de doença, respetivamente. O debate foi moderado pela jornalista Ana Carrilho, do Jornal Expresso.

A iniciativa teve sucesso com a participação de profissionais e cuidadores, das mais diferentes esferas de ação. 

X CONGRESSO NACIONAL DE CUIDADOS PALIATIVOS E I CONGRESSO INTERNACIONAL DA APCP



A Equipa de Apoio Psicossocial e Espiritual (EAPS) do ISJD participou e representou a organização no X Congresso Nacional de Cuidados Paliativos e I Congresso Internacional da APCP, realizado entre 22 e 24 de setembro. A EAPS apresentou duas Comunicações Livres, com os temas: “Da triagem dos fatores de risco ao acompanhamento na consulta de luto: uma análise da evidência.” e “Meu Deus porque me Abandonaste?” Que relação entre a raiva e a dimensão espiritual no processo de luto? Uma análise da evidência”. Foram ainda submetidos e apresentados dois Posters com os seguintes temas: “A vivência do fim de vida no domicílio ou no hospital: Quem experiencia maior nível de sofrimento emocional no luto? Uma análise da evidência clínica” e “A Raiva: fatores preditores e suas implicações clínicas no luto: um modelo preditivo”. O Coordenador da EAPS foi orador numa sessão paralela sobre necessidades Psicossociais e Espirituais, subordinada ao tema: “Sofrimento Existencial: como abordá-lo na prática clínica”. 

CÚRIA PROVINCIAL

JORNADAS DE HOSPITALIDADE E INOVAÇÃO

Para assinalar o 10.º aniversário da Fundação S. João de Deus em França, nos dias 20 e 21 de setembro 2022, em Jardin d' Anjou (França), tiveram lugar as primeiras jornadas que versaram hospitalidade e inovação.

Portugal esteve representado com a presença do Supe-

rior Provincial, Ir. José Paulo, e do Ir. Luís V. da Silva, Conselheiro Provincial. Como intervenientes nas Jornadas, estiveram os enfermeiros Nuno Lopes e Luís Durães, que falaram sobre a realidade portuguesa e seus projetos de inovação.  POR IR. LUIZ V. DA SILVA

CHAMEI-TE PARA QUE PUDESSES AMAR-ME



O retiro que decorreu entre os dias 25 e 30 de setembro, na casa de Fátima, e que partiu do convite do Papa Francisco a sermos «Igreja em saída», conduziu os Irmãos por um percurso que vai da experiência profunda de Deus à espontaneidade da missão, como consequência da maturidade da fé. Conduzidos por São Mateus (cf. Mt 25 31-45), damo-nos conta de que, «ajudando o pobre, amamos a Jesus pobre; levantando o caído, é a Jesus caído que levantamos; aliviando as dores ao que sofre, aliviando as dores de Cristo sofredor». A necessidade de reavivar o fervor da nossa resposta a Deus, no que sempre fizemos e no que fazemos de novo; a alegria como fruto dessa resposta e a consciência de que Deus nos chamou a amá-lo concretamente nos irmãos para nos salvar – «vinde benditos de meu Pai, recebi em herança o Reino, preparado para vós desde o princípio do mundo» – foram alguns dos temas propostos para a meditação.  POR IR. JORGE COELHO DIAS

REUNIÃO COM DIRETORES



No dia 29 de setembro de 2022, reuniu pela primeira vez a nova Direção para o quadriénio 2022/2026 com os Diretores e Diretores-adjuntos dos vários Centros Assistenciais do Instituto S. João de Deus. Foram abordadas várias temáticas que ocupam, preocupam e desafiam.

Presidiu a este encontro o Presidente do Instituto e Superior Provincial, Irmão José Paulo S. Pereira, acompanhado pelos Conselheiros Provinciais e pelo Conselheiro Geral, Ir. José Augusto.  POR IR. LUIZ V. DA SILVA

BULAS, BREVES, JUBILEU E MISSÃO

PADRE ÁLVARO LAVARINHAS



No contexto do jubileu dos 450 anos da publicação da Bula Pontificia Licet ex Debito em 1572, pelo Papa S. Pio V, reconhecendo a primeira fraternidade formada por um pequeno grupo de homens que queriam continuar o ideal da obra de amor e caridade do Santo Português de Grada, S. João de Deus, é bom recordar as origens e os humildes inícios desta Obra que viria dar nome à Ordem Hospitaleira de S. João de Deus e a razão de ser deste

documento tão valioso assinado e selado por um Papa. As bulas papais podem abranger uma ampla gama de situações, desde excomunhões até canonizações de santos católicos. Por volta do século VI, os Papas certamente emitiram documentos formais como cartas, decretos e patentes, sendo exemplo um breve papal ou breve, documento formal emanado do Papa, numa forma um pouco mais simples e moderna do que uma bula, idêntico àquele que, »

BULAS, BREVES, JUBILEU E MISSÃO



em maio de 1748, Bento XIV, através do breve “*Emanavit*” aprovou e confirmou o pedido da Ordem para ter S. Rafael, arcanjo, como seu coprotetor principal.

O termo bula é derivado do dispositivo que é usado para selar um importante documento papal formal e tradicional. Trata-se de um documento papal, emitido pelo Papa ou pela Chancelaria Apostólica, que trata de assuntos relacionados com a fé, concessões de agradecimentos ou privilégios, além de questões judiciais ou administrativas. O dispositivo é conhecido como “*bullā*”, relacionado com a palavra latina *bullire*, “ferver”, uma referência à forma de bolha (bola). O termo bula papal refere-se não ao conteúdo e à solenidade de um documento pontifício, como tal, mas à apresentação, à forma externa do documento, a saber, lacrado com pequena bola (em latim, “*bullā*”) de cera ou metal, em geral chumbo (sub *plumbo*). A bula é tradicionalmente feita de metal e estampada com dispositivos que representam o atual Papa e a Igreja. Era selada (marcada), geralmente com uso de cera quente, com a pedra de um anel ou de um sinete próprios, o que demonstrava inequi-

vocamente quem havia escrito e enviava tal documento.

Além do selo pendente de chumbo, comum a estes diplomas, nas *litterae iustitiae*, ou seja, nas disposições de governo resolvidas pelo Papa em conformidade com o Direito, o selo está suspenso por meio de fio de cânhamo. Já nas *litterae gratiae* ou *litterae tituli*, disposições de governo em que o Papa graciosamente concede dispensas e indulgências solicitadas, o selo de chumbo está suspenso por um fio de seda amarela e vermelha. No anverso do selo são representados em efígie os Apóstolos Pedro e Paulo e no reverso o nome e o numeral do Papa.

Durante o século XV, a forma tradicional da bula ficou reservada aos diplomas mais importantes e os de teor comum eram chamados de *litterae breves*, com maior simplicidade de forma e com a aposição, sobre o diploma dobrado, de um selo de cera, o anel do Pescador, que representa S. Pedro lançando as redes.

A matéria do selo era de chumbo, mas para acentuar a solenidade do diploma e a importância do assunto, em algumas ocasiões tais diplomas receberam selo de prata, dando

BULAS, BREVES, JUBILEU E MISSÃO

origem às chamadas bulas argêntas. Em ocasiões ainda mais raras, o selo podia ser de ouro, o que dava origem às chamadas bulas áureas.

Com o tempo, as pessoas começaram a usar a “bula” para se referir tanto ao selo quanto ao documento e nasceu o conceito de bula papal. Os touros são usados para expressar vários mandatos: ordenanças, constituições, julgamentos da Igreja, condenações, concessões de privilégios ou indulgências, entre outras coisas.

Assim, os touros (selo/bula) poderiam isentar alguém de cumprir um fardo ou obrigação imposta pela Igreja, ou poderiam conceder direitos especiais. Os touros, como tais, foram comprados com dinheiro, portanto, estavam disponíveis apenas para os mais ricos e poderosos.

Por outro lado, um touro também é chamado de selo de chumbo pendente em certos documentos papais. Este selo representa, por um lado, as cabeças de S. Pedro e S. Paulo e, por outro, leva o nome do Papa.

Na Roma antiga, o touro era um distintivo usado pelos filhos de famílias nobres em volta do pescoço até atingirem a maioridade e poderem usar a toga.

De touros alexandrinos são chamados os conjuntos de documentos papais por meio dos quais a Santa Sé, através do Papa Alexandre VI (daí o nome), concedeu aos reis de Castela e Leão, em 1493, o direito de conquistar e evangelizar a América, na época conhecida como Índias Ocidentais. Os touros alexandrinos são compostos de quatro documentos: o breve *Inter caetera*, os touros menores *Inter caetera* e *Eximiae devotionis* e o touro *Dudum siquidem*.

Um touro de ouro é o tipo de documento oficial usado inicialmente pela chancelaria do Império Bizantino e que, devido à sua importância, trazia um selo de ouro. Diferentes reinos e impérios no Ocidente adotaram o touro de ouro para selar documentos de particular importância.

Um touro de ouro de grande significado histórico foi o touro de ouro de 1356, feito pelo imperador da Alemanha Carlos IV, que continha um conjunto de regras que especificavam o processo de escolha do Imperador e declaravam que não exigiria aprovação papal.

O touro da cruzada ou o touro da Santa Cruzada foi aquele em que o pontífice concedeu indulgências diferentes àqueles que foram à guerra contra infiéis ou àqueles que apoiaram financeiramente. Além disso, touro da Cruzada

Sagrada era chamado o documento que continha o resumo do touro e que era distribuído na impressão. Em geral, o touro é um documento de extrema importância para a sociedade e para a Igreja, podendo ser identificado tanto com um selo vermelho quanto com uma bula tradicional de chumbo ou ouro.

Explica a página da Torre do Tombo, em Portugal, que dos séculos XI ao XV numerosos diplomas pontifícios com diverso valor jurídico, como as *Constitutiones* (leis gerais eclesásticas) ou as *Decretales* (disposições de governo da Igreja, também chamadas *litterae decretales*) receberam a mesma forma de validação, ou seja, a aposição de um selo pendente de chumbo, designado por *bullae*, por ser o resultado da compressão de uma esfera de chumbo entre duas matrizes.

A releitura da bula *Licet ex Debito* deverá ser efetuada como reflexo da “alegria do Evangelho” (P. Francisco). Essa releitura da tradição datada de 1572, que parece ser uma verdadeira “tradução da tradição” que se inspira no que foi expresso, com força e eficácia, neste documento-chave do pontificado de S. Pio V. Pelo menos até agora, e na vida, experiência e legado do nosso Fundador S. João de Deus, isto é uma exortação à vivência e concretização do Evangelho da Misericórdia. No espírito deste documento, e abrindo o olhar para a misericórdia como “alegria” eclesial, o Papa S. Pio V discretamente escreve na Bula *Licet ex Debito* a arquitrave que suporta a vida da Igreja, que é a misericórdia. Toda a sua ação pastoral deverá estar envolvida pela ternura com que se dirige às pessoas; no anúncio e testemunho que oferece ao mundo, nada pode ser desprovido de misericórdia.

Isto é dito e reforçado por diversas ocasiões nas Constituições e Estatutos Gerais da Ordem Hospitaleira e noutros documentos onde se reconhece que a Igreja, através dos Centos Assistenciais da Ordem Hospitaleira, “vive um desejo inesgotável de oferecer misericórdia”.

Aquando da morte de S. João de Deus, os escritos existentes eram escassos: correspondência trocada entre ele e o seu mestre espiritual S. João de Ávila, os seus Benfeitores, o livro de registo de todas as dívidas existentes. S. João de Deus não pretendeu fundar uma instituição religiosa, mas simplesmente um grupo de homens de bom coração e boa vontade, tocados pela misericórdia de Deus, que acolhes- »

BULAS, BREVES, JUBILEU E MISSÃO

sem e tratassem os pobres e doentes com humanização e dignidade. Por isso, quando os primeiros companheiros de S. João de Deus se aperceberam da grandeza da obra do Santo Português, deram-se conta da necessidade de criar uma associação e dirigiram-se ao Sumo Pontífice, que não só aprovou, como lhes entregou as normas de vida idênticas às já vividas pelos religiosos de Santo Agostinho, terminando com a bela afirmação: “esta era a flor que faltava no jardim da Igreja”, dá beleza e produz na própria Igreja e na sociedade os frutos da hospitalidade.

Uma particularidade, entre as muitas mencionadas na petição dirigida ao Santo Padre por Rodrigo de Sigüenza, relaciona-se com o acompanhamento espiritual de todos os assistidos e seus colaboradores nos hospitais e Centros da obra de S. João de Deus, seguindo o lema do Mestre: “dos corpos às almas”. Ou seja, solicitava que em todos esses hospitais houvesse um Irmão sacerdote, vestido com hábito análogo aos dos restantes Irmãos, maior e mais largo, isto é, mais adequado à dignidade sacerdotal, conforme disposição do Ordinário do lugar, que celebrasse as Missas e os outros Ofícios Divinos, e administrasse também os Sacramentos, tanto aos outros Irmãos como aos cristãos pobres que se encontrassem nos hospitais, por diversas circunstâncias, de modo a instruí-los na fiel observância dos mandamentos de Deus e dotando-os de conforto. O sacerdócio ministerial exerce uma mediação entre Cristo, único sacerdote, e a Igreja, Povo sacerdotal. Essa mediação é sacramental e garante a toda a Igreja que possa oferecer a sua vida em sacrifício de louvor, exprimindo a sua qualidade sacerdotal. Neste particular, entendo esta função sobretudo de favorecer a tensão dos sacerdotes para a perfeição espiritual, da qual sobretudo depende a eficácia do seu ministério; o fazer compreender cada vez mais a importância do papel e da missão do sacerdote na Igreja e na sociedade contemporânea e redescobrir a beleza e a importância do Sacerdócio e de cada um dos ordenados.

O Papa Bento XVI, numa mensagem que escreveu a todos os sacerdotes no Ano Sacerdotal, faz um conjunto de perguntas, com as palavras do Santo Cura d'Arçs: “*Sem o sacramento da Ordem, não teríamos o Senhor. Quem O colocou ali naquele sacrário? O sacerdote. Quem acolheu a vossa alma no primeiro momento do ingresso na vida? O sacerdote. Quem a alimenta para lhe dar a força de realizar*

a sua peregrinação? O sacerdote. Quem a há-de preparar para comparecer diante de Deus, lavando-a pela última vez no sangue de Jesus Cristo?”

Assim, no final de nossa jornada, vemos brilhar a luz daquele encontro com Cristo que foi inaugurado pelo batismo, por aquele sacramento que é *ianua sacramentorum* (porta dos sacramentos) e que Santo Agostinho chamou muito significativamente *magna indulgência* (Enchiridion, 64, 17:PL 40,262).

Neste Jubileu, a Ordem sentir-se-á chamada ainda mais a cuidar destas feridas, aliviá-las com o óleo da consolação, enfaixá-las com a misericórdia e tratá-las com a solidariedade e a atenção devidas. Não nos deixemos cair na indiferença que humilha, na habituação que anestesia o espírito e impede de descobrir a novidade, no cinismo que destrói. Abramos os nossos olhos para ver as misérias do mundo, as feridas de tantos irmãos e irmãs privados da própria dignidade e sintamo-nos desafiados a escutar o seu grito de ajuda. As nossas mãos apertem as suas mãos e estreitemo-los a nós para que sintam o calor da nossa presença, da amizade e da fraternidade. Que o seu grito se torne o nosso e, juntos, possamos romper a barreira de indiferença que frequentemente reina soberana para esconder a hipocrisia e o egoísmo.

Digamos não ao egoísmo, ao comodismo. Todos nós devemos estar dispostos a servir, não importando qual seja a nossa idade, condição de saúde ou posição social.

Jesus disse: “[...] Entre vós sou como aquele que serve.” (Lucas 22:27) Como verdadeiros seguidores de Jesus, devemos também servir aos outros.

Servir é ajudar os que necessitam de auxílio. O serviço cristão brota do amor genuíno pelo Salvador e do amor e preocupação por aqueles que Ele nos dá a oportunidade de ajudar, assim como a orientação para fazê-lo. O amor é mais do que um sentimento; quando amamos alguém, queremos ajudá-lo.

TESTEMUNHO SOBRE O PAPEL DO CAPELÃO

Insistiram para que aprofundasse mais o tema do papel do capelão hospitaleiro e desse testemunho do meu ministério sacerdotal junto dos doentes. Como me pedes, Senhor, que cuide de cada pessoa que cruza a minha vida como caminho de encontro contigo? Pois bem, inicialmente o meu ideal ao ser admitido na Ordem era de rezar e servir os doentes

BULAS, BREVES, JUBILEU E MISSÃO

para me santificar. Sentia necessidade duma transformação, duma mudança de vida, de um projeto válido que desse sentido à minha vida. Foi necessário ir até África para aprofundar esta ideia e durante dois anos, no contacto com os trabalhadores, com as famílias, as visitas ao hospital e observação da vida daquele povo que sofria no corpo e na alma, sem liberdade, sem voz, sem tantas coisas essenciais à vida e à dignidade humana, fizeram-me pensar. E, parafraseando o Evangelho, “a semente teve de morrer para dar fruto” (Jo.12). E morreu e começou a germinar... Com o passar do tempo e com o conhecimento da vida e obra de S. João de Deus e a formação teológica, as celebrações da Páscoa e em particular a Quinta-feira Santa, noite da instituição da Eucaristia e o ritual do lava-pés, aprofundando o sentido deste gesto de Jesus de estar ao serviço dos outros não só pobres e doentes mas de todos, fez com que repensasse o meu ideal inicial e adotasse um lema para a minha vida de consagrado: “*chamado para servir*” como fez Jesus e como fez S. João de Deus.

E é precisamente com base neste lema que tenho orientado a minha vida de sacerdote hospitaleiro ao serviço dos doentes e de todos. Procuo fazer das minhas celebrações e dos encontros com os doentes momentos de catequese e de evangelização. A minha tarefa é evangelizadora e tenho obrigação de personalizar a ajuda ao doente, porque é ele o centro da minha atenção, obriga-me a que o trate como pessoa e que a minha preocupação seja total, integral. Tudo isto passa por uma catequese simples, uma presença diária, uma palavra de conforto e de ânimo para os mais sofridos e desanimados.

O encontro, enquanto para uns é sempre interessante, para outros deixa de o ser, mas não lhes custa suportá-lo, porém, torna-se difícil captar o conteúdo que se lhes pretende transmitir. Para muitos, a sua participação e inclusive a vivência da sua fé está na base da fé daqueles que os acompanham. Procuo servir, embora o termo se possa revestir de algumas experiências mais agradáveis e outras muito sofredoras, dolorosas até demais. Uma vez, mais concentrado no serviço e outras mais disperso ou até ausente. Tudo é serviço; com sabor agradavelmente doce ou desagradavelmente amargo como fel que nunca bebi, mas senti e continuo a sentir no mais profundo da minha alma. O resultado do serviço depende muito do estado de espírito,



do ambiente que temos, do acolhimento, da aceitação, do agrado de ambas as partes, da importância que se dá ao sacerdote, mesmo dentro da própria instituição, da dignidade que representa, do papel que tem no Centro.

Há situações que devem ser revistas e não fazer do sacerdote uma marioneta ou um criado, embora ele esteja ao serviço de todos e disso tenho consciência. Não é por acaso que uma vez ou outra sou chamado a meio da noite para assistir um doente que pediu a minha presença, ou a família ou até o próprio enfermeiro de serviço. Estou sempre ao serviço.

Costumo dizer que quando estou e estamos sintonizados na mesma onda de Cristo, em perfeita união com Ele, tudo é diferente, tudo corre bem e presto um bom serviço. Fico contente, feliz, consolado e confortado porque sei que a outra pessoa também ficou feliz e confortada. Conformer-me com Cristo, isto é, tomar a forma, incarnar Cristo em mim, repetir os seus gestos, chamar pelo nome as pessoas, conhecer todos os doentes e Colaboradores do hospital e alguns dos seus familiares, ser amável, atencioso, alegre, sem ser exibicionista, como muitos poderão pensar, é pôr em prática o que Jesus disse aos Apóstolos: “*assim como eu fiz, fazei vós também*” (Jo.13). E os pobres e os doentes e necessitados ocupam um lugar especialíssimo no coração de Jesus. Jesus aproxima-se do doente, movido pelo seu amor libertador (Lc. 4,16-18). Um amor que está acima »

BULAS, BREVES, JUBILEU E MISSÃO



de tudo, pois até os cura desobedecendo inclusivamente à lei do sábado (Mc. 1,21-28). Jesus quer dar vida a todos. Só Ele é o Salvador.

Poderia dizer que este estilo de vida é o meu modo de viver e de me relacionar com os dentes em chave de hospitalidade, como atrás referia, umas vezes com muito sofrimento e de modo doloroso, outras sem vontade alguma, outras muitas, felizmente, com o lema a que procuro ser fiel: “*chamado para servir*”.

Ainda na manhã de 29 de setembro, dia da festa em honra de S. Rafael na Ordem, ao reler a bula *Licet ex Debito*, reparei com mais atenção numa das gravuras que ilustram a mesma onde podia ler-se: “*considerai feito a mim tudo aquilo que fizerdes a um dos meus irmãos mais pequeninos ...*” (Mt. 25). Não importa se o atendimento é individual, personalizado, ou em grupo, com muitos ou poucos. O importante é não perder de vista que Cristo é o agente principal de toda a minha ação, da minha intervenção do serviço que sou chamado a fazer.

A doença, o sofrimento, o estar longe da família, a incerteza se vai ou não melhorar, recuperar da sua enfermidade, são das realidades humanas às quais mais dificilmente consigo dar resposta e sentido.

“*Senhor, aquele a quem amais está doente*” é um dos ‘gritos’ mais comoventes que se repetia frequentemente na oração com os enfermos, no Santuário de Fátima. E

comove-me sempre esse momento, desde criança, porque a experiência do sofrimento, nomeadamente a que está associada à doença, atinge-me, não só a mim, mas a todos, embora em diversas formas e graus.

O hospital, embora possa ser lugar de grandes alegrias, está normalmente associado à dor, ao desastre, à limitação das faculdades físicas. É também aí que muitos homens e mulheres passam dias, meses ou anos de dor contínua, deles ou dos familiares e amigos, e tantos deles acabam por falecer. Ali todas as dúvidas se concentram, todas as resistências são postas à prova, todas as palavras não chegam para confortar quem sofre os piores tormentos e a iminência da morte.

Consciente desta realidade e da necessidade de uma presença reconfortante, procuro estar presente nesse momento, mas nem sempre é possível e é sempre doloroso. “O Amor é ainda a fonte mais plena para a resposta à pergunta acerca do sentido do sofrimento. Esta resposta foi dada por Deus ao homem na Cruz de Jesus Cristo” (SD. 13). De facto, é isso que a Ordem quer oferecer ao colocar um capelão no hospital, alguém que está ao serviço dos que sofrem e, de variadas maneiras, lhes leva o amor de Cristo. E é isso que eu, como sacerdote, sou chamado a fazer, também de formas diversas, desde a visita aos internados até à colaboração com os profissionais que deles cuidam e às famílias que sofrem com eles.

Procurar o bem-estar da pessoa na sua condição mais frágil, confrontada com o mistério insondável da dor, ajuda-me a perceber que ser capelão num Hospital de S. João de Deus, é uma vocação singular e de sensibilidade que leva a “sofrer com os que estão feridos, partilhar a sua dor e as suas angústias” e a “fazer tudo o que posso para servir e ajudar”.

Tudo isto implica uma “relação interpessoal de confiança” e “o respeito global e total da pessoa que não pode ser reduzida a mero objeto”. Como exemplo concreto, a “carícia, que é por vezes o único e eficaz meio de comunicação e cuidado e talvez a forma mais bela de expressar a ternura humana”.

Só o amor a cada doente poderá fazer renascer nele a esperança, a saúde e a felicidade, restituindo-lhe vida, dignidade e sentido, segundo a missão que Cristo me confiou: «Vai e faz o mesmo tu também» (Lc 10, 37). ■

UM, DOIS, TRÊS... GRÃOS DE ROMÃ

PAULA CRISTINA RABAÇA

Andava o Tiago a brincar no quintal do avô Eliseu, quando a bola lhe fugiu das mãos e... desapareceu. Saltou por entre as rosas, passou ao lado da margarida e foi parar mesmo em baixo da árvore, entre as ervas escondida.

Junto aos ramos da pequena romãzeira, Tiago espreita, espreita, a procurar...

– Essa é boa, mas onde é que a bola foi parar?

– Ei, tu aí! – diz um coro de vozes, afinado – A bola está aqui! Não procures noutro lado! Ali estava a bola de brincar, feita pela avó, em lâ. E não é que ao lado dela, estava uma viçosa romã?

Num pequeno rasgão da sua casca avermelhada, espreitavam UM, DOIS, TRÊS GRÃOS de face rosada!

– Olá! Sou o Grão MONTE! Estes são os meus manos: o MOR de 7 e o NOVO de 5 anos! Uma romã com três grãos falantes, no quintal do avô Eliseu?

Ou é magia... ou o Tiago endoideceu!

Com a bola e a romã entre as mãos, corre depressa para casa, tamanha foi a descoberta!

– Avô! Avô! Anda ver! Vais ficar de boca aberta!

Mas antes que pudesse entrar e mostrar ao avô aquele fruto especial, a romã cresceu, cresceu... e abriu, na sua casca, um enorme portal!

– UM, DOIS, TRÊS! AQUI VAMOS NÓS! – disseram os três grãos a uma só voz.

Um forte vento sugou-os para dentro da romã e num passe de mágica, ei-los em terras espanholas: Oropesa! Incrível! Tinham viajado no espaço! Que fantástica surpresa!

O Tiago não sabia para onde olhar! À sua frente, um castelo imponente. A paisagem em tons de amarelo. E mais adiante, a imensa Serra de Gredos!

Em cima da muralha, os três grãos discutiam em voz baixa, como que a trocar segredos:

– Posso começar eu a contar a história? Eu sou o mais pequenino! – disse o Grão NOVO!

– Nã, nã, nã, nã, não! És muito espartinho! Sou o mais velho, começo eu a história! Além disso, toda a gente sabe que tenho melhor memória!

– Mas que grande convencido tenho de aturar! Vá lá, começa tu e depois sou eu a acabar!

– Tiago – disse o grão MONTE, em tom solene – nós somos descendentes da romã de João Cidade! E vamos contar-te a história de um Santo de verdade! João Cidade nasceu em 8 de março de 1495, numa terra alentejana, em Portugal. Montemor-o-Novo: terra formosa, hospitaleira e bem especial! Dizem que seu pai, André, e sua mãe, Teresa, vendiam a melhor fruta que jamais se vendeu. Mas aos oito anos, tudo mudou: o filho João fugiu ou desapareceu! Para onde teria ele ido? Quem o terá levado? Algum bandido, algum malvado? Talvez o vento! O certo é que de tamanha tristeza, sua mãe morreu. Seu pai, solitário, ao convento se recolheu! Sabes, Tiago, onde estava afinal, o pequeno João Cidade? Aqui! É verdade! Em Oropesa! Na casa do Maioral do Conde, onde foi acolhido e ajudado. Por cá andou alguns anos, trabalhando e guardando gado. Mas o seu coração era tão grande e aventureiro... que por aqui não ficou! Partiu para ser soldado: contra os franceses e turcos guerreou. Dizem que também andou pela Europa como peregrino caminhante. E que, em África, foi um vendedor ambulante... Mas as saudades da família levaram-no de regresso à terra onde tinha nascido. Ninguém, porém, o reconheceu e seus pais já tinham morrido. De coração inquieto, voltou depois a viajar: sul de Espanha, Ceuta, Gibraltar... Era ele livreiro quando, um dia, lhe apareceu um menino com uma romã na mão. “Granada será a tua cruz!” – disse-lhe o menino sem mais explicação. A vida de João estava prestes a mudar! Em espanhol, “Romã” diz-se “Granada”... E essa foi a terra »



UM, DOIS, TRÊS... GRÃOS DE ROMÃ

onde a vida de João Cidade foi transformada... Foi lá que...

– Olha lá, ó espertinho! Vais contar a história até ao fim? Estás a esquecer-te do mano e de mim! UM, DOIS, TRÊS, AGORA É A MINHA VEZ! – gritou o Grão MOR!

E de novo, num instante, foram transportados. Agora até Granada, numa lufada de vento! Tinham viajado no espaço e, desta vez, também no tempo!

Encontravam-se numa igreja repleta de gente. Lá à frente, um homem estava a falar.

– Aquele além é João de Ávila, está a fazer o seu sermão. – disse o Grão MOR, a sussurrar. O homem falava sobre fazer o bem. Dizia que o amor é para doar e toda a pessoa merece ser acolhida! De repente, no meio da multidão, grita João Cidade em voz alta e destemida:

– “Misericórdia, misericórdia Senhor!”

– O que é que lhe aconteceu? – pergunta o pequeno Tiago, com um aperto no coração.

– Não te assustes! João Cidade passou a ser de Deus! Este grito foi de conversão! A partir deste dia, ele abraçará uma vida nova e radical! Alguns até vão pensar que ficou louco e vão interná-lo num Hospital.

– Podemos ir salvá-lo? Nós os quatro? Vocês até têm poderes especiais, não é?

– Não Tiago! Não te esqueças que não podemos mudar o rumo da história. Tudo isto já aconteceu! Além disso, foi no hospital que a missão de João de Deus nasceu! Foi lá que ele descobriu que as pessoas com doença mental eram tratadas de forma injusta e sem caridade. Foi lá que sonhou fundar um hospital para tratar os doentes com humanidade.

– E esse sonho, alguma vez o conseguiu realizar? – perguntou o Tiago, curioso.

– Sim! João de Deus foi um santo corajoso! Percorreu as ruas de Granada, recolheu os doentes e tratou-lhes do corpo! Mas tratou-lhes também da alma e do coração! Sabes qual era o seu pregão? “Irmãos, fazei o bem, para o bem de vós mesmos!” João de Deus nunca estudou medicina, nem era um homem da ciência! Mas sabia acolher cada pessoa com a sua história e escutá-la com paciência! Com o tempo, a ele se vieram juntar outros amigos seus! Assim foi crescendo a Ordem Hospitaleira de S. João de Deus. Também se conta que uma vez, o Hospital Real de Granada se incendiou! Ele, com bravura, combateu as chamas e os doentes salvou! Por tudo isto que te contei, João de Deus foi proclamado Padroeiro... Imagi-

nas de quem? Dos Hospitais, do Doente e do Enfermeiro!

– Oh, o meu avô foi enfermeiro e trabalhou num hospital! Será que conhece S. João de Deus? Quando voltar, vou contar-lhe esta aventura! – disse Tiago entusiasmado.

– E por falar em voltar, eu estou muito chateado! É sempre assim: falam, falam, e nunca se lembram de mim! A história acabou e eu já nada posso acrescentar! UM, DOIS, TRÊS, NA RUA VERDE ATERRAR! – gritou o Grão NOVO, o mais pequeno dos irmãos!

Levados, de novo, pelo vento, Tiago e os três Grãos de Romã regressaram a Portugal aos trambolhões. Começava a cair uma chuva feroz e no céu zangado, ralhavam trovões...

– Rápido, vamos abrigar-nos na cripta! – disse o Grão NOVO a correr pela Rua Verde, todo apressado! Quando os outros chegaram, todos molhadinhos, estava o Grão NOVO seco, divertido e descansado.

– Ah malandro! Esta foi a tua vingança por não te deixarmos falar! Só não nos zangamos, porque escolheste o melhor sítio para esta história acabar!

– E sou eu quem a vai concluir! – disse o Grão NOVO cheio de emoção – Esta é a casa onde S. João de Deus nasceu. Agora, é um espaço de oração! Em 1550, o herói da nossa história faleceu, mas o carisma hospitaleiro nunca mais se perdeu!

Os três grãos de romã, MONTE, MOR e NOVO, juntaram-se ao Tiago, para a despedida.

– Pequeno Tiago, chegou a hora da tua partida! Ao quintal do teu avô vais regressar! Nós temos de ficar! Aqui, é a nossa morada verdadeira! Se nos quiseres rever, vem a Montemor-o-Novo e procura-nos na sua bandeira! E não te esqueças deste recado, companheiro: agora que conheceste S. João de Deus, o desafio é seres como ele, hospitaleiro!

UM, DOIS, TRÊS... QUATRO GRÃOS DE ROMÃ! – gritaram a uma só voz. Nas asas do vento, regressou o Tiago ao quintal do avô Eliseu.

Junto à romãzeira, apenas a sua bola de lã... Nada de novo: nem os grãos, nem a romã! Como haveria ele de provar que a sua aventura fora mesmo verdade?

– Já sei! – disse o Tiago – A partir de hoje vou ser um “grão” de hospitalidade! 🍷



MUSEU S. JOÃO DE DEUS

EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA

Por ocasião do Jubileu dos 450 anos
da *Bulla Licet ex debito* (1572-2022)



Hospitalidade: Caridade & Assistência

MUSEU
SÃO JOÃO DE DEUS
PEDIATRIA E HISTÓRIA

Estrada do Telhal, n.º 55 | 2725-588 Mem Martins
926 606 804 / 219 179 200 | museu@sjd.pt

Ordem Hospitalar de
S. JOÃO DE DEUS
Fundação Hospitalar

A Exposição temporária: “Hospitalidade: Caridade & Assistência”, por ocasião do Jubileu dos 450 Anos da Bula *Licet ex Debito* (1572 – 2022), esteve patente ao público, de 1 de julho a 23 de setembro 2022, no Museu S. João de Deus.

Esta exposição apresentava um percurso expositivo repartido por três salas, destacando-se, na primeira sala, uma réplica desta Bula papal e o retrato de Fr. Pedro Soriano, um dos dois Irmãos que foram a Roma pedir a S. Pio V o reconhecimento institucional; e também uma vitrine com livros sobre a vida de S. João de Deus e as primeiras Constituições da Ordem Hospitaleira, datados do Séc. XVI-XVII.

Continuando o percurso expositivo, as salas seguintes apresentavam a história da antiga Província Portuguesa da Ordem de S. João de Deus, desde 1580 a 1834, e a evolução da assistência hospitaleira, através de painéis pedagógicos, de peças de medicina e de botica da época e de uma coleção de gravuras de Marín Garcia que representam os antigos Hospitais Reais Militares, administrados pela Província Portuguesa.

A exposição foi visitada por Colaboradores e Utentes do Instituto S. João de Deus, entre outros grupos de visitantes. 📷





JOÃO DE DEUS, UM HOMEM SANTO

MARIA DO ROSÁRIO CRISTÓVÃO

A rua de *Los Gomeles* estava num aflitivo alvoroço. As chamas iluminavam a rua e envolviam o Hospital Real de Granada sem piedade. A rua era estreita demais para dar espaço a tanta vontade de ajudar. Todos queriam retirar de dentro do hospital os doentes. Todos gostariam de ter a coragem de entrar no Real Hospital, não fossem as chamas serem tão altas como o céu. Muitos diziam que as faíscas das chamas transformavam-se em estrelas no céu, iluminado a noite. Os que se mantinham na rua, tombavam desesperados sobre o chão, implorando a Deus por misericórdia, outros por ajuda, outros rezavam o terço.

Houve quem tenha conseguido salvar-se a tempo. Mas ainda se ouviam gritos e pedidos de ajuda, vozes que saíam de dentro do Real Hospital. Rompendo de dentro da multidão, um homem acerrou-se do hospital. Olhando o incêndio, as labaredas furiosas, benzeu-se. Encheu o peito de ar. Mediu o movimento oscilante das labaredas e entrou. A voz de quem rezava uniu-se e elevou-se na noite. Olhavam atônitos para dentro do hospital. Aguentavam a respiração, rezavam quase sem ar, tamanha era a ânsia em ver voltar vivo quem acabara de entrar. E viram-no entrar e sair vivo, variadas vezes, carregando às costas os doentes que ainda estavam dentro. Por último, o homem carregou um menino.

Exausto, o homem deitou-se ao lado do menino, sobre as lajes do chão. A multidão, em redor, acudia a todos. Era preciso improvisar outro hospital, era preciso controlar o incêndio. Era preciso tanta coisa. Mas a multidão estava sem palavras! Aquele homem entrara no incêndio e salvara quem lá ainda estava. Voltara de dentro de um incêndio vivo! Era um milagre! A multidão encontrara uma palavra para apregoar naquela noite: Milagre! Milagre!



O menino, deitado ao lado do homem, recuperava lentamente a consciência e a capacidade de falar. Olhou para o homem ao seu lado, um vulto semi-vestido, tisonado e cheio de feridas na pele, respirando com dificuldade. Sob a voz da multidão, perguntou- lhe baixinho:

– Como se chama?

O homem respondeu devagar e com dificuldade:

– João. João de Deus. E tu?

– Lopo. – Esfregando a cara, acrescentou: – Não me »

JOÃO DE DEUS, UM HOMEM SANTO

lembro se tenho outro nome... estou tonto!

João de Deus levantou-se e voltou a carregar o menino às costas. Era preciso levá-lo para uma enfermaria, improvisada numa instalação ali perto. Prestes a deixá-lo, já deitado numa cama e sob os cuidados de uma enfermeira, João de Deus sentiu a mão de Lopo a segurá-lo.

– Não me deixe, por favor!

João de Deus olhou o menino cheio de ternura.

– Não tenhas medo, meu filho! Tenho de cuidar de todos os outros. – João de Deus procurou soltar a mão de Lopo. Mas o menino apertou-a com mais força. Cedendo, sentou-se ao lado dele.

– O João também esteve no incêndio, também tem de ser tratado, como todos nós! Deite-se aqui ao pé de mim! – Lopo afastou o seu corpo pequenino, fazendo espaço.

– Meu querido, eu estou bem! Nunca me há de faltar forças e saúde para ajudar quem precisa, os pobres, os doentes. Estou muito triste com o incêndio no Hospital Real... – João de Deus colocou o rosto por entre as mãos.

Lopo sentou-se a custo na cama e procurou abraçá-lo. Era agora a sua vez de ajudar! Aquele homem que o tinha salvo da fúria das chamas, precisava dele e ele seria capaz de lhe dar força!

– João, acredita em Deus, não acredita? Então, se O traz dentro de si, terá sempre força! – as palavras saíram de dentro de Lopo, sem ele dar conta. Apercebendo-se do que tinha acabado de dizer, Lopo emocionou-se. A mãe levava-o todos os domingos à igreja e dizia-lhe que Deus estava em todo o lado, em especial no coração dos homens.

Lopo sentiu-se novamente enfraquecido e deitou-se. João de Deus afagou-lhe a cabeça e beijou-lhe a testa. De voz trémula, Lopo pediu-lhe:

– Pode contar-me uma história? A minha mãe costuma contar-me uma história... João de Deus olhou admirado para Lopo. Uma história?

– Uma história? – repetiu, aflito. Ora aí estava um desafio. Não costumava contar histórias a ninguém. Pensou demoradamente e por fim acrescentou:

– Uma vez tive uma livraria. Vendi livros.

– Então, pode escolher uma dessas histórias que decerto leu. – sugeriu Lopo, expressando entusiasmo.

– Vou contar-te uma história. Uma história verdadeira, mas que não foi lida em nenhum livro. – João sentou-se ao lado de Lopo. – Era uma vez um menino, de nome João Cidade, nascido em Portugal, em Montemor-o-Novo, no ano de 1490. Quis o destino que, ao longo da sua vida, os seus passos se encaissem variadas vezes para Espanha, outras vezes pelo norte de África, outras vezes de retorno a Portugal, saudoso da família e da sua terra natal. Descobrimo-nos sem família, o menino já feito rapaz decidiu ficar aqui, em Granada, e fazer desta cidade sua morada e dos seus habitantes seus familiares. Em especial, todos aqueles que dele necessitam. Os desprotegidos, os doentes, os pobres, todos... Um dia, ouvindo as iluminadas palavras de Mestre João de Ávila, sentiu uma profunda transformação dentro dele... uma espécie de... luz que nos orienta o caminho...

– Uma luz dentro do coração que nos leva a ir atrás dela... – acrescentou Lopo.

– Como sabes? – João olhou admirado para Lopo.

– A minha mãe diz que Deus orienta os homens bons com a sua luz... – explicou Lopo – Eu também quero ser um homem bom, quando crescer...

João emocionou-se e tentou acabar a sua história:

– E o rapaz já feito homem recolhia os doentes e os pobres e tratava deles na sua humilde casa, até que a sua casa ficou demasiado pequena... e arranjou ajuda de outros homens bons e construiu um hospital... este mesmo que agora ardeu...

– João de Deus, eu sei que vai continuar a arranjar a ajuda de homens bons e reconstruir o Hospital Real de Granada... o João é um santo... a luz dentro de si ajuda-o a conseguir...

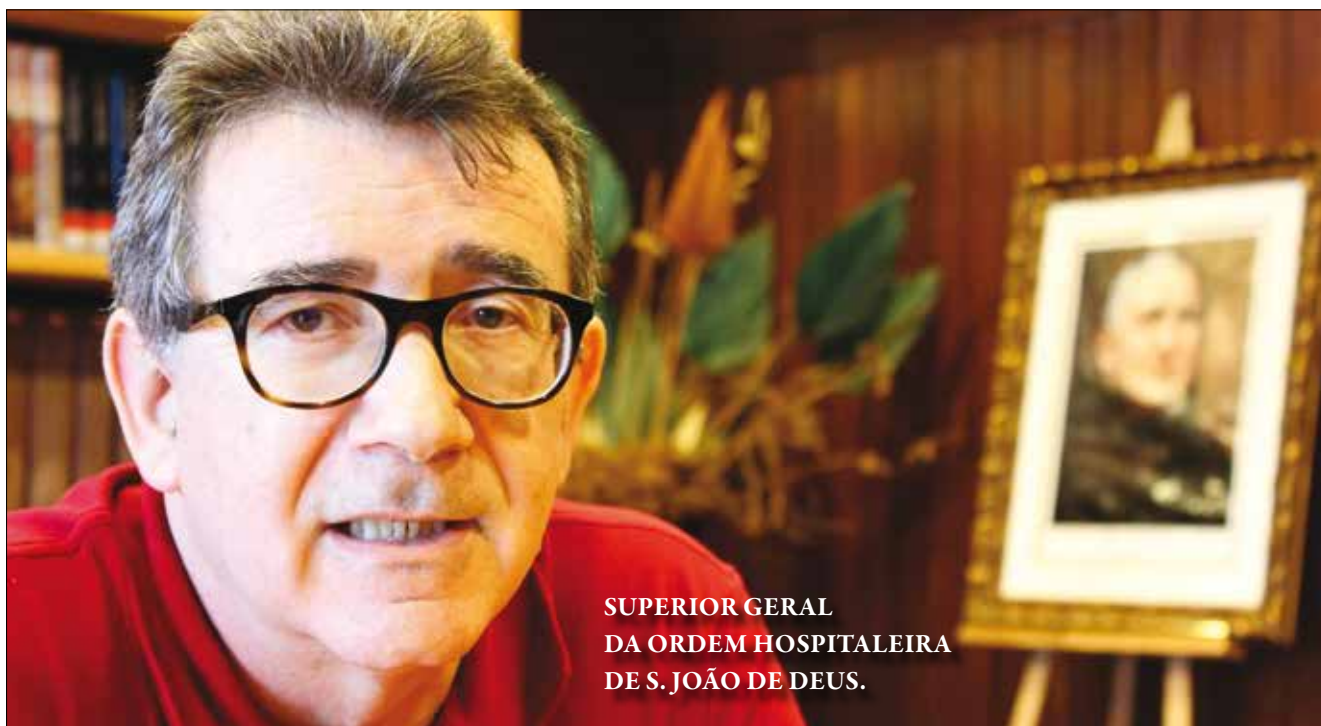
– Lopo sorriu-lhe e piscou-lhe o olho. Fechou os olhos e adormeceu, mantendo a sua mão aconchegada na de João. ■

TERCEIRA MENÇÃO HONROSA DO CONCURSO LITERÁRIO
– CONTO INFANTIL SOBRE S. JOÃO DE DEUS, PROMOVIDO
PELO MUNICÍPIO DE MONTEMOR-O-NOVO.

IRMÃO JESÚS ETAYO

"Os Irmãos foram reconhecidos sobretudo pela caridade"

SUSANA QUEIROGA E CARMINA MONTEZUMA



SUPERIOR GERAL
DA ORDEM HOSPITALEIRA
DE S. JOÃO DE DEUS.

ESTAMOS A COMEMORAR O JUBILEU DOS 450 ANOS DA BULA LICET EX DEBITO DO PAPA S. PIO V QUE APROVOU, A 1 DE JANEIRO DE 1572, A FRATERNIDADE DE JOÃO DE DEUS COMO INSTITUTO RELIGIOSO. QUE MENSAGEM FUNDAMENTAL ENCONTRAMOS NESTE DOCUMENTO?

A mensagem fundamental da bula é precisamente o reconhecimento desta fraternidade. Dizemos fraternidade

porque não se reconhece logo como Ordem. É feito aos seguidores de S. João de Deus, como uma entidade que é reconhecida pela Igreja. Isto foi importante para estes discípulos de S. João de Deus porque se legitimou a missão, a obra, a vida e o estilo de vida que S. João de Deus viveu. Ficou reconhecida esta entidade, não só para aquele momento presente, mas também para o futuro que se desenrolou depois e durante estes 450 anos. Este é o significado fundamental. »

IRMÃO JESÚS ETAYO

O IR. JESÚS ETAYO MENCIONOU, NA CARTA SOBRE A CELEBRAÇÃO JUBILAR QUE DIRIGIU A TODA A ORDEM EM SETEMBRO DE 2021, QUE ESTA BULA PAPAL RECONHECEU OS IRMÃOS “NÃO SÓ PELO HÁBITO COMUM, MAS PELO “ABITUS” QUE OS IDENTIFICA COMO IRMÃOS NA CARIDADE”. PODERÁ COMENTAR UM POUCO ESTA FRASE?

Os Irmãos foram reconhecidos sobretudo pela caridade. Esta caridade, vivida desde a perspectiva da Ordem, assenta portanto na hospitalidade. Efetivamente, as pessoas viam o testemunho destes Irmãos a praticar a caridade como o tinha feito S. João de Deus, a praticar a hospitalidade. Evidentemente, traziam um hábito particular, chamavam-lhes “os Irmãos de S. João de Deus”. Na verdade, aqui o importante foi o reconhecimento de como estes Irmãos foram verdadeiros discípulos e testemunharam o que era a caridade, a mensagem, a hospitalidade. Isto foi testemunhado e valorizado por aqueles que os viam e, depois, pela Igreja, que a levou a emitir este reconhecimento. Este valor segue, de forma permanente, 450 anos depois.

A BULA RECONHECEU UMA COMUNIDADE DE IRMÃOS COM UM IDEAL COMUM, CONFORME COMENTAVA: VIVER NA CARIDADE. HOJE, A ORDEM HOSPITALEIRA CONTÁ COM UMA FAMÍLIA HOSPITALEIRA DE MUITOS COLABORADORES LEIGOS. COMO PODE A MENSAGEM FUNDACIONAL DA BULA CONTRIBUIR PARA UMA MAIOR UNIÃO CARISMÁTICA ENTRE IRMÃOS E COLABORADORES?

É certo que foram reconhecidos os seguidores, os Irmãos, de S. João de Deus. Mas também é certo que no seu tempo existia já esta família, conforme a chamamos nós. Ele próprio era um laico e, sozinho, não teria conseguido, apesar do seu grande testemunho de hospitalidade evangélica. Mas a construção da sua obra aconteceu graças aos que o seguiram, aos seus discípulos, mas também a uma grande quantidade de pessoas de várias proveniências que os ajudaram. Até S. João de Ávila teve um papel fundamental. A família de S. João de Deus já existia desde esse momento. Hoje em dia, esta Bula ajuda-nos no sentido de nos dizer que aquela mensagem continua viva, não só para os religiosos, mas para todos os que compomos esta família, que a hospitalidade testemunhada pelos Irmãos é um chamamento a

todo o povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade que queiram unir-se a este projeto de hospitalidade. Sem dúvida que o reconhecimento que a Igreja fez naquele momento nos leva a dizer que é um reconhecimento de proximidade, muito parecido ao que o Papa Francisco nos disse no discurso que nos dirigiu por ocasião do LXIX Capítulo Geral: fez-nos ver o importante que é a nossa missão, o importante que é continuar a ser fiel ao fundador nos nossos dias.

O TEXTO DA BULA REFERE ALGUNS DOS ASPECTOS AOS QUAIS O IRMÃO “DITO” MAIOR SE DEVE DEDICAR, NOMEADAMENTE QUE NÃO DEVEM SER “INQUIETADOS NA LIVRE ADMINISTRAÇÃO, NO GOVERNO”. NUMA ÉPOCA DE ELEVADA COMPETITIVIDADE, QUE PAPEL ASSUMEM HOJE OS “IRMÃOS MAIORES”?

O Irmão Maior, naquele tempo, era o responsável de tudo e em todos os sentidos, era responsável pelos Irmãos; hoje de alguma forma também, embora as coisas se tenham modificado bastante, se tenham profissionalizado. Creio que no fundo continua a ser a mesma missão, mas com outros matices. Hoje em dia, num mundo de especialização, de competência, ninguém consegue fazer tudo sozinho. A importância do Irmão Maior, para lá disto tudo, assenta na sua coerência de vida, no seu testemunho e na sua capacidade de liderança. Estas características tinha-as, por exemplo, o Irmão Maior da Bula, o Irmão Rodrigo Singenza. Reconheciam-lhe esta liderança, os testemunhos da época referem isso, falam dele como um irmão muito implicado, muito próximo, muito dedicado aos doentes, simples e humildes e, ao mesmo tempo, foi um Irmão que assumiu as suas responsabilidades com os próprios Irmãos. Foi um exemplo, no seu tempo. Hoje, as coisas são vistas de uma outra perspectiva, mas este é um exemplo que ajuda não só os superiores, mas também os colaboradores que assumem responsabilidades na Ordem.

AINDA DENTRO DESTES CONTEXTOS DAS FUNÇÕES DO IRMÃO MAIOR, COMO PRESTAMOS CONTAS HOJE DA ATIVIDADE QUE FAZEMOS? SABEMOS COMUNICÁ-LAS PARA DENTRO E PARA FORA?

Bem, este é sempre um assunto sobre o qual me debato. Dizem-nos sempre que temos que comunicar melhor, que esta é a sociedade da comunicação, de redes sociais... O que mais me preocupa é a questão da linguagem. Para comunicar, te-

mos que ver em que linguagem comunicamos, sobretudo, por exemplo, em relação aos mais jovens, eu tenho grandes dúvidas de que sejamos capazes de nos conectar e adotar a linguagem adequada. Por outro lado, dizem-nos que temos de contar o que fazemos, mas parece que temos aqui uma espécie de contradição entre o que é contar as coisas para as dar a conhecer e, talvez até se calhar por alguma falsa humildade, considerar que não temos que apregoar aquilo que fazemos. Aqui encontramos um pequeno conflito. Mas, sem dúvida, como hoje entendemos a comunicação, até num modo mais profissional, provavelmente aí temos alguns aspetos a melhorar.

CRÊ QUE APROVEITAMOS BEM AS OPORTUNIDADES QUE ESTAS COMEMORAÇÕES PODEM SIGNIFICAR, COMO MOTOR DE REFLEXÃO E DIVULGAÇÃO DA ORDEM HOSPITALEIRA?

Na linha do que dizia anteriormente, provavelmente não estamos a aproveitar. Mas o que nós quisemos foi marcar um feito interessante e importante e pensámos que não seria fazer uma grande celebração, tendo até em conta a quantidade de coisas que a instituição vai vivendo. Considerando que temos tantos anos, não fazíamos outra coisa senão celebrar. Pareceu-nos importante sinalizar este acontecimento porque foi um momento-chave, um momento do qual dependia que a Ordem se constituísse ou não, até porque houve confrontações com outras instituições e o futuro da Ordem jogou-se assim e, graças àquela Bula, pôde continuar e seguir em frente. E isto foi graças à forma como viviam os Irmãos. E sobre isto é importante que reflitamos porque, apesar de ser verdade que temos de comunicar melhor e estar mais presentes, também é verdade que a sociedade nos valoriza de acordo com a nossa coerência. Quando digo isto, refiro-me não só às pessoas, mas também às obras: se a sociedade continua a ver que a Ordem se dedica de uma maneira adequada e coerente, dando um contributo à sociedade a partir do cuidado aos doentes, aos mais necessitados, creio que é fundamental que essa linguagem permanente não se perca. Se a perdemos, perdemos a nossa própria identidade. Agora, se isto tem de ser comunicado de uma maneira ou de outra, provavelmente aí é onde temos de melhorar.

HOJE ESTAMOS A VIVER TEMPOS MUITO DIFÍCEIS NA EUROPA E NO MUNDO. COMO PODEREMOS REAVIVAR ESTAS ORIGENS CARISMÁTICAS DE

HOSPITALIDADE NO PRESENTE E NO FUTURO?

Realmente estamos a viver momentos difíceis e, quando parece que estamos quase a solucionar um problema, logo aparece outro. Acredito muito no projeto de hospitalidade, digamos assim, acredito muito na missão que a Ordem desempenha. Parece-me que é uma das melhores alternativas perante as situações de dificuldade que vive o nosso mundo, incluindo as dificuldades atuais. Face aos problemas atuais, desde o acolhimento de imigrantes, de pessoas frágeis, pessoas sem-abrigo, de doentes mentais e tantos outros, a hospitalidade como alternativa, ou seja, acolher estas pessoas, cuidá-las, estar com elas, enfim, trabalhar por isso, parece-me ser o fundamental. A hospitalidade é uma alternativa inclusive sob o ponto de vista ecológico, de gestão energética, enfim, tudo o que significa cuidar prende-se diretamente com hospitalidade: cuidar a terra, cuidar os recursos, estes são aspetos que não podemos abandonar. Neste momento, estes aspetos têm uma posição muito importante. Alguns poderão dizer que a hospitalidade é só para cuidar os doentes, mas o facto é que temos a terra doente, temos recursos como a água e a energia a escassear, temos que aprender a usá-los de forma adequada. Parece-me que o projeto da Ordem tem muitas possibilidades e temos que desenvolvê-lo também nestas linhas. Ou quando falamos da questão dos abusos, e digo mesmo a todos os níveis que não somente o abuso sexual, abuso a nível económico, psicológico, até sobre os temas de violência doméstica, os maus-tratos. Todos estes tipos de coisas, hoje, são parte fundamental do que somos chamados a praticar a partir do nosso projeto de hospitalidade. Não devemos ser excessivamente rígidos, considerar a hospitalidade a partir do que sempre fizemos. É fazer isso, mas estando sempre abertos e disponíveis para oferecer à sociedade programas, respostas que vão a caminho de melhorar a vida das pessoas, do ambiente, da terra. Creio que, tendo eu a possibilidade de ver e conhecer a Ordem toda, há muita criatividade nestas respostas. Em geral, considero que, de facto, temos de ser muito criativos e abertos a trabalhar nestes pressupostos e, neste sentido, parece-me que a hospitalidade pode oferecer e oferece ao mundo muitas possibilidades e capacidades e acredito que todos temos que continuar o nosso trabalho e fazê-lo com paixão. Como nos dizia o Papa Francisco, criando redes de solidariedade, estando sempre dispostos a trabalhar pelo bem dos outros e pelo bem do mundo. ■

NOVOS ASSINANTES



ASSINE A HOSPITALIDADE E AS PRÓXIMAS DUAS EDIÇÕES SÃO POR NOSSA CONTA!

PREÇO DA ASSINATURA:

1 ano – 20,00€

2 anos – 37,50€

3 anos – 52,50€

PODE EFETUAR O PAGAMENTO POR:

Transferência bancária IBAN: PT50 0018 0319 0020 0003 6672 0
(envio do comprovativo para hospitalidade@isjd.pt)

Vale dos Correios ou Cheque, endereçado ao Instituto
S. João de Deus – Rua S. Tomás de Aquino, 20, 1600-971 Lisboa.
Enviaremos depois fatura/recibo. Se pretender o NIF
na fatura/recibo, queira indicar o respetivo número.

NOME

MORADA

LOCALIDADE

CP

NIF

E-MAIL

MORADA ONDE PRETENDE
RECEBER A REVISTA



PENSAMENTO LIVRE

CARMINA MONTEZUMA E JOÃO CASTELA OLIVEIRA

A Bula *Licet ex debito* do Papa S. Pio V, de 1 de janeiro de 1572, além de constituir um documento pontifício de suma importância institucional para a Ordem Hospitaleira, revela-se também um testemunho do carisma de S. João de Deus pelas virtudes de Fé, Caridade e Esperança (3ª Carta à Duquesa de Sesa) da primeira Fraternidade de Irmãos de João de Deus.

O Papa S. Pio V cita e elogia, ao longo deste documento, estas virtudes carismáticas dos Irmãos, como a sua Fé: “os referidos Irmãos, com grande esforço, não desistem absolutamente da obra que empreenderam e, pelo contrário, prosseguem com grande fervor a referida louvável atividade”; a Caridade dos Irmãos “que se dedicam incansavelmente com a sua caridade a assistir os pobres cristãos”; e a Esperança do Irmão «Maior», Fr. Rodrigo de Siguenza, e desta Fraternidade no atendimento da sua “Súplica”, logo reconhecida e elogiada por S. Pio V: “Nós, que com sincero afeto desejamos dedicar-nos e prover à assistência dos pobres, querendo favorecer Rodrigo e os irmãos num tão piedoso e louvável propósito”.

Nesta altura, o Hospital de João de Deus de Granada tinha um Irmão “Maior”, Fr. Rodrigo de Siguenza, e 18 Irmãos a dar assistência aos enfermos. Para além deste, existiam os Hospitais de Madrid, Lucena e Córdoba, com pequenos grupos de irmãos que aceitaram o apelo de servir os doentes e os mais pobres com grande alegria e entusiasmo: “a sua vida de hospitalidade consagrada aos pobres, aos últimos, aos mais vulneráveis, tornou-os testemunhas credíveis do Amor”.

Este documento pontifício também faz referência ao carisma hospitaleiro em dois acontecimentos históricos, a *Guerra de las Alpujarras* (1568-1571) e a existência de falsos esmoleiros.

No séc. XVI, Granada era uma cidade de contrastes étnicos, culturais e religiosos com uma população mourisca (cristãos-novos, ex-muçulmanos) e cristã, em que bastaria um pequeno incidente para provocar um grave conflito, o que veio a acontecer com a *Pragmática Sanción* de 1567. Este decreto real proibiu os mouriscos de usarem qualquer elemento que os identificasse como seguidores da religião de Maomé, tais como a língua, o vestuário, os banhos, as cerimónias e os ritos religiosos, as danças tradicionais, entre outros aspetos que limitavam fortemente a sua liberdade. Esta proibição culminou numa sangrenta revolta, a *Guerra de las Alpujarras*, que foi um conflito armado ocorrido na região de Granada, entre os anos de 1568 e 1571, durante o reinado de Filipe II de Espanha. A revolta iniciou-se no dia 25 de dezembro de 1568, espalhando-se rapidamente por toda a região, provocando um grande número de mortos e feridos de ambos os lados.

Como consequência deste elevado número de feridos entre os militares, o Irmão “Maior” Fr. Rodrigo de Siguenza, juntamente com os Irmãos Sebastião Arias e Pedro Soriano (mais tarde, o primeiro Superior Geral da Ordem Hospitaleira), partiram para prestar assistência hospitalar. Inspirados no Fundador, tinham uma grande capacidade de organização não só assistencial, mas também de ca- »



riz militar, pois alguns deles haviam combatido no exército espanhol em guerras anteriores, tendo mesmo alcançado altas patentes militares.

No Breve *Salvatoris Nostri* de S. Pio V, dado a 8 de agosto de 1571 (“uma espécie de *Decreto de louvor*, que a Santa Sé dá alguns anos antes da aprovação de um novo instituto religioso”), encontramos as primeiras referências ao extraordinário trabalho dos Irmãos na *Guerra das Alpujarras*, onde realizaram “[...] muitas obras boas com os soldados cristãos, administrando-lhes camas, medicinas [tratamentos] e outras coisas necessárias, assistindo, e curando os feridos, e enfermos com o cuidado, e trato correspondente, e sempre, com grande caridade em favor do Exército Católico”. Destaca o valor destes primeiros Irmãos que, com todas as suas “forças, faculdades, não por interesse, nem por salário, senão de graça, por amor de Deus, e pelo sin-

gular zelo do seu serviço, e honra” tratavam dos doentes e dos mais pobres com todo o carinho e dedicação, pois o Hospital onde se encontravam instalados estava especificamente “preparado para curar os pobres enfermos de tal modo, que todos que lá entram, e também aqueles que lá permanecem, não se procura apenas, que sejam curados com o favor de Deus, das enfermidades do corpo, mas também das doenças da alma”.

Esta Guerra, no entanto, aumentou consideravelmente o número de enfermos e as respectivas despesas no Hospital de João de Deus de Granada, criando grandes dificuldades financeiras aos Irmãos. De acordo com o Breve *Salvatoris Nostri*, o Hospital de João de Deus, tinha cerca de 250 doentes, gastando-se todos os anos cerca de 10.000 ducados. No início de 1572, como refere a Bula *Licet ex debito*, o número de doentes aumentou para 400 e os gas-



tos passaram a ser de 16.000 ducados, recebendo o hospital “muitos cristãos pobres – incuráveis, velhos, [loucos], com doenças corporais”.

Este aumento das despesas hospitalares, derivadas da Guerra, reforçou a necessidade de incrementar as esmolas para o bom funcionamento do Hospital. No entanto, surgiram grandes dificuldades. Aconteceu que, aproveitando-se da crescente reputação dos Irmãos de João de Deus, começaram a aparecer grupos de falsos frades, em várias localidades espanholas, que se apresentavam como Irmãos, vestidos com trajes semelhantes, a pedir esmola para os doentes e desfavorecidos, como podemos ver na “Súplica” apresentada ao Papa S. Pio V, em 1572: “[...] homens de malícia indomável, [...] indivíduos movidos pela ganância, desprovidos do temor de Deus, vestindo um manto que naquelas terras é chamado «Capote» e, normalmente «sayal» [...] também usado pelos Irmãos, tomaram falsamente o nome do próprio hospital [...] e atrevem-se a pedir insistentemente esmolas [...]”. Estes falsos esmoleiros trouxeram grande indignação a Fr. Rodrigo de Sigüenza e aos outros Irmãos, que viam cada vez mais a necessidade de serem reconhecidos oficialmente pela Igreja como instituição religiosa e de terem um Hábito próprio que os distinguisse como Irmãos Hospitalares e, deste modo, serem facilmente reconhecidos: “por todos os fiéis que lhes dão esmolas”. Nas “Providências pontifícias (*Dispositio*)”, o Papa S. Pio V aceita a “Súplica”, concedendo autorização e faculdade a Fr. Rodrigo de Sigüenza e aos outros Irmãos para “usar sobre o seu hábito, ou seja, sobre o capote que vestem usualmente, um escapulário até aos joelhos, do mesmo tecido dito «sayal»”.

O contexto histórico da época impunha uma mudança, pois as dificuldades eram muitas e estes primeiros Irmãos logo

se aperceberam da necessidade de serem reconhecidos como congregação religiosa. Era fundamental chegar à Santa Sé, dar a conhecer o poder carismático da Hospitalidade e apresentar o trabalho que era feito junto dos mais pobres e dos doentes nestes primeiros hospitais geridos pelos Irmãos. Sebastião Arias e Pedro Soriano partiram então para Roma, apresentaram a sua “Súplica” ao Papa S. Pio V, que ouviu e aceitou os argumentos expostos por estes emissários enviados por Fr. Rodrigo de Sigüenza.

Assim, aqueles primeiros exemplos da Hospitalidade, continuadores da obra de S. João de Deus, foram reconhecidos e acolhidos pela Igreja como uma comunidade religiosa, sempre com um ideal comum, que é o de viver na caridade. A sua “frescura, tenacidade, [e] profundidade carismática” permitiu-lhes vencer numerosos obstáculos.

Esta primeira Fraternidade de Irmãos escolheu seguir os passos de S. João de Deus, apesar de se avizinham tempos muito difíceis. Hoje, à semelhança do carisma destes primeiros Irmãos, o Padre Jesus Etayo, Superior Geral da Ordem Hospitalara, pede para “nos deixarmos iluminar e guiar pelo Espírito Santo, de modo a respondermos com generosidade e audácia ao novo apelo que o Senhor dirige à nossa Família de S. João de Deus neste momento: praticar a hospitalidade”. 

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Circular enviada pelo Pe. Jesús Etayo, OH, a 13.09.2021.
ORDO Hospitalarius Sancti Ioannis de Deo – Iubilaeum 450 Licet ex Debito (1572-2022). Roma: Curia Generale, 2022, pp. 121, 126-128.
PARRA Y COTE, Alonso (Fr.) – Bulario de la Sagrada Religión de Hospitalidad de N. P. S. Juan de Dios: Parte primera. Madrid: En la Imprenta de Francisco Xavier García, 1756, pp. 29-30.
RUSSOTTO, Gabrielle – San Giovanni di Dio e il suo Ordine Ospedaliero. Vol.I. Roma: Edizioni dell'Ufficio Formazione e Studi dei Ftebenefratelli, 1969, p. 118

AS SUGESTÕES DOS ENTREVISTADOS

Chiara Donati



LA CURA



De Franco Battiato, um grande músico italiano falecido recentemente. A letra e a música expressam um grande talento artístico e poético. Comove-me. É um hino ao amor e à Hospitalidade!

Termina assim: “Eu salvar-te-ei de cada tristeza, Porque tu és um ser especial, E eu cuidarei de ti, Sim, eu cuidarei de ti”.

PATAGÓNIA



É a viagem que falta na minha geografia pessoal. Apaixonei-me por esta terra ao ler o livro de Bruce Chatwin ‘In Patagonia’, de 1977. É uma terra de extremos: desde a floresta húmida aos desertos e glaciares,

não faltando os vulcões. Imagino-me a ouvir o som da natureza, perfeito para viver em solidão e para ser escolhido como exílio da alma. Um dia, mais cedo ou mais tarde, vou: destino Patagónia!

Irmã Maria da Graça Guedes



QUE VERDADE NOS HABITA?



Da Irmã Maria José Diegues de Oliveira, SFRJS. Escolhi este livro porque não é comum encontrar livros escritos por religiosas portuguesas e pela interpeção do seu próprio título “Que verdade nos habita?” É um livro para ser meditado como a história da nossa vida.

WWW.CIRP.PT



O site escolhido dá-nos a conhecer a Conferência dos Institutos Religiosos de Portugal (CIRP) e possibilita aceder à maioria das Congregações Religiosas e Sociedades de Vida Apostólica de Portugal.

A SEGUIR



PANDEMIA
Aprender com as crises

...e ainda

25 OUT

**Dia dos Mártires
Hospitaleiros**

28 NOV

**Dia da Transladação das
Relíquias de S. João de Deus**

03 DEZ

**Dia Internacional
das Pessoas com Deficiência**

05 DEZ

**Dia Internacional
do Voluntariado**

Especial **SAUDAR-TE**

A ARTE PELOS UTENTES DO ISJD



*S. João de Deus (original e variação) Fotografia de Pedro Coelho.
Utente do Instituto S. João de Deus-Telhal.*

O HOMEM INTEMPORAL, OBREIRO IMPROVÁVEL

MARGARIDA CORDO

O homem precisa de festejar. É feito de uma essência que se pragmatiza em pensamentos, sentimentos e comportamentos. Vive em relação consigo mesmo; com Deus, sob a forma como o concebe; com os outros e com o mundo. E, se bem refletirmos, estas afirmações são transversais aos tempos. Não precisam de tecnologias. Não dependem de circunstâncias concretas. Não têm qualquer pacto civilizacional.

Quando nascemos, não sabemos coisa alguma. Somos objeto de cuidados e essa é condição absoluta da nossa sobrevivência. Devemos ser também objeto de amor e isso é condição do nosso bom crescimento, evolução e progresso.

Ainda não percebemos nada da vida e já simbolizam os nossos primeiros aniversários como se de eventos excecionais se tratassem. Desse modo, a nossa existência vai-se transformando em algo importantíssimo, pois, mesmo na nossa infantil ingenuidade, somos a maior obra da criação. Sim. Somos humanos e valorizam-nos por isso.

Para quem nos dá vida, somos únicos. Que o digam os pais de famílias numerosas, falando do amor que sentem por cada um de seus filhos.

Neste enquadramento, a verdade é que, de vez em quando, nasce alguém que marca de forma ímpar a humanidade e, atrevo-me a dizer, o planeta. É óbvio que falo de quem o faz por razões boas, já que a História se vem encarregando de acumular circunstâncias que provam que também há exatamente o contrário. Disso são exemplo as imparáveis ou as prováveis guerras, de autoria de poucos, mas feitas pelas mãos de muitos; a destruição de pessoas pelas drogas, a benefício de poucos, mas disseminadas por muitos; as descobertas bem-intencionadas, alcançadas por poucos,

que redundam em armas de destruição massiva, capazes de derrubar muitos...

Estes cenários que nos perturbam e nos remetem para o lado negro do ser humano, frequentemente, retiram-nos a esperança, pois avivam-nos as memórias e roubam-nos a inocência que gostaríamos de preservar. Evidenciam seres perturbados na interpretação de si, dos outros e dos acontecimentos, mas que têm poder e margem de manobra para afetar, sem limites, toda uma sociedade. Na sua maioria, podem ser falsos, impulsivos, irritáveis, agressivos, irresponsáveis e incapazes de sentir culpa ou remorso. A empatia é algo que também não experimentam e nem pela cabeça lhes passa que são os outros dos seus outros ou seja que o mal que lhes fazem também os pode afetar. São loucos morais, como se dizia no Séc. XIX.

Mas estas manchas negras, felizmente, não impedem as mentes brilhantes ou os caracteres magníficos que, de uma forma boa, vêm cá marcar a verdadeira evolução.

Estamos a comemorar os 450 anos da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus e, porque não sou historiadora, prefiro falar do que sei e, portanto, começar pelo homem que a originou. Não se trata de construir mais uma biografia. Neste caso, seria uma minibiografia pouco interessante porque muitos já o fizeram; Não se trata de uma descrição das suas vivências, pois essas já se encontram detalhadas em variados documentos.

Trata-se, isso sim, de evocar e comentar alguns traços improváveis que, ao serem percecionados, justificam a grandeza do que hoje existe em herança, proveniente desse ser único, não apenas porque únicos somos todos, mas porque, definitivamente, marcou a História através da sua ação. Fê-



-lo numa, entre outras, ainda hoje, franja marginal do mundo em que vivemos - as pessoas com doença mental grave e incurável que, à época, representavam de forma inequívoca aqueles que todos os outros queriam ver bem longe, julgando-os forte ameaça ou preferindo ignorar que existiam.

S. João de Deus ou, melhor, João Cidade, antes de ser Santo, foi capaz de olhar para quem ninguém queria ver; foi capaz de se desinstalar e de enfrentar o desconhecido; foi capaz de deixar a sua humilde existência, partindo numa aventura incerta, antagônica ao sossego que podia viver na, então, pequena vila onde nasceu.

De entre a lenda e a realidade, sobrou a inequívoca Obra que, quase cinco séculos depois, se revela cada vez mais pertinente e necessária. Espalhada por mais de 50 países nos cinco continentes e com cerca de quatrocentas Obras Apostólicas, que é como quem diz lugares onde os que têm as mais variadas feridas físicas e/ou psíquicas podem encontrar sítio para verem as suas necessidades satisfeitas e as suas existências humanas dignificadas, continua em frente, apesar das adversidades das quais se pode destacar a escassez de vocações consagradas.

Falando do Homem: a simplicidade foi, muito provavelmente, o seu primeiro grande motor; as curtas frases que diziam tudo, apesar de serem totalmente despretensiosas, como *fazei o bem bem feito*; a liberdade de ser, independentemente do que os outros pudessem pensar de si;

A autenticidade no desempenho dos vários papéis que lhe couberam ao longo da, aos dias de hoje, curta vida;

A magnífica relação com o esforço, dando de si tudo, dando-se numa entrega que apenas pode ter sido inspirada pela sobrenatural consciência da sua missão.

O destemor dos loucos não morais, começado pela própria experiência de quase insanidade mental a que esteve su-

jeito, por incompreensão dos homens comuns. Na prática, ninguém poderia pensar que, um dia, chegaria a ser Santo; A boa inocência que, na sua época, ainda era possível, apesar de todas as vicissitudes; a crença no quanto a gente boa pode fazer pelos que mais precisam, cada um na sua condição; A coragem e o arrojo que o impulsionaram a cruzar fronteiras e continentes ou a levar consigo, albergar e dar cama a quantos dela necessitavam, sem pensar como seria o amanhã e se teria meios para suportar tão generosa aventura; a capacidade de experimentar confiança sem a segurança material de poder sustentar as necessidades mais básicas de todos;

A dedicação com que viveu, a partir do momento em que lhe foi possível clarificar a sua verdadeira vocação;

A capacidade empática, não apenas resultante da sua experiência, mas de uma competência invulgar para avaliar os incômodos sofrimentos daqueles e daquelas que, mais facilmente, eram condenados do que acolhidos;

A coerência entre o ser e o dizer, que é como quem diz, entre o pedir ajuda e o dar a própria vida ao serviço daquilo em que acreditava;

Em suma, a sabedoria inspirada de um homem simples, mas claramente escolhido para iniciar uma Obra tão complexa, desafiante e de longevidade improvável.

Naturalmente, as características destacadas não esgotam a descrição do perfil de tão ímpar figura. No entanto, pretendendo, com elas, dizer um pouco sobre a essência da Ordem que, agora, está em festa.

Na atualidade, não é fácil interpretar alguns caminhos percorridos no passado. Os desafios do momento presente esbatem a nossa capacidade de olhar para trás e de compreender algumas ações daqueles de quem somos herdeiros diretos. Seria impensável, hoje em dia, começar uma »

obra a partir de esmolas. No entanto, começam-se grandes projetos assentes numa sofisticada mendicidade de nome dito em língua estrangeira que vai dar exatamente à mesma coisa. Crowdfunding para os mais distraídos. Com mais trabalho intelectual e muito menos esforço físico, alcançam-se objetivos absolutamente similares. E, então? Será que o que nos separa de S. João de Deus é assim tanto? Ou trata-se sobretudo da falta de algumas das suas principais características?

Tempo de aniversário é tempo de comemoração, de reflexão, de avaliação e de ajustamento.

Tempo de aniversário é tempo de enfrentar o presente com otimismo e de preparar o futuro com esperança.

Tempo de aniversário é tempo de não desistir do carisma e de o interpretar à luz da época em que se existe.

Tempo de aniversário é tempo de não abandonar os princípios e de largar a imposição narcísica das personalidades que, neste agora, têm a oportunidade de continuar a obra do Santo português de Montemor-o-Novo.

Os desafios que se colocam em pleno Séc. XXI a quem trabalha, sobretudo em psiquiatria e saúde mental, são extraordinariamente motivadores. As perspetivas é que se tornam escassas, apenas pelo enquadramento e pela pouca relevância que se dá a esta fatia da saúde, como se se tratasse de algo sem significado.

Se tivéssemos, contudo, a coragem de comparar com a circunstância contextual do Séc. XVI, esta Obra não existiria. Temos de ser conscientes da História de então e de como as pessoas com doença mental eram olhadas e tratadas.

Assim sendo, os maiores presentes para estas comemorações serão a persistência e a perseverança dos continuadores deste carisma, consagrados ou não, que lutam pela dig-

nificação de todo o ser humano, seja qual for a sua condição. Cada homem passa, mas, quando é caso disso, a Obra fica. Muitos de nós seremos os anónimos da História da Humanidade. No entanto, se nos empenharmos no que nos é dado fazer de forma óbvia, só porque estamos em determinado lugar a desempenhar determinado papel, então a missão cumpre-se e o benefício transgeracional concretiza-se.

Não é possível dizer com exatidão, à data de hoje, quantos grandes seguidores de S. João de Deus contribuíram para tornar valioso isto que, agora, se comemora; não podemos saber quantos necessitados, ao longo de quase cinco séculos, usufruíram destas ações. Podemos, isso sim, imaginar quantos, em cada canto concreto do mundo, fizeram a diferença direta ou indiretamente, em diversos destinos humanos, não escolhidos, indesejáveis, mas que, pela boa intervenção, não foram vaticinados à exclusão e ao sofrimento sem sentido.

A vida é como uma embarcação com dois remos. Se utilizarmos apenas o de um dos lados, o bote não sairá do mesmo sítio; mas, se remarmos com ambos em simultâneo, faremos a travessia e cruzaremos, com muita probabilidade, o mar ou o rio que nos separa da meta que queremos alcançar. Assim acontece connosco. Se agirmos obstinadamente, somaremos ações em jeito de ativismo oco que a nada conduz e nada e ninguém edifica. Se apenas confiarmos, de forma vazia, sem empenho nem esforço, e, por oposição, nada fizermos de concreto, com certeza ficaremos também no mesmo lugar. Mas, se nos enchermos de coragem para, ao mesmo tempo que agimos como se tudo dependesse só de nós, formos capazes de investir na confiança, processo não visível, mas tão fundamental como a nossa ação, contribuiremos para a edificação daquilo que sabemos ser o que faz



CONTACTOS

CÚRIA PROVINCIAL SEDE ISJD

Rua S. Tomás de Aquino, 20
1600-871 LISBOA
Tel.: 217 213 300
E-mail: sede@isjd.pt
www.isjd.pt

CASA DE SAÚDE DO TELHAL

Estrada do Telhal, 55
2725-588 MEM MARTINS
Tel.: 219 179 200
E-mail: cst.telhal@isjd.pt
www.isjd.pt/cst-telhal

CASA DE SAÚDE S. JOÃO DE DEUS FUNCHAL

Caminho do Trapiche, s/n
Santo António
Caixa Postal 4376
9020-126 FUNCHAL
Tel.: 291 741 032
E-mail: cssjd.funchal@isjd.pt
www.isjd.pt/cssjd-funchal

CASA DE SAÚDE S. RAFAEL

Rua Dr. Aníbal Bettencourt, s/n
Caixa Postal 1102
9701-902 ANGRA DO HEROÍSMO
Tel.: 295 204 330
E-mail: cssr.angra@isjd.pt
www.isjd.pt/cssr-angra

CASA DE SAÚDE S. JOÃO DE DEUS BARCELOS

Av. Paulo Felisberto, 205
4750-783 BARCELOS
Tel.: 253 808 210
E-mail: cssjd.barcelos@isjd.pt
www.isjd.pt/cssjd-barcelos

CASA DE SAÚDE S. MIGUEL

Rua de S. João de Deus, s/n
Caixa Postal 155
9501-902 PONTA DELGADA
Tel.: 296 201 600
E-mail: cssm.pdelgada@isjd.pt
www.isjd.pt/cssm-pdelgada

HOSPITAL S. JOÃO DE DEUS

Rua de Avis, 89
7050-089 MONTEMOR-O-NOVO
Tel.: 266 898 040
E-mail: hospital.montemor@isjd.pt
www.isjd.pt/hospital-montemor

CASA DE SAÚDE S. JOSÉ

Largo S. João de Deus, 1
4755-044 AREIAS DE VILAR
Tel.: 253 919 000
E-mail: cssj.vilar@isjd.pt
www.isjd.pt/cssj-vilar

CLÍNICA S. JOÃO DE ÁVILA

Rua S. Tomás de Aquino, 20
1600-871 LISBOA
Tel.: 217 213 300
E-mail: csja@isjd.pt
www.isjd.pt/csja

RESIDÊNCIA S. JOÃO DE DEUS

Rua S. João de Deus, 6
2495-456 FÁTIMA
Tel.: 249 534 627
E-mail: irmaos.fatima@isjd.pt

FUNDAÇÃO S. JOÃO DE DEUS

Av. Júlio Dinis, 23 - 1.º Esq.
1050-130 LISBOA
Tel.: 217 983 400
E-mail: sede@fsjd.pt
www.fsjd.pt

MISSÃO EM TIMOR LESTE

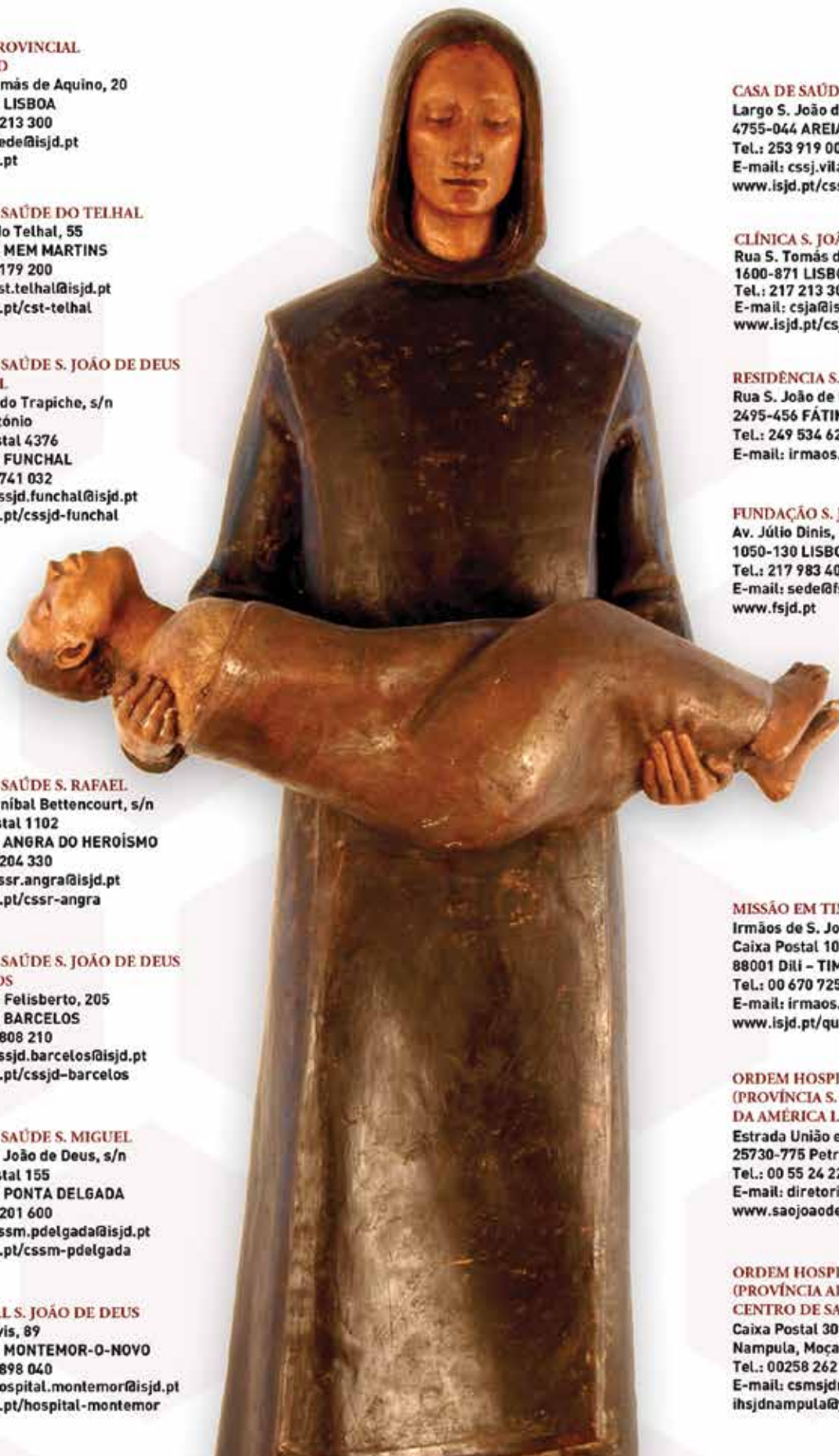
Irmãos de S. João de Deus
Caixa Postal 100
88001 Díli - TIMOR LESTE
Tel.: 00 670 725 7859
E-mail: irmaos.timor@isjd.pt
www.isjd.pt/quem-somos

ORDEM HOSPITALEIRA NO BRASIL (PROVÍNCIA S. JOÃO DE DEUS DA AMÉRICA LATINA E CARAÍBAS)

Estrada União e Indústria, 12192
25730-775 Petrópolis, RJ
Tel.: 00 55 24 222 226 57
E-mail: diretoria.it@saojoaodedeus.org.br
www.saojoaodedeus.org.br

ORDEM HOSPITALEIRA EM MOÇAMBIQUE (PROVÍNCIA AFRICANA DE SANTO AGOSTINHO) CENTRO DE SAÚDE MENTAL S. JOÃO DE DEUS

Caixa Postal 308
Nampula, Moçambique
Tel.: 00258 262 134 38
E-mail: csmsjdnpl@teledata.mz
ihsjdnampula@yahoo.fr





Senescist et Sapiientia

11 NOVEMBRO 14H às 18H
MUSEU S. JOÃO DE DEUS | TELHAL

Momento Cultural

TESTEMUNHOS DE LONGEVIDADE:
Memória e Presente | MODERADOR: Paulo Rocha

ORDEM HOSPITALEIRA DE S. JOÃO DE DEUS
ORDEM DE SÃO DOMINGOS DE PORTUGAL
ORDEM DE SANTO AGOSTINHO
ORDEM DE SÃO BENTO
ORDEM DOS FRADES MENORES CAPUCHINHOS
ORDEM DOS IRMÃOS DA BEM-AVENTURADA VIRGEM MARIA DO MONTE CARMELO
ORDEM DOS CARMELITAS DESCALÇOS
ORDEM DOS FRADES MENORES CONVENTUAIS
COMPANHIA DE JESUS
ORDEM DOS CÔNEGOS REGRANTES DE SANTA CRUZ
ORDEM DOS FRADES MENORES

Visita ao Museu



ORDEM HOSPITALEIRA DE
S. JOÃO DE DEUS
PROVÍNCIA PORTUGUESA